

JOSELMA SALAZAR DE CASTRO

**A CONSTITUIÇÃO DA LINGUAGEM E AS ESTRATÉGIAS DE
COMUNICAÇÃO DOS E ENTRE OS BEBÊS NO CONTEXTO
COLETIVO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**FLORIANÓPOLIS
2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

JOSELMA SALAZAR DE CASTRO

**A CONSTITUIÇÃO DA LINGUAGEM E AS ESTRATÉGIAS DE
COMUNICAÇÃO DOS E ENTRE OS BEBÊS NO CONTEXTO
COLETIVO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção de título de MESTRE em EDUCAÇÃO, na área de concentração Educação e Infância, vinculado ao Centro de Ciências da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da Professora Doutora Eloísa Acires Candal Rocha.

**FLORIANÓPOLIS
2011**

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

C355c Castro, Joselma Salazar de

A constituição da linguagem e as estratégias de comunicação dos e entre os bebês no contexto coletivo da educação infantil [dissertação] / Joselma Salazar de Castro ; orientadora, Eloísa Acires Candal Rocha. - Florianópolis, SC, 2011.

205 p.: il., grafs., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Educação. 2. Crianças. 3. Educação infantil. 4. Linguagem. 5. Comunicação. I. Rocha, Eloísa Acires Candal. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE Mestrado em Educação

**“A CONSTITUIÇÃO DA LINGUAGEM E AS ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO
DOS E ENTRES BEBÊS NO CONTEXTO COLETIVO DA EDUCAÇÃO INFANTIL”**

Dissertação submetida ao Colegiado do Curso
de Mestrado em Educação do Centro de
Ciências da Educação em cumprimento parcial
para a obtenção do título de Mestre em
Educação

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 26/08/2011

Dra. Eloisa Aires Candal Rocha (CED/UFSC-Orientadora)

Dra. Daniela de Oliveira Guimarães (PUC/RIO-Examinadora)

Dra. Nelita Bortolotto (CED/UFSC-Examinadora)

Dra. Angela Maria Scalabrin Coutinho (CED/UFSC-Examinadora)

Dra. Kátia Adair Agostinho (CED/UFSC-Suplente)

JOSELMA SALAZAR DE CASTRO

Profa. Célia Regina Vendramini
Coordenadora do Programa de
Pós-Graduação em Educação/CED/UFSC
Portaria nº 988/GR/2010



Imagem I: Expressões dos bebês no Diário de Campo
Fonte: Acervo da pesquisadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente ao universo que conspirou e possibilitou-me viver essa experiência de realizar o Mestrado em uma Universidade Pública Federal.

Agradeço carinhosamente à professora Eloisa Rocha que aceitou ser minha orientadora e, neste breve percurso, me trouxe muitos ensinamentos.

Agradeço aos professores e colegas que compõem o NUPEIN, em especial o professor João Josué e a colega professora Angela Coutinho, que sempre me auxiliaram no que necessitei. De mesmo modo, agradeço às professoras das disciplinas cursadas, durante o curso.

Agradeço a sensível e profícua contribuição das professoras Daniela Guimarães e Nelita Bortolotto, que examinaram e avaliaram o texto de Qualificação e indicaram ricas possibilidades de aprofundamento.

Deixo meu registro de carinho e gratidão a tudo que aprendi junto aos colegas do grupo de mestrado/2009: Carolina, Cristina, Fabiana, Fábio, Gisela, João, Juliana, Marlise e Teresa. Nossas conversas, cafés e encontros marcaram uma caminhada de busca pelo conhecimento, de partilhas e de um carinho recíprocos.

Agradeço ao apoio financeiro da CAPES, que, mesmo por poucos meses, me auxiliou com a Bolsa CAPES/Professor.

Meus sinceros agradecimentos ao grupo de profissionais do NEI São Lucas Batista que me incentivaram e perdoaram meus distanciamentos para realizar este estudo, em especial às colegas que se tornaram amigas, Enedina e Marilda, acima de tudo pela compreensão.

Ao meu querido grupo de colegas da Creche Hermenegilda, com quem partilho meus dias de trabalho, desafios e desabafos, pelas angústias dos

momentos finais de pesquisa. Ao Sidney, nosso diretor, que não mediu esforços para que eu pudesse concluir esta etapa de minha vida, meu muito obrigada.

Agradeço também à equipe da Diretoria da Educação Infantil do município de Florianópolis que até o presente momento sempre me auxiliou e me incentivou no que precisei.

Um obrigada especial a Márcia Magalhães, que em diversos momentos acalentou meus anseios, me ouvindo e me dizendo sábias palavras. Agradeço a Naná e o Sr. Carlos pelo carinho e atenção que despenderam a mim nesse período de muito trabalho e estudo. Agradeço a Michelle e ao Fábio pelo apoio, pela torcida.

Elaine Teixeira, Eliane Dutra, Nataliê, obrigada por serem exemplo de trabalho comprometido e exemplos acadêmicos que me inspiram.

Obrigada pela descontração e alegria que muitas vezes Joce, Jaque e Raquel me proporcionaram, me aliviando a tensão do cotidiano acadêmico.

Deixo meu agradecimento e meu pedido de perdão a todos os amigos e colegas, que, de um modo ou de outro, me ajudaram, torceram por mim e por ora não estão sendo mencionados diretamente.

À amiga Rosi Schmitt que muito me ajudou e muito me ensina, sempre tão disponível e com um conhecimento tão engrandecedor acerca da educação das crianças pequeninas. À amiga Chris, pelo companheirismo e pela força nos momentos difíceis, da mesma forma à amiga Paloma que, além de sempre me incentivar, me ajudou no que precisei e muito me ensina com seu amplo conhecimento. Igualmente agradeço ao Leandro pela paciência em me ajudar.

Aos amigos Altino, Ana Cláudia e Ana Paula que me acolheram carinhosamente na cidade vizinha (Biguaçu) quando por lá passei, e tornaram meus dias mais alegres naquele período de estadia, sempre me incentivando à realização do Mestrado. Obrigada por tudo!

Obrigada, com respeito e admiração, às meninas e meninos de tão pouca idade que me aceitaram, deixando-me participar do cotidiano deles e que muito me revelaram do que sabem e dos seus modos de ser e estar naquele espaço coletivo. Agradeço, ainda, à diretora da creche, *lócus* da pesquisa, e a todas as profissionais que permitiram a pesquisa, principalmente a professora e as auxiliares de sala do grupo dos bebês.

Agradeço a minha família: a amorosidade fraterna de minha mãe Elma, e aos meus queridos sobrinhos, Jhon e Vitória, que sempre tornam nossos dias mais alegres e plenos de esperança, mesmo nos momentos mais difíceis. Obrigada pelo amor, carinho e pela torcida; saibam que, mesmo a distância, vocês sempre estão presentes nas escolhas que tenho que fazer. Agradeço ao meu pai José e a minha irmã Rosilane; onde quer que vocês estejam, sinto-os perto de mim. Pai, obrigada por ter me ensinado que o conhecimento é a única riqueza que vale à pena conquistar, quicá um dia eu tenha também sabedoria como tiveste!

Por fim, ao meu querido companheiro Fabrício, que, pacientemente, enfrentou comigo esta árdua tarefa, permanecendo ao meu lado durante esses dois anos, de quarenta horas de trabalho e um curso de pós-graduação em nível de mestrado. Pelo amor sereno e pela maturidade que sempre me transfere, meu muito obrigada!

RESUMO

Neste trabalho procurou-se observar e analisar a constituição da linguagem entre os bebês e dos bebês, bem como as estratégias de comunicação que utilizam antes da fala. A pesquisa de campo ocorreu em uma creche pública municipal de Florianópolis, envolvendo, diretamente, treze bebês, seis meninas e sete meninos, com idade entre sete e dezoito meses. Com o propósito de conhecer as formas de comunicação dos bebês no espaço coletivo da educação infantil, me inseri no cotidiano das crianças do Grupo I (Berçário) por, aproximadamente, quatro meses, participando de diferentes momentos da rotina desses pequeninos. Durante o processo de pesquisa foi realizado um levantamento bibliográfico acerca das produções sobre as crianças nos primeiros anos de vida, e, um breve levantamento teórico acerca da constituição da infância no século XX. Como procedimento metodológico, buscou-se no método etnográfico, pautando-se em Graue e Walsh (2003) e Sarmiento (2005), utilizando, como principais recursos para os registros, bloco de anotações (diário de campo), máquina fotográfica e filmadora. Também buscaram-se algumas orientações na metodologia de pesquisa de Mikhail Bakhtin. Nesta investigação com bebês e a constituição da linguagem entre eles, o principal referencial teórico utilizado foi do próprio filósofo russo, Bakhtin, principalmente a partir dos conceitos de *alteridade*, *dialogismo*, *diálogo*, *texto*, *outro* e *exotopia*, buscando entrecruzar esses estudos com os pressupostos da Sociologia da Infância (CORSARO, 2005; FERREIRA, 2000; SARMENTO, 2002; 2004) e os princípios da Psicologia Histórico-Cultural no que se refere ao desenvolvimento humano (VYGOTSKY, 1996; 1989). Por meio da observação empírica foi possível, por uma série de aspectos linguísticos e extralinguísticos localizados no contexto social do qual participam as crianças, constatar a ação dos bebês na instituição formal de educação infantil, as estratégias que descobrem entre si na partilha das ações e a linguagem que constituem. A linguagem central entre os bebês é constituída por um conjunto de ações que se diferem da linguagem falada. Nesse sentido, este trabalho estrutura-se a partir da apresentação do desenvolvimento teórico e metodológico da pesquisa, seguindo com a descrição do cotidiano dos bebês e a análise realizada a partir da coleta de dados. Na análise final, constatou-se que os olhares, risos, choros, balbucios, gestos, movimentos e expressões faciais dos bebês desencadeiam a descoberta das estratégias de comunicação que utilizam antes da fala, como uma

grande categoria. A partir dessa grande categoria, percebe-se que os bebês se apropriam dos atos sociais do cotidiano, agem com e sobre eles e os transformam. Constatou-se, ainda, a produção de “diálogos” entre os bebês e a potencialidade deles como produtores de “texto”.

Palavras-chave: bebês; educação infantil; linguagem; comunicação.

SOMMARIO

In questo lavoro si ha cercato di osservare e analizzare la costituzione del linguaggio tra i bambini e dei bambini di età inferiore ad un anno, stesso le strategie di comunicazione che utilizzano prima del linguaggio orale parlato. La ricerca di campo è stata presa ad un nido municipale a Florianopolis, coinvolgendo, direttamente, tredici bambini, sei femmine e sette maschi, con età tra sette e diciotto mesi. Con l'obiettivo di conoscere le forme di comunicazione dei bambini nello spazio collettivo dell'educazione infantile, sono entrata nel quotidiano dei bambini del Gruppo I (nido) per circa quattro mesi, partecipando dei diversi momenti delle abitudini di questi piccolini.

Nel corso del processo di ricerca è stato realizzato un'indagine bibliografica sui bambini e una concisa ricerca teorica ad'intorno della costituzione dell'infanzia nel XX secolo. Come processo metodologico, si ha cercato di ispirarsi nel metodo etnografico, soprattutto le ricerche di Graue e Walsh (2003) e Sarmiento (2005), utilizzando, come principali ricorsi per i registri, blocco di note (diario di campo), fotocamera e filmatrice. Sono stati cercati anche alcuni orientamenti nella metodologia di ricerca di Mikhail Bakhtin. In questa indagine con i bambini e la costituzione del linguaggio tra loro, il principale riferimento teorico utilizzato è stato del proprio filosofo russo Bakhtin, principalmente a partire dai concetti dell'alterità, dialogismo, dialogo, testo, altro e exotopia, cercando di incrociare questi studi e i presupposti della Sociologia dell'Infanzia (CORSAO, 2005; FERREIRA, 2000; SARMENTO, 2002; 2004) e i principi della Psicologia Storico-Culturale (VYGOTSKY, 1996; 1989).

Attraverso l'osservazione empirica è stato possibile, per una serie di aspetti linguistici e extralinguistici localizzati nel contesto sociale in cui partecipano i bambini, constatare la azione dei bambini nell'istituzione formale dell'educazione infantile, le strategie che scoprono tra se nella divisione delle azioni e il linguaggio che costituiscono. Il linguaggio centrale tra i bambini è costituito per un insieme di azioni che si distinguono dal linguaggio parlato. In questo senso, il lavoro, si struttura a partire della presentazione dello sviluppo teorico e metodologico della ricerca, seguendo con la descrizione del quotidiano dei bambini e l'analisi realizzata a partire della colletta dei dati. Nell'analisi finale, si ha constatato che gli sguardi, i risi, i pianti, i balbuzie, i gesti, i movimenti e le espressioni facciali dei bambini scatenano la scoperta delle strategie di comunicazione in cui utilizzano prima del parlare, come una grande categoria. A partire da questa grande categoria, si

percepisce che i bambini si appropriano degli atti sociali del quotidiano, agiscono sui loro e li trasformano. Si è constatato anche la produzione di “dialoghi” tra i bambini e la loro potenzialità come produttori di “testo”.

Parole-chiave: Bambini. Nido. Educazione infantile. Linguaggio. Comunicazione.

LISTA DE SIGLAS OU ABREVIATURAS

ACT – Admitido em Caráter Temporário

AMSAL- Associação de Moradores de Santo Antônio de Lisboa

ANPED- Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior

CEPSH- Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos

CINDEDI- Centro de Investigação sobre o Desenvolvimento e Educação Infantil

CME- Conselho Municipal de Educação

DEI- Divisão de Educação Infantil

DEPE- Divisão de Educação Pré- Escolar

GT- Grupo de Trabalho

NEI- Núcleo de Educação Infantil

NUPEIN- Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância

PMF- Prefeitura Municipal de Florianópolis

PPGE- Programa de Pós-Graduação em Educação

PPP- Projeto Político Pedagógico

SME- Secretaria Municipal de Educação

TECLE- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TTDD- Teste de Triagem de Desenvolvimento de Denver

UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

UFRGS- Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNISC- Universidade de Santa Cruz do Sul

USP- Universidade de São Paulo

LISTA DE EPISÓDIOS

Episódio I: A brincadeira de esconde-esconde	60
Episódio II: O revelar dos sentidos e a percepção dos bebês	97
Episódio III: Os bebês conseguem: o desafio foi lançado	92
Episódio IV: A disputa do diário de campo	109
Episódio V: Quem vai jantar primeiro? As estratégias dos bebês no momento das refeições	113
Episódio VI: O olhar que revela	120
Episódio VII: Um acordo por meio do olhar	121
Episódio VIII: O olhar que convida e responde à ação	124
Episódio IX: Diálogos sem palavras	128
Episódio X: Uma tarde no parque: cada bebê no seu tempo	134
Episódio XI: O diálogo pelas ações dos bebês: um convite ao desafio	136
Episódio XII: Descobrimo outras possibilidades	141
Episódio XIII: Quando o coletivo é também individual	144
Episódio XIV: A resignificação dos objetos pela ação dos bebês	147
Episódio XV: O faz-de-conta nas ações dos bebês: um caminho à imaginação	152
Episódio XVI: Brincadeira de roda ou texto coletivo?	156
Episódio XVII: A invenção da banda	159
Episódio XVIII: A chegada de Flávia e a brincadeira com o chapéu	165
Episódio XIX: Os diferentes sentidos de uma mesma manifestação	169

LISTA DE IMAGENS

Imagem I: Expressões dos bebês no Diário de Campo	03
Imagens II: Ricardo escondendo-se no tapete	60
Imagem III: Brincando e mostrando-se à pesquisadora	98
Imagem IV: Flávia protesta pelo lanche	105
Imagem V: Os bebês com o diário de campo	109
Imagem VI: A troca das cadeiras	113
Imagens VII: Diálogos entre Igor e Lucas	124
Imagens VIII: Igor e Lucas continuam brincando juntos	126
Imagens IX: Flávia e Ricardo em interação	129
Imagens X: Flávia e Luiza no colo da professora	134

Imagens XI: A descoberta do escorregador pelos bebês	137
Imagens XII: Denise e Ricardo explorando a prateleira	142
Imagens XIII: Os bebês brincando no tapete	144
Imagens XIV: Gabriela com as luvas	148
Imagens XV: Lia com a caneca e o carrinho	152
Imagens XVI: Bebês dançando	156
Imagens XVII: Os bebês com alguns objetos e brinquedos	160
Imagens XVIII: Flávia com o chapéu	165
Imagem XIX: Igor verbalizando	169

LISTA DE QUADROS

Quadro I: Categoria e subcategorias das cenas registradas	81
--	-----------

LISTA DE TABELAS

Tabela I: Número de crianças por grupo. Resolução n.01/2009 CME	65
Tabela II: Idade das crianças	66
Tabela III: Pesquisas do levantamento bibliográfico	173
Tabela IV: Organização das categorias das análises	183

LISTA DE FIGURAS

Figura I: Organograma de organização das análises	85
--	-----------

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
1.1 INQUIETAÇÕES DE UM PERCURSO PROFISSIONAL E ACADÊMICO	17
2 AS PESQUISAS BRASILEIRAS: OS BEBÊS E A RELAÇÃO COM A CONSTITUIÇÃO DA LINGUAGEM	27
2.1 PESQUISAS REALIZADAS COM CRIANÇAS DE ZERO A TRÊS ANOS E A APROXIMAÇÃO COM A CONSTITUIÇÃO DA LINGUAGEM	29
2.1.1 As pesquisas na área da educação com bebês no primeiro ano de vida	32
2.1.2 A contribuição de outras áreas do conhecimento: as pesquisas com os bebês	33
2.2 OS BEBÊS E A LINGUAGEM	37
2.2.1 Infância e retórica: onde ficam os bebês nessa relação?	45
2.2.2 A representação dos bebês na história da infância do século XX	46
2.2.3 Da invisibilidade dos bebês à significação de suas ações	53
3 ALGUNS CAMINHOS ESCOLHIDOS	59
3.1 PESQUISANDO COM BEBÊS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL	61
3.2 O PESQUISADOR COMO PARTE CONSTITUTIVA DA INVESTIGAÇÃO	66
3.3 A ESCOLHA DO CAMPO DE PESQUISA	69
3.3.1 Uma breve caracterização do bairro	70
3.3.2 A origem da creche e a relação com o contexto histórico da educação infantil em Florianópolis	71
3.3.3 As crianças	74
3.3.4 Alguns dados pedagógicos do campo de pesquisa	77

3.4 O ENCONTRO COM O CAMPO DE PESQUISA	78
3.4.1 Aproximando-me dos bebês	80
4 CONCEITO DE LINGUAGEM: POR UMA ANÁLISE FILOSÓFICA	85
4.1 OS PRESSUPOSTOS DA LINGUAGEM E O CONHECIMENTO ACERCA DOS BEBÊS	85
4.1.1 Nas intermitências da linguagem	88
4.1.2 Para continuar...	89
4.2 A CONSTITUIÇÃO DA LINGUAGEM E AS ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO ENTRE OS E DOS BEBÊS NO CONTEXTO COLETIVO DA EDUCAÇÃO INFANTIL	90
4.2.1 A constituição da linguagem: uma experiência com bebês	91
4.2.2 Na tessitura das análises	93
4.3 AS ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO DOS E ENTRE OS BEBÊS	97
4.3.1 Os códigos sociais e a apropriação dos sentidos	101
4.4 OS DIÁLOGOS ENTRE OS E DOS BEBÊS	117
4.5 OS BEBÊS COMO PRODUTORES DE TEXTOS	145
5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES: REFLETINDO O VIVIDO	173
REFERÊNCIAS	181
ANEXOS	188
ANEXO I: Carta aceite da diretora da creche	188
ANEXO II: Termo de compromisso das pesquisadoras	189
ANEXO III: Termo Consentimento das famílias	190
ANEXO IV: Gráficos	192
ANEXO V: Tabelas de pesquisas do levantamento bibliográfico	196
ANEXO VI: Tabela para organização das categoria das análises	205

INTRODUÇÃO

Na ordem do ser, a liberdade humana é apenas relativa e enganadora. Mas na ordem do sentido ela é, por princípio, absoluta, uma vez que o sentido nasce do encontro de dois sujeitos, e esse encontro recomeça eternamente.

Tzvetan Todorov

1.1 INQUIETAÇÕES DE UM PERCURSO PROFISSIONAL E ACADÊMICO

Meu interesse inicial em estudar as estratégias de comunicação no processo de constituição da linguagem entre os e dos bebês surgiu a partir de algumas leituras quando retornei ao curso de Pedagogia para buscar a formação em Educação Infantil, já que, primeiramente, realizei a formação em Supervisão Escolar. No período de estágio, em uma creche municipal de Florianópolis, as leituras e observações estavam voltadas para crianças de zero a três anos, porém, no momento da escolha do grupo a ser observado e a delimitação da temática a ser desenvolvida, não houve oportunidade de realizar o estágio em um grupo de berçário. Assim, desenvolvi o trabalho de conclusão de curso (Monografia) voltado a crianças de dois a três anos. Contudo, não me senti satisfeita e mantive a busca por leituras que trouxessem a pesquisa sobre a linguagem dos bebês, já que, atuando como professora de educação infantil, também em contextos de berçários, por vários anos, sempre senti necessidade de fundamentar e compreender melhor os movimentos que expressam a comunicação e a linguagem nos pequeninos.

Outro aspecto que me auxiliou na escolha pela investigação da constituição da linguagem entre os bebês no contexto coletivo da creche foi a aproximação com os estudos de Bakhtin (1986) e Jobim e Souza (1994), que possibilitaram uma primeira impressão da complexidade da constituição da linguagem humana. E, nesse caso, convergiu para as preocupações e o interesse em estudar os bebês, a fim de melhor conhecê-los e compreender quais estratégias de comunicação constituem a linguagem e, quais pressupostos do meio social, partilhado pelos bebês, contribuem com a comunicação antes da fala.

Estudos e pesquisas com os bebês vêm acompanhando meu percurso profissional desde o ano de 1998, período em que frequentei o curso de Pedagogia na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) no interior do estado do Rio Grande do Sul. Naquele mesmo período realizei um estágio remunerado como monitora¹ de creche, conforme eram chamadas as profissionais de educação infantil daquela rede municipal. A primeira experiência foi com um grupo de bebês e, desde então, procurei me aproximar desse grupo e de seu cotidiano no espaço coletivo da creche, a fim de compreender os significados de suas manifestações. Depois de dois anos trabalhando em contexto de creche e cursando Pedagogia, decidi morar em Florianópolis e tentar vestibular em uma universidade pública, ingressando, em 2003 no curso de Pedagogia da FAED/UDESC. Concomitantemente ao curso, continuei exercendo a docência com crianças pequenas², porém, nesse período, em instituições de Educação Infantil da rede particular de ensino, da capital catarinense.

Somente cinco anos após, em 2008, tive contato com a Rede Pública de Ensino Municipal de Florianópolis, atuando por um período curto de tempo como professora Admitida em Caráter Temporário (ACT), com bebês de um ano a um ano e meio, mas, logo em seguida, assumi o cargo também de professora de bebês na Rede Municipal Pública de Biguaçu, através de concurso público realizado naquele município. No ano seguinte, 2009, retornei a Florianópolis para assumir o cargo público de Supervisora Escolar, em função agora do resultado do concurso público realizado para esta cidade, com o privilégio de escolher a vaga em um Núcleo de Educação Infantil, desafio que havia estabelecido para mim mesma, ou seja, o de experimentar outra função na Educação Básica que não fosse a docência. Naquele momento já vivia em mim o desejo de ir mais longe no percurso acadêmico. Com uma nova função, e no contexto de educação infantil, me propus a pensar de forma mais efetiva em um projeto de pesquisa que trouxesse os bebês como sujeitos principais.

Somado a tudo isso, o tema emergiu, sobretudo, das observações realizadas e registradas, já que meu envolvimento e mediação no

¹ Segundo Pereira (2011), em seus estudos com os bebês pela UFRGS, o termo monitora aparece como nomenclatura às profissionais que auxiliam o trabalho das professoras com as crianças nas creches de Porto Alegre, capital gaúcha.

² Ao me referir a crianças pequenas em contexto de educação infantil, refiro-me às crianças com idade inferior a dois anos, de acordo com a idade dos sujeitos que constituíram esta pesquisa.

diálogo e na comunicação com e entre os bebês eram constantes. Também na função de Supervisora Escolar percebi a importância de manter uma relação próxima com as crianças, inclusive as pequeninhas, como forma de participar do processo educativo delas nesse espaço específico de interação social, bem como, de participar do processo de documentação pedagógica, tecendo articulação com os olhares das demais profissionais.

Meu maior interesse sempre foi compreender melhor os diálogos, a comunicação que percebia ocorrer entre os bebês, destes com os adultos e com o contexto da educação infantil, em que se encontravam, na busca da valorização do que pretendiam anunciar com suas expressões e manifestações. Nesse caso, a linguagem observada revelava hipóteses do que desejavam aqueles bebês, seus interesses e a própria apropriação de conhecimento, além da produção de uma cultura ressignificada pela dimensão subjetiva desses bebês.

Sarmento (2004) afirma que as culturas produzidas na infância perpassam pela dimensão das relações que se estabelecem entre os pares e entre os outros sujeitos da relação. Desse modo, as culturas se constituem a partir do contexto social, de modo *distinto* dos adultos, transformado pela interpretação e simbolismo da criança.

Esta pesquisa defende a tese de que os bebês constituem a linguagem nas interações sociais. Nesse sentido, as emoções contribuem na manifestação dialógica que constitui o ir e vir da relação com o meio e com os demais sujeitos de suas vivências. Algo que Vygotsky (1996, p.282) já mencionara:

É digno de apontar que o recém nascido, muito antes de reagir aos elementos isolados da situação, percebidos de forma separada, reage a um todo complexo da matriz emocional. Por exemplo, o rosto de sua mãe, seus movimentos expressivos, provocam no menino uma reação anterior a sua capacidade de perceber isoladamente alguma forma, cor, magnitude. Na percepção inicial do recém nascido todas as impressões exteriores estão indissolivelmente unidas com o afeto que lhe matiza o tom sensitivo da percepção. O menino percebe antes o afável o amenizador, ou seja, em geral, o expressivo dos elementos

objetivos da realidade exterior.³ [Tradução da autora]

Sendo assim, a criança, por meio de suas necessidades, desejos e emoções, estabelece as primeiras relações diretas de comunicação, com vínculos biológicos (criança – mãe – ou outro adulto), ou seja, é no núcleo familiar que a linguagem começa a se manifestar e é pela influência socializadora do meio que esse processo vai se vitalizando. No entanto, cabe ressaltar que a realidade dos tempos atuais mostra-nos o quão cedo os pequeninos se inserem nos espaços coletivos de educação infantil formal, como, por exemplo, a creche.⁴

Entendem-se os contextos coletivos das creches como espaços privilegiados para os bebês, as crianças e os adultos travarem diálogos que constituem a linguagem, mas, ao mesmo tempo, esse espaço de coletividade tem uma grande responsabilidade em permitir que as nuances da linguagem se concretizem.

No processo de socialização, gradualmente, o bebê vai constituindo certa consciência de si e do seu entorno, manifestando, pelas suas expressões verbais (choro, balbucios) e não verbais (movimentos, olhares, gestos), possíveis desejos, sentimentos e ações sociais⁵. Essas interpretações são apropriadas pelos bebês nas relações sociais estabelecidas nos e pelos contextos que compartilham. É importante ressaltar que as ações dos bebês também modificam e transformam as relações dos contextos sociais, dos quais participam⁶.

Nesse sentido, as contribuições de Wallon (1975), são pertinentes, pois, segundo o autor, mesmo o bebê tendo necessidade de cuidados e sendo inicialmente manipulado pelo outro (adulto), ele é um

³ El digno de señalar que el recién nacido, mucho antes de reaccionar a los elementos aislados de la situación, percibidos por separado, reacciona a un todo complejo de matriz emocional. Por ejemplo, el rostro de su madre, sus movimientos expresivos provocan en el niño una reacción muy anterior a su capacidad de percibir aisladamente alguna forma, color, magnitud. En la percepción inicial del recién nacido todas las impresiones exteriores están indisolublemente unidas con el afecto que les matiza o el tono sensitivo de la percepción. El niño percibe antes lo afable o amenazador, o sea, en general, lo expresivo, que los elementos objetivos de la realidad exterior (VYGOTSKY, 1996, p. 282).

⁴ Na dissertação de Mestrado de Jaqueline Carro (1994), na área da psicologia do desenvolvimento, sobre a qualidade de interação entre mãe e bebê a partir da intervenção do outro no momento de inserção à creche, é apontado o quão cedo os bebês são inseridos nesses espaços de educação coletiva.

⁵ Sobre ações sociais entre os bebês, ver Coutinho (2010) e Pereira (2011).

⁶ A transformação nos contextos sociais por meio da participação dos bebês será abordada nas categorias de análise deste trabalho.

sujeito ativo e reage a essas ações, conferindo-lhes significados “[...] e é nos movimentos dos outros que as suas primeiras atitudes vão tomar forma.” Ainda segundo o autor, o bebê primeiramente faz associações fisiológicas, que logo darão lugar ao “[...] plano da expressão, da compreensão, das relações individuais. O efeito obtido torna cada vez mais nitidamente intencional a manifestação emotiva” (WALLON, 1975, p.153).

Por essa via dialógica de desenvolvimento, as manifestações emocionais dos bebês são ações e representações das relações sociais que a criança estabelece com o “outro”⁷ na sua constituição como ser social. Nesse sentido, meu objetivo é, portanto, conhecer melhor os bebês nas relações coletivas e como constituem a linguagem no contexto social da creche.

Estudos que trazem os bebês como sujeitos de pesquisa, partícipes no processo de investigação, estão se tornando crescentes no cenário brasileiro, desde a década de 1980, iniciaram-se as produções sobre/com crianças pequeninas⁸.

Ressalta-se, no entanto, que, de modo geral, o maior número de pesquisas que se referem aos bebês e ao processo de constituição da linguagem é, por vezes, voltado à interação dos adultos ou relacionado à díade mãe-bebê.⁹ Com base nessas motivações, o espaço da creche tornou-se para mim, um campo importante para a investigação das questões que levanto em minha pesquisa, principalmente por promover o encontro¹⁰ entre os bebês, e, por possibilitar observar a relação que os bebês estabelecem entre si e a partir disso perceber como se apropriam e constituem a linguagem.

Neste estudo, os bebês são os sujeitos principais da pesquisa, mas, para se compreender o diálogo e as estratégias de comunicação no processo mediador, na constituição da linguagem entre e dos bebês, as crianças maiores e os adultos também são considerados no processo investigativo. Desenvolveu-se uma perspectiva de análise que procurou considerar cada gesto, olhar, troca e interação dos bebês, como um

⁷ O *outro* como àquele que está de fora e pode trazer uma imagem de mim a partir do seu ponto de vista, não como uma ideia acabada, mas como um indicativo para perceber como me constituo (BAKHTIN, 2003).

⁸ É o caso das investigações do CINDEDI (Centro de Investigações sobre Desenvolvimento e Educação Infantil).

⁹ Sobre as pesquisas encontradas em relação à temática e desenvolvidas com os sujeitos - bebês, tratarei um pouco mais adiante, no capítulo referente ao estado da arte.

¹⁰ Os bebês frequentam entre oito a doze horas por dia, aproximadamente, o espaço coletivo da creche, onde é propícia a socialização entre eles, isto é, as relações que estabelecem entre si.

diálogo a ser interpretado, pois muito revelam das peculiaridades, idiosincrasias e constituição desses sujeitos de pouca idade.

Para tanto, é fundamental que se tenha uma aproximação maior com os contextos coletivos que inserem bebês para conhecer o modo como constituem a linguagem entre si. Desse modo, a inserção e a observação minuciosa nesse campo de socialização, possibilita conhecer as crianças de pouca idade e o modo como produzem a linguagem, mesmo antes da fala. A linguagem oral e escrita não é a determinante nesse processo inicial de interação entre os bebês, porém é fundamental para o desenvolvimento pleno da criança e, entre os bebês é possível observar as primeiras manifestações deles em relação à fala e as expressões gráficas (rabiscos, pinturas, manipulação de livros e etc.), em que a intencionalidade pedagógica das professoras de bebês torna-se imprescindível na ampliação dos repertórios linguísticos das crianças pequeninas. E para o pesquisador, é necessária atenção redobrada para compreender o modo como os bebês se apropriam dessas formas comunicativas. Para Rocha (2008, p.45),

Tal análise da expressão oral do outro/criança orienta-se pelas próprias intenções colocadas nessa relação comunicativa – lembrando que, quando o outro é uma criança, a linguagem oral não é central nem única, mas fortemente acompanhada de outras expressões corporais, gestuais e faciais. Isso já indica alguns problemas metodológicos envolvidos na pesquisa com crianças: a atenção às diferentes linguagens e os limites no grau de compreensão que podemos alcançar.

É imprescindível, portanto, que o pesquisador utilize os mais diferentes recursos metodológicos, de modo a apreender as variadas situações que são criadas pelos bebês como forma de interação com o outro, com a perspectiva de aprofundar a diversidade dessas ações que se manifestam no cotidiano das creches. Considerando esses aspectos, utilizei diferentes recursos, que poderiam contribuir para a apreensão das ações comunicativas dos bebês, incluindo registros fílmicos e fotográficos¹¹.

¹¹ Sobre a utilização de diferentes recursos metodológicos na apreensão das manifestações dos bebês, explicita-se no capítulo que trata da metodologia da presente pesquisa.

Estudos que trazem os bebês como sujeitos na pesquisa (COUTINHO, 2002; 2010; GUIMARÃES, 2008; PEREIRA, 2011; SCHMITT, 2008) têm demonstrado a diversidade de aspectos que se manifestam nas suas ações e nas expressões que reproduzem e também produzem. Portanto, nos procedimentos da investigação, o pesquisador deve ter o cuidado de não transformar ou de cristalizar a riqueza desse processo, atendo-se apenas ao aspecto cognitivo ou ao simples relato de vivências entre as crianças. A infância deve ser vivida na sua plenitude e respeitada na sua totalidade, portanto deve ser analisada com profundidade no universo da instituição de educação infantil.

Desse modo, essas instituições passam a ser importante *locus* de investigação para compreender como os pequeninos se apropriam e desenvolvem a linguagem a partir das relações sociais¹² estabelecidas entre os bebês e deles com outras crianças e adultos.

As instituições educação infantil devem promover o desenvolvimento integral da criança, o respeito à alteridade, as ações sociais que se constituem nas interações e o aprendizado da diversidade pelo convívio. Interagir com os pares e com aqueles que são diversos de si, crianças e adultos com características físicas, modos de agir e de pensar, com histórias e culturas diferentes, enriquece o repertório criativo das crianças e amplia as ações comunicativas que se constituem pela e na linguagem nos bebês. A compreensão do outro, em suas diferenças e particularidades, deve ser parte constitutiva das intenções dos adultos com quem os bebês e as crianças convivem no espaço da educação infantil.

Referindo-se a essa temática, Faria (1999) afirma que a criança não se limita ao consumo da cultura de seu tempo, mas também reconstrói as vivências culturais a que tem acesso. Desse modo, segundo a autora, se as crianças não falam, não escrevem e sua comunicação é diferente da dos adultos, isso não significa incompletude, e sim a plenitude da infância caracterizada por marcas próprias de uma categoria geracional.

Entendo, assim, que a interação social constituída pelas estratégias de comunicação dos bebês, assim como o reconhecimento das diferentes enunciações por nós adultos e professores da educação infantil, contribui para a vivência de uma infância mais íntegra e plena, desde os primeiros anos. O desenvolvimento do diálogo como constitutivo da linguagem, em uma relação dialógica entre os bebês

¹² Ver o estudo de Schmitt (2008): “*Mas eu não falo a língua deles!*: As relações sociais de bebês num contexto de educação infantil.”

possibilita que expressões e emoções (criatividade, imaginação, brincadeiras, risos, choros, ações), bastante presente nas crianças de um ano de idade, sejam legitimadas no espaço coletivo da creche como aspectos fundamentais para conhecermos melhor aos bebês.

Percebe-se, então, a importância da presença e do olhar atento do adulto no processo da interação social com os bebês. É nesse sentido que, na presente pesquisa, são consideradas as interações bebês/bebês e bebês/adultos como processo constituidor da linguagem entre os e nos bebês. Nesta direção, resalto como principal foco de análise desta investigação, como os bebês constituem a linguagem e a quais estratégias de ação e interação estabelecem entre eles e com os outros sujeitos da relação, no momento de se comunicarem.

Para tanto, cabe perguntar: Como os bebês constituem a linguagem e se comunicam? Quais estratégias são discursivas no espaço coletivo? A linguagem apresentada pelos bebês no espaço pedagógico da creche é considerada? Por quem e em qual perspectiva, para quê? Existe uma organização socioespacial que propicie os encontros entre os bebês, e deles com as crianças maiores e com os adultos?

Em suma, com base nesses questionamentos e da finalidade deste estudo, buscou-se identificar, descrever e analisar as estratégias de comunicação que constituem a linguagem entre os e dos bebês, no contexto da creche, com os seguintes objetivos específicos:

- Conhecer o modo como os bebês que frequentam o espaço de educação infantil manifestam seus jeitos próprios de ser e se relacionar na interação com outros bebês, crianças maiores e adultos;
- Identificar como os bebês expressam e manifestam a linguagem;
- Observar a existência de “diálogos” entre os bebês;
- Observar se os bebês produzem “textos”.

Os sujeitos da pesquisa, nesta investigação, foram quinze bebês participantes de um grupo de berçário de uma creche pública do município de Florianópolis. No entanto, somente treze deles foram autorizados pelos responsáveis a participar da pesquisa. Os bebês estavam com idade entre sete e dezoito meses, durante o processo da pesquisa de campo. O grupo era representado por oito meninas e sete meninos, mas que efetivamente participaram do estudo foram seis meninas e sete meninos. Neste processo busquei apreender as estratégias de comunicação que emergiam entre eles, antes da fala, considerando as relações sociais como pressuposto na constituição da linguagem.

O primeiro capítulo apresentou os principais aspectos de meu percurso acadêmico e profissional, que desencadeou o desejo de pesquisar e melhor conhecer os bebês. Ao mesmo tempo, apresento a base teórica que, essencialmente, fundamenta este estudo e os questionamentos já apresentados que se desdobraram em objetivos a serem levados a termo, durante o período de pesquisa. No capítulo que segue ao da introdução, apresento uma breve incursão teórica sobre como a criança e a infância é representada desde o surgimento da industrialização e o surgimento da idade-bebê nesse período.

Neste segundo capítulo apresento uma breve análise do levantamento bibliográfico realizado no portal de dados da CAPES e do GT 7 da ANPEd, referente a pesquisas com bebês e a relação com a constituição da linguagem, desenvolvidas por diferentes áreas do conhecimento. Trago também o conceito de infância no latim e a relação com o conceito de linguagem, a partir da ausência da fala nas crianças pequeninas e o atravessamento desse conceito etimológico com a invisibilidade dos bebês. Em contrapartida, apresento a significação de suas ações com base em possíveis diálogos estabelecidos entre a Pedagogia e a perspectiva teórica da Filosofia da Linguagem (Bakhtin). A História, a Psicologia Histórico-Cultural e a Sociologia da Infância são trazidas neste estudo para situar na pesquisa, os sujeitos ora investigados, como sociais, históricos e culturais e acima de tudo por meio da Sociologia da Infância, apresento alguns fundamentos para a pesquisa com os pequeninos.

No terceiro capítulo é apresentado o caminho metodológico da pesquisa, a escolha do campo e os procedimentos utilizados na recolha dos dados, apresentando as primeiras aproximações junto aos bebês no espaço coletivo da unidade educativa.

O quarto capítulo trata do conceito de linguagem na perspectiva filosófica de Mikhail Bakhtin e do processo de constituição da linguagem entre os bebês a partir das relações sociais. Nesse sentido, apresento os dados empíricos da pesquisa, buscando relacionar a constituição da linguagem entre os e dos bebês com a peculiaridade das estratégias de comunicação desses sujeitos de pouca idade. As análises são desenvolvidas a partir do questionamento de como e quais são *as estratégias de comunicação entre os e dos bebês*. Em seguida, procuro compreender o modo como os bebês se apropriam dos *atos sociais e dos sentidos desses atos*; se existem e como se constituem *os diálogos entre bebês* e por fim foco nos *textos* produzidos pelos bebês.

Finalizando, no quinto capítulo, realizo algumas considerações que apresentam, inicialmente, as constatações apreendidas sobre a

constituição da linguagem entre os bebês e suas estratégias de comunicação. E procuro apresentar também, uma breve reflexão acerca da importância da docência para com os bebês a partir de um olhar atento e sensível, em que a ética torna-se pressuposto básico na constituição das relações humanas. Passamos a seguir ao segundo capítulo desta pesquisa.

2 AS PESQUISAS BRASILEIRAS: OS BEBÊS E A RELAÇÃO COM A CONSTITUIÇÃO DA LINGUAGEM

Início essa seção a partir do levantamento bibliográfico realizado com o propósito de identificar as pesquisas existentes com os bebês na área do conhecimento da Educação e na Sociologia da Infância que abordem a temática relacionada à constituição da linguagem entre os bebês. Esse levantamento foi realizado a partir do Banco de Dados da CAPES e do GT 7 da ANPED.

Atualmente podemos afirmar que existem diversas pesquisas com e sobre os bebês, nas diferentes áreas do conhecimento. Observou-se, porém, que pesquisas que abordam o modo como os bebês constituem a linguagem no espaço coletivo da educação infantil não são numerosas, principalmente no campo da Sociologia da Infância onde parece escasso ou até inexistente o número de pesquisas relacionadas a bebês. Nas áreas da Educação, Psicologia e Linguística constatee algumas pesquisas que se relacionam ao tema central deste estudo, a constituição da linguagem entre os bebês.

No Brasil, tem se tornado crescente as pesquisas com os bebês a partir deles próprios, trazendo-os como sujeitos interativos na investigação. A partir dos estudos de Schmitt (2008), foi possível observar certo crescimento de pesquisas na educação com crianças de zero a três anos, principalmente nos últimos vinte anos. A área da Psicologia inaugurou essa abordagem¹³, no entanto, outras áreas, inclusive a Educação, passaram a abarcar os estudos sobre e com os bebês em outras dimensões, para além do higienismo e desenvolvimentismo biológico da criança.

Com o objetivo de atualizar esses dados e me aproximar do objeto de estudo, também realizei uma busca por pesquisas com os bebês. Encontrei, a partir do descritor *bebês* no Portal de Dados da CAPES, 56 pesquisas entre dissertações e teses, em diferentes áreas do conhecimento, conforme os critérios supramencionados. Essas pesquisas foram realizadas entre 1988 a 2009 e esse mapeamento, por mim realizado, se constituiu em janeiro de 2010. Do total de pesquisas

13 Na pesquisa de Schmitt (2008), foram apresentados gráficos que contemplam o panorama geral desses estudos, por área, palavras-chave e período em que foram realizados e traz uma minuciosa análise de como e em que momentos e contextos históricos as pesquisas com crianças de zero a três anos passaram a ganhar maior representatividade no âmbito nacional.

selecionadas, apenas quinze se aproximavam do tema linguagem e bebês.

Vale esclarecer que, para melhor organizar o panorama desse mapeamento, os dados apresentados foram descritos por área do conhecimento¹⁴.

Dessas 56 pesquisas selecionadas, 21 encontram-se na área da Educação, embora tenham sido realizadas no contexto coletivo da creche, apenas oito delas estabeleciam algum diálogo com a investigação da linguagem e as estratégias comunicativas dos bebês, aspecto essencial para a realização do estudo em questão.

Na área da Psicologia, vinte pesquisas foram selecionadas e, dessas, quatro apresentavam correlação com a temática. Outras áreas, como a Educação Física, Letras e Linguística, Educação Especial, Medicina e Áreas afins também apresentaram algumas pesquisas: na Educação Física, de três pesquisas selecionadas, nenhuma fazia menção à temática aqui proposta. Nas demais áreas mencionadas, selecionei quatro pesquisas em cada uma delas, mas somente na de Letras e Linguística 3 pesquisas tinham relação com o tema desta pesquisa.

Ainda na busca por mais pesquisas, seguindo os mesmos procedimentos anteriores, porém utilizando os descritores *creche-linguagem*, no Portal de Dados CAPES, foram selecionadas 27 pesquisas em diferentes áreas do conhecimento, e, dessas, 21 correlacionavam-se com a proposta desta pesquisa. Entretanto, é necessário destacar, algumas dessas pesquisas também apareceram no descritor *bebês*.

Nas pesquisas localizadas¹⁵ a partir dos descritores *creche – linguagem*, das 21 relacionadas à temática deste estudo, nas diferentes áreas do conhecimento: onze estão na área da Educação e, desse número, dez foram selecionadas, sendo que cinco pesquisas já foram localizadas no descritor *bebês*. Aqui se torna relevante destacar o crescimento número de pesquisas voltadas aos bebês, na área da Educação. Embora recente e, talvez, pouco representativa, em relação ao tema em questão, porém, essa foi a área que apontou maior concentração de estudos.

Na área da Psicologia seis pesquisas foram localizadas, mas apenas duas relacionavam-se ao tema, sendo que uma delas já constava

14 No final deste trabalho, encontram-se, anexos, os gráficos que ilustram as pesquisas por áreas do conhecimento e a relação com o meu objeto de estudo, ou seja, a constituição da linguagem entre os bebês.

15 Entre as pesquisas selecionadas com os descritores *creche – linguagem*, no Portal de Dados CAPES, encontram-se Teses e Dissertações.

no levantamento anterior. Na Linguística, localizei três pesquisas, todas relacionadas às linguagens dos bebês, com uma já identificada no levantamento com o descritor *bebês*. Na Medicina e áreas afins, foi possível localizar sete pesquisas, das quais seis condizem com o tema proposto e a única que repetiu do outro levantamento não se refere à temática aqui discutida. Na Educação Física e Educação Especial não foi localizada nenhuma pesquisa pertinente a esta análise.

Por fim, realizei a busca no GT7 da ANPED (Educação da Criança de zero a seis anos), selecionando dezenove artigos que se referiam a bebês no contexto da creche, sendo que, desses trabalhos, apenas cinco apresentavam relação com a temática da linguagem.

Em relação esses artigos, selecionados no GT7 da ANPED, em que apenas cinco pesquisas apresentam alguma relação com a constituição da linguagem dos bebês, é necessário destacar que três artigos são produzidos por Daniela Guimarães, sendo um deles referente à Tese de Doutorado realizada pela autora. Esses três artigos trazem contribuições para que se conheçam alguns possíveis caminhos que levam à realização de pesquisas com os bebês e à apreensão das ações de comunicabilidade que constituem a linguagem. Entre todas as pesquisas selecionadas referentes ao tema, nesse levantamento compreendido entre 1998 a 2009, apenas uma é realizada incluindo bebês com menos de um ano de idade.

Apresenta-se no item seguinte, uma breve análise das pesquisas correlacionadas com a constituição da linguagem nos bebês e as estratégias de comunicação que eles utilizam antes da fala, principalmente, no contexto coletivo da creche.

2.1 Pesquisas realizadas com crianças de zero a três anos e a aproximação com a constituição da linguagem

Neste levantamento bibliográfico, constato apenas uma pesquisa na área da Psicologia que se refere à constituição da linguagem, por meio da observação dos recursos comunicativos e linguísticos com criança no primeiro ano de vida. A pesquisa foi realizada por Larissa de Negreiros Ribeiro Elmôr no ano de 2009, a partir da análise teórico-metodológica da Rede de Significações do CINDED, na USP de Ribeirão Preto.

A autora, Elmôr (2009), investigou quais recursos comunicativos e linguísticos (verbais e não verbais) foram utilizados por um bebê no

primeiro ano de vida, em interação com diferentes sujeitos da relação. A análise dos dados foi realizada a partir do material empírico do Banco de Dados do Projeto Integrado Processos de adaptação de bebês à creche. A autora analisou todos os episódios interativos do bebê em observação durante o primeiro mês de frequência à creche, divulgando a frequência e os diferentes recursos comunicativos que ele utilizou para interagir com os diferentes interlocutores (mãe, babá, irmãs, coetâneos, educadoras e o câmara). A pesquisa demonstrou a riqueza das características que os bebês utilizam ao se comunicarem e interagirem com os sujeitos da relação, tanto coetâneos como adultos, além de destacar a importância do contexto coletivo da creche nas relações sociais dos bebês.

Na área da Educação, as pesquisas que apresentam estudos sobre os bebês e a constituição da linguagem foram desenvolvidas por diferentes metodologias. Em alguns casos, o foco principal não foram os bebês, mas, sim, como essa relação interativa e constitutiva da linguagem é estabelecida pelos adultos em relação à criança pequenina. Schmitt (2008) constatou que os maiores números de pesquisas nacionais realizadas com bebês trazem a preocupação com a formação de professores. Ao mapear as pesquisas relacionadas à constituição da linguagem entre os bebês, foi possível perceber poucos estudos relacionados ao tema, já que a maioria das pesquisas¹⁶ abordam a interação entre adulto/criança e criança/criança. Bortoluzzi (2005) investigou a dinâmica de interação professora-bebê/criança e quais recursos oferecidos pelos adultos possibilitaram um jogo interativo para os bebês.

Outro aspecto evidenciado na pesquisa com bebês é a relação com a música. Stahlschmidt (2002) investigou a função da música como atividade lúdica e elemento constitutivo da voz, na construção e consolidação dos laços mãe-bebê, ou “cuidador-bebê” e a importância da musicalidade da voz materna, permitindo sua inserção na linguagem. Pires (2006) estudou as experiências sonoras das crianças pequeninhas, entre zero e três anos de idade, evidenciando o som como linguagem. Ainda são recentes os estudos realizados por meio de pesquisas participativas¹⁷ com bebês no primeiro ano de vida,

16 Considero importante destacar que algumas pesquisas que constam na pesquisa de Schmitt (2008) reaparecem neste trabalho, devido à importância e, de certo modo, à escassez de estudos que trazem os bebês no primeiro ano de vida, como sujeitos da pesquisa e consideram os aspectos de constituição da linguagem.

17 No capítulo que trata da metodologia o conceito de pesquisa participativa está melhor explicitado.

principalmente, no que se refere a aspectos constitutivos da linguagem deles. Mas, como campo em construção, as pesquisas científicas que abordam os bebês como sujeitos partícipes e com autoria e potencialidades, começam a surgir.

Rodrigues (2008)¹⁸ investigou as manifestações afetivo/emocionais de crianças, do primeiro ao terceiro ano de vida, em contexto de creche a partir das interações criança/criança, sob a orientação da teoria walloniana, enfatizando os resultados para a formação de professores, na tentativa de contribuir com o reconhecimento das potencialidades das crianças pequeninas.

Já em 1999, Rubiano investigou a forma como crianças iniciam contato social entre si, na situação de grupo, na creche, porém com idades entre dois a três anos. Nesse estudo os comportamentos visuais, de locomoção e de postura foram característicos do momento que antecede a abordagem, os demais (expressão verbal, expressão gestual, imitação, ações com uso de objeto e ações sobre o outro) caracterizaram o momento em que a abordagem se configura. Coutinho (2002) apontou para a necessidade da retomada de uma pedagogia pela infância, pautada na educação do olhar, do toque, do movimento, em que a linguagem oral não esteja na centralidade, ao pesquisar crianças entre um a três anos e os “(des)encontros” das ações infantis e das proposições da creche, principalmente nos momentos de educação e cuidado mais voltados para o corpo.

Bacelar (2007) pesquisou bebês a partir de um ano e buscou constatar a possibilidade de avaliar, através das expressões não-verbais das crianças, a vivência da ludicidade, apoiada nas teorias de Jean Piaget e André Lapierre. Observando essa mesma faixa etária e também na perspectiva piagetiana, Carbelo (2003) investigou a gênese do processo de formação do leitor durante o desenvolvimento infantil, considerando a idade dos quinze meses privilegiada para essa formação. Ainda na área da Educação, a pesquisa de Garcia (1994), com crianças de dois a quatro anos de idade, apontou a linguagem escrita como construção do sujeito em interação com o meio, a partir da observação das reações das crianças diante de livros e revistas contendo textos escritos e imagens, bem como suas produções, quando solicitadas, a partir da utilização de lápis, canetas e giz coloridos.

18 As pesquisas produzidas pelas autoras Elmôr (2009), Rodrigues (2008), Bühler (2008), Sestini (2008) que serão apresentadas nesse mapeamento foram coletadas a partir de visita *online* nos sites das bibliotecas universitárias.

2.1.1 As pesquisas na área da educação com bebês no primeiro ano de vida

Em consonância com o que busquei compreender em minha pesquisa, esses estudos apresentam elementos importantes para subsidiar a compreensão do modo como os bebês constituem a linguagem.

Câmera (2006) procurou identificar as possíveis relações/vinculações com a construção de significados, compartilhados na interação entre pares, em bebês de seis a quinze meses, indicando também o significativo papel da linguagem, a fala, nesse caso. Já em 1995, Maria Nazaré da Cruz trouxe os bebês de zero a dezoito meses como núcleo privilegiado nos estudos acerca do desenvolvimento infantil, a partir da análise microgenética, dimensionada ao simbolismo-imaginativo como eixo central da constituição do psiquismo. Facchini (2002) investigou a gênese da construção do leitor ou do gosto pela leitura em um grupo de bebês entre seis a vinte e quatro meses de idade.

Soares (2007) investigou os movimentos realizados por bebês de quatro a 24 meses em atividades musicais. Embora essa pesquisa não se refira diretamente à questão da linguagem, trouxe-a neste levantamento por abordar o movimento dos bebês como constitutivo na inserção cultural e na formação estética, além de contribuir para uma maior compreensão no que se refere aos modos e mundos de vida dos bebês. Igualmente, na perspectiva bakhtiniana, o movimento, o gesto, a ação pelo corpo é realizada na relação social e de acordo com o que lhe conferem as interações sociais.

Nesse mesmo sentido, Almeida (2006) procurou compreender as interações entre adultos e crianças e crianças e crianças de quatro meses a um ano e onze meses, no cotidiano do berçário, e como elas (as crianças) vão se construindo como sujeitos de linguagem.

Guimarães (2008), em sua Tese de Doutorado, mapeou a funcionalidade e a utilidade do corpo das crianças no dia a dia da creche, a partir da história das creches no Brasil, com o objetivo de conhecer e compreender as relações dos adultos com as crianças e das crianças entre si, numa creche pública da cidade do Rio de Janeiro. A investigação possibilitou discutir o caráter higienista dos contatos entre adultos e crianças na creche e o seu desdobramento numa perspectiva do cuidado como “ato instrumental e mecânico”.

Dentre outras referências, a autora se utiliza da visão de Foucault acerca do cuidado (*a partir do seu estudo da cultura greco-romana*), compreendido como cuidado de si, além de abordar o conceito de ato e atitude responsiva de Bakhtin, como forma de expressão e vida entre as crianças nas ofertas de objeto. Por fim, como meio de orientar a perspectiva etnográfica da pesquisa utilizou os estudos de Marcel Mauss sobre as técnicas corporais. A autora vem realizando estudos (desde 1999) sobre o panorama teórico das capacidades relacionais e comunicacionais da criança pequena, trazendo possibilidades interativas diversas, a partir das experiências de teóricos italianos (GUIMARÃES e LEITE, 1999).

Schmitt (2008) investigou as relações sociais dos bebês no contexto específico da creche e como vêm sendo, historicamente, construídos e considerados os estudos acerca dessa categoria geracional, assim como, suas ações e relações com os outros sujeitos e espaços e dos bebês entre eles mesmos.

Essas pesquisas nos revelam que os bebês vêm sendo estudados, porém são os estudos mais recentes que os trazem como sujeitos da pesquisa, principalmente na área da educação. Esse exercício de mapear estudos sobre e com os bebês me fez refletir sobre o quão pouco conhecemos dos bebês, principalmente no primeiro ano de vida. Outra consideração se refere aos estudos, que, embora observem e analisem os enunciados dos bebês, mencionam a comunicação e não a existência da linguagem entre os pequeninos.

2.1.2 A contribuição de outras áreas do conhecimento: as pesquisas com os bebês

A área da Psicologia também vem trazendo contribuições em relação a pesquisas com bebês. No Brasil, podemos dizer que Rosseti-Ferreira¹⁹ inaugurou essas pesquisas com estudos inovadores acerca das crianças pequeninas e do desenvolvimento desses sujeitos em uma perspectiva teórico-metodológica, diferenciada da visão etapista e parcializada que outros estudos da área tradicionalmente efetivaram.

19 Rosseti-Ferreira e colaboradores fazem parte do CINDEDI que se inserem na perspectiva teórico-metodológica da Rede de Significações, a qual aborda o desenvolvimento humano a partir da relação dialética.

Anjos (2006) desenvolveu estudo, partindo da hipótese que, desde o nascimento, o papel do outro é central e constitutivo, através de relações que envolvem não só parceiros adultos, como também de mesma idade. A partir dessa abordagem dialógica, a autora objetivou estudar os processos interativos de bebês com seus coetâneos, para apreender alguns dos aspectos qualitativos desses processos.

Essa pesquisa trouxe o papel do adulto, ora restringindo, ora promovendo os encontros entre os bebês de cinco a treze meses e a atribuição de significados possíveis de emergirem das situações expressas pela criança, não de forma intencional, mas construída e comunicada através dos gestos, do olhar, da postura corporal, do choro, dos sorrisos, das vocalizações e das emoções que envolvem o outro e têm um efeito em suas (re)ações. Esses significados emergem no decorrer do processo que é co-construído dialogicamente com o outro social, carregando consigo os fatores “biopsicossociais” que lhe são próprios, e mesmo os bebês não dispendo de um plano de interação, são capazes de agir e reagir em direção ao outro, se colocando disponíveis para o diálogo, numa perspectiva contínua de recriação.

Bressani (2006) investigou a comunicação verbal e não verbal na interação educadora-bebê, com bebês em idades entre cinco e quatorze meses. Os dados desse estudo sugerem que o papel da educadora do berçário envolve a capacidade de acolher demandas de crianças que ainda não têm condições de verbalizar, mas que, através de suas atitudes, indicam suas necessidades. Sugerem, ainda, os resultados que, mesmo antes da emergência da linguagem, a criança desenvolve, nos primeiros dois anos de vida, uma incrível capacidade comunicativa. Essas interações iniciais com o ambiente já configuram formas simbólicas de expressão que não se restringem à fala, mas são formas não verbais de comunicação. Seu desenvolvimento depende da capacidade dos “cuidadores” de perceber e traduzir essas diferentes formas de linguagem.

Sestini (2008) pesquisou bebês de um a três anos de idade, buscando identificar a interação criança/criança, os processos formadores de cultura e o papel das formas de comunicação verbal e não verbal na constituição de significados compartilhados. A autora conclui que mesmo a fala facilitando os processos de compartilhamento, antes mesmo dela é possível que os bebês compartilhem situações e significados.

Martins (2004) investigou o processo de apropriação do brincar das crianças na faixa de zero a três anos, conforme oportunizado pelas professoras de uma creche comunitária e investigou os sentidos e

significados atribuídos ao fenômeno, a partir da prática pedagógica no contexto da creche. A autora procurou compreender a organização dos espaços e o tempo destinado ao brincar, assim como a filosofia que perpassa as práticas da instituição, além de discutir e refletir sobre a construção social do direito da criança à educação, seus cuidados e o brincar como atividade prioritária, relacionando às novas diretrizes curriculares, sinalizando ações para que o brincar da criança seja garantido e entendido como fundamental para o seu desenvolvimento como sujeito sócio-histórico, redimensionando também para o desenvolvimento da linguagem, como construída na interação e prática social.

Na tessitura desse levantamento bibliográfico, a área de Letras/Linguística apresenta pesquisas relacionadas à constituição da linguagem dos bebês, porém, de quatro pesquisas, apenas uma ocorre no contexto da creche. Esse estudo foi desenvolvido por Glaís Sales Cordeiro no ano de 1998, tendo a autora buscado analisar os processos intersubjetivos para a construção da linguagem num grupo de bebês, com idade entre nove e vinte meses, que frequentavam creche.

Observando como eixo principal um modelo interacionista sócio-discursivo, são reinterpretadas, na pesquisa, as posições teóricas de Piaget, Wallon e Vygotsky. A análise permite constatar que um modelo interacionista *sócio-discursivo* pode oferecer contribuições, tanto em nível teórico-metodológico, como em nível educacional, para a compreensão da construção do conhecimento e da linguagem, como processos dialeticamente interligados.

Outras pesquisas selecionadas nessa mesma área se referem à construção da linguagem a partir da díade mãe-bebê, tais como as de Rodrigues (1998) e Silva (2006). Gálea (2003) desenvolveu sua pesquisa relacionada à fonoaudiologia, envolvendo crianças de dois e três anos; e Rodrigues (2002) verificou as habilidades semânticas e pragmáticas em crianças com alteração específica de linguagem entre dois anos e quatro anos e onze meses.

Na área da Medicina como Saúde da Criança e do Adolescente, Albuquerque (2007) estimou em bebês de um a três anos a frequência a fatores associados com atraso do desenvolvimento, em uma creche pública de Fortaleza. A autora define a suspeita de atraso no desenvolvimento de determinados bebês devido ao estado nutricional em que os níveis de ferritina comprometem o domínio da linguagem.

Na Enfermagem foram encontradas duas pesquisas que envolvem bebês no contexto da creche. Shibayama (2001) procurou conhecer, junto às educadoras/cuidadoras de creches, suas

representações a respeito do ato de conversar com crianças de zero a três anos de idade, entendendo a importância da linguagem a partir dos pressupostos de Wallon, ou seja, que ela é veículo para expressão do pensamento e ao mesmo tempo de sua estruturação. A autora constatou que conversar com a criança de zero a três anos de idade é visto como extremamente importante pelas educadoras/cuidadoras, podendo esse entendimento ser subdividido em três categorias principais: por que conversar com a criança; a técnica desse conversar com a criança; e a conversa propiciando um ambiente facilitador para o desenvolvimento infantil. As evidências veiculadas pelos discursos indicam que as educadoras/cuidadoras utilizam-se adequadamente da conversa com as crianças.

A segunda pesquisa encontrada nessa mesma área foi realizada por Beteli (2006), que observou crianças de zero a seis anos, em três diferentes creches, buscando descrever o perfil de desenvolvimento das crianças, principalmente em relação à linguagem, em um estudo quantitativo, descritivo e longitudinal com amostra não probabilística, utilizando o Teste de Triagem de Desenvolvimento de Denver II (TTDD II). No período de 2001 a 2004 foram realizadas 150 aplicações do TTDD II em crianças de 4 meses e 23 dias até 5 anos 7 meses e 11 dias, que frequentavam instituições de educação infantil consideradas de boa qualidade, localizadas na cidade de São Paulo. Os critérios de inclusão foram: idade gestacional conhecida (para menores de dois anos); ausência de mal formação congênita; não ser estrangeira (devido à área de linguagem); e nunca ter frequentado outra creche. A autora concluiu que frequentar as creches pode ter sido benéfico para o desenvolvimento das crianças no que tange ao desenvolvimento global, apontando, ainda, que, no caso das habilidades de linguagem, talvez haja necessidade de outras pesquisas.

Na busca, foi encontrada, ainda, uma pesquisa nas Ciências do Movimento Humano, realizada por Cardoso (2004), que buscava verificar o conhecimento de mães e Auxiliares de Desenvolvimento Infantil, referente ao desenvolvimento da linguagem de crianças de zero a dois anos de idade e sua relação com o nível de escolaridade dessas cuidadoras. Para a investigação, a pesquisadora partiu de um estudo transversal analítico, realizado com uma amostra não probabilística de duzentas e cinquenta cuidadoras, divididas em cinco grupos, sendo duzentas mães e cinquenta Auxiliares que atuavam em creches públicas do mesmo município. A coleta de dados foi feita por meio de um protocolo, contendo informações sobre as características sociodemográficas das cuidadoras, e de um questionário baseado no

Teste de Triagem de Desenvolvimento de Denver II. Ao final do estudo, a autora constata que as mães, segundo o nível de escolaridade, e as Auxiliares de Desenvolvimento Infantil apresentaram diferenças pouco relevantes em sua capacidade de observar a emergência de marcos significativos do desenvolvimento da linguagem em crianças desta faixa etária.

Morais (2001), na área da Fonoaudiologia, investigou os efeitos linguístico-discursivos na interação de coetâneos de dois a três anos de idade, partindo da revisão dos estudos mais recentes sobre a interação criança-criança; e Santos (2007), na área das Ciências da Saúde, comparou o desenvolvimento auditivo e de linguagem de crianças anêmicas e não anêmicas entre dois e cinco anos de idade, de uma creche pública municipal.

Bühler (2008) descreveu o desempenho de bebês pré-termo (baixo peso) e comparou a bebês termo em relação ao desenvolvimento cognitivo e de linguagem expressiva. A autora constatou atrasos significativos nos bebês pré-termo em relação aos outros, principalmente a partir do sexto mês, permanecendo durante o período sensorio-motor e pré-operatório.

Entretanto, todas as pesquisas observadas nesse recorte trazem contribuições ao que me propus investigar, pois oferecem alicerces para aprofundar o estudo com os bebês e reafirmam a mim, a ideia de que, conhecer as estratégias de comunicação dos bebês e os modos como constituem a linguagem contribui para que conheçamos um pouco mais desses sujeitos de pouca idade.

2.2 OS BEBÊS E A LINGUAGEM

Seu grito é o grito que querias dar,
É ele a dança que ias tu dançar... o vento!

Mário Quintana

Nesta seção procuro apresentar reflexões teóricas sobre a infância e as crianças pequenas, aproximando-me assim, do modo como essas categorias vêm sendo socialmente instituídas e a partir dessa relação, busco desenvolver o estudo da constituição da linguagem entre as crianças como forma de melhor conhecê-las. Para esse fim, apresento

reflexões acerca da infância, objetivando compreender a relação das ações dos bebês e a constituição da linguagem e a relação entre a retórica discursiva acerca destes.

No contexto nacional, a partir do levantamento bibliográfico, dos diversos estudos realizados com os bebês, localizei apenas uma pesquisa na área da Psicologia, que se refere à constituição da linguagem, por meio da observação dos recursos comunicativos e linguísticos com criança no primeiro ano de vida²⁰. No estudo de Schmitt (2008), a respeito das relações sociais entre os bebês, a autora constatou um pequeno crescimento nas pesquisas com crianças de zero a três anos e que a primeira área a apresentar maior interesse em desenvolver estudos com os bebês foi a Psicologia, fora do âmbito familiar. Do mesmo modo, a autora naquele momento, observou que ainda era pequeno o número de produções científicas na área da Educação, principalmente com crianças menores de dois anos. Já na pesquisa de Coutinho (2010), desenvolvida na área da Sociologia da Infância, a autora constatou a partir de uma análise minuciosa de pesquisas nacionais e internacionais, que nesta área do conhecimento os estudos com os bebês são praticamente inexistentes. Diferentemente da área da Educação, em que as pesquisas com crianças no primeiro ano de vida estão sendo expandidas significativamente, principalmente em relação a períodos anteriores, como no decorrer da década de 1970 (BONDIOLI e MONTAVANI, 1998), quando houve um significativo crescimento nas investigações acerca do desenvolvimento infantil.

Contudo, vimos a importância de realizarmos um estudo que abranja o modo como os bebês constituem a linguagem e a diversidade de ações comunicativas que se apropriam e estabelecem entre si, em um espaço formal de educação infantil. Para os adultos, a linguagem nos bebês às vezes se torna enigmática e pouco “decifrável”, pois estes não a compreendem como expressão peculiar das crianças pequeninas. Sabe-se que a linguagem é constituída socialmente, nas relações sociais, com os outros bebês e mediadas pelas ações de crianças maiores e adultos, porém nem sempre a linguagem entre os bebês é considerada legítima e significativa.

A partir de algumas observações em contextos de educação infantil, mais precisamente nos grupos de berçários, percebi a importância da linguagem com e entre os pequeninos. Desse modo, as formas de comunicação reveladas pelos bebês, às vezes mediadas por

²⁰ A pesquisa foi realizada por Larissa de Negreiros Ribeiro Elmôr no ano de 2009, a partir da análise teórico-metodológica da Rede de Significações do CINEDD, na USP de Ribeirão Preto.

eles próprios e pelos adultos, são processos dialógicos do desenvolvimento da criança e da compreensão dos adultos acerca das suas necessidades, desejos e manifestações.

Para refletir sobre essa questão apoio-me, em alguns pressupostos da Psicologia histórico-cultural (VYGOTSKY, 1996); e principalmente na perspectiva filosófica e linguística de Mikhail Bakhtin; e por fim na perspectiva crítica da Sociologia da Infância (CORSARO, 2005; FERREIRA, 2000; SARMENTO, 2002), buscando subsídios para melhor apreender as ações das crianças pequenas.

A concepção teórica sócio-histórica acena para a importância do lugar social e o período histórico em que os sujeitos de uma dada pesquisa estão situados, que relações sociais se imbricam no cotidiano delas e que marcas da cultura se interpenetram nessas relações. Segundo Pino (2000, p. 51), para Vygotsky “[...] a história do homem é a história da sua transformação, a qual traduz a passagem da ordem da natureza à ordem da cultura.” São as funções biológicas ganhando novas formas a partir da emergência do social e cultural, produzida pela ação humana. Em consonância com essa perspectiva teórica, analisei as ações de comunicação dos bebês, segundo os estudos de Bakhtin (1986; 2003). Destarte, estudar a linguagem por esse âmbito implica considerar o papel das relações do enunciado com a realidade concreta que confere sentido às ações dos bebês.

A linguagem não é produto exclusivo da atividade mental do sujeito, mas produto da interação verbal constituída na realidade social concreta, decorrente das relações humana, “ideológica e dialógica”, em que, ao mesmo tempo, constitui o homem e se constitui por suas ações. (BAKHTIN, 1986)

Partindo das premissas da Filosofia da Linguagem de Bakhtin, busco, pelos conceitos de *dialogismo*, *exotopia*, *alteridade*, *enunciado*, *texto diálogo*, *responsividade e polifonia*,²¹ fundamentos para apreender e alicerçar a pesquisa em relação à constituição da linguagem entre os bebês no espaço coletivo da creche, contexto no qual é propício para observarmos como os bebês se apropriam de formas de comunicação nas relações sociais ali postas. Para Bakhtin (1996), “O centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo.” São as condições sociais, de fora do indivíduo que constituem o enunciado, como “puro produto da interação social” (BAKHTIN, 1986, p. 121).

²¹ Esses conceitos serão aprofundados ao longo do texto, e na medida em que as análises realizadas apontam para esses fundamentos teóricos.

E ainda, na tentativa de me aproximar ao máximo do cotidiano vivenciado pelos bebês no contexto da creche, procuro me pautar também na Sociologia da Infância que, numa perspectiva crítica, afirma uma concepção de infância e de criança como agente competente na realização de ações sociais. A Sociologia da Infância propicia que conheçamos as crianças a partir delas mesmas, como atores sociais, tal qual nos afirma Sarmento (2005, p. 363): “A infância é concebida como uma categoria social do tipo geracional por meio da qual se revelam as possibilidades e os constrangimentos da estrutura social.” Nesse sentido, os bebês pertencem a essa categoria geracional, mas com diferenciações peculiares que não podem ser assumidas de forma comum e generalizada no contexto da pequena infância.

Corroborando com o autor, compreendo que a infância enquanto categoria geracional deve ser considerada como “uma categoria estrutural relevante na análise dos processos de estratificação social e na construção das relações sociais” (SARMENTO, 2005, p. 363), portanto não deve ser definida de modo generalizado e simplista. Aspectos sociais, culturais, étnicos, religiosos e econômicos diferem uma infância de outra.

Em se tratando de crianças bem pequeninas, percebem-se uma acentuação dessas diferenças e uma peculiaridade que talvez possa ser definida por categoria geracional bebês, estabelecidas por múltiplas estratégias de comunicação, que nos exigem auscultação para apreendê-las.

As estratégias de comunicação e as ações de linguagens entre os bebês são meios que as crianças bem pequeninas têm para manifestar a apropriação que fazem do mundo e da cultura, travando relações sociais, tornando-as sujeitos ativos, capazes de atuar com outros sujeitos de diferentes idades e com seus pares. É nessa interação do bebê com o mundo que o cerca que o processo dialógico se manifesta e ganha importância.

Conforme Vygotsky (1989), a base biológica do funcionamento psicológico necessita da inserção do sujeito em um meio social e cultural específico, com signos e representações construídas historicamente, que determinarão diversas possibilidades do funcionamento cerebral, mobilizando o sujeito na realização de diferentes tarefas. Isso implica dizer que os esquemas cerebrais por si só não seriam capaz de atingir outros estágios mais elaborados se não houvesse a interação do indivíduo com grupos sociais e a mediação de adultos e crianças no processo do desenvolvimento. Entende-se que este

processo não é, no entanto, linear, harmônico e homogêneo, pois, se define e se transforma dialeticamente nas relações sociais.

Nesse sentido, investigar as estratégias comunicativas e, por conseguinte, a apropriação da linguagem pelos bebês passa a ser um tema relevante para as pesquisas que tenham como interesse conhecer as formas de sociabilidade das crianças a partir delas mesmas, tomando as crianças como sujeitos de investigação sociológica e a infância como categoria social do tipo geracional²². Assim sendo, a constituição da linguagem entre os bebês está atrelada ao lugar social que estes ocupam e às relações estabelecidas com o outro e com o meio, processo que deve ser viabilizado pela mediação do adulto, como forma de ampliar e garantir a comunicação dos pequeninos com o mundo.

Bakhtin desenvolve uma reflexão importante sobre como a consciência individual se apropria de signos sociais e ideologicamente construídos:

Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social. (BAKHTIN, 1986, p. 34)

A natureza biológica do humano torna-se social na medida em que o sujeito se apropria de signos e ações de outros sujeitos, é necessário um mergulho interacional nas relações humanas estabelecidas em dado contexto social para a consciência individual se apropriar dos atos humanos. Por essa condição se efetiva a constituição de um ser biológico em ser social, ou seja, na medida em que é apreendida a forma de desempenhar os papéis sociais, intrínsecos à sua condição de classe, etnia e de gênero, o indivíduo, em processo de socialização, se situa na estrutura social a qual pertence e age sobre ela redefinindo-a pelas experiências que vivencia.

Na perspectiva de Vygotsky (1989), esse processo de trocas e interações é fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Portanto, é importante perceber que, embora os

²² O conceito de geração, segundo Sarmiento (2005), é considerado pela Sociologia da Infância como uma categoria estrutural importante para a análise da construção das relações sociais entre e com as crianças.

bebês se apropriem do que está estabelecido, ao mesmo tempo dão novos significados e, de forma sutil, apresentam o modo como se relacionam com o mundo.

Com isso, passa a ser fundamental a intencionalidade das ações pedagógicas e o olhar sensível do adulto no coletivo das creches, onde um número representativo de bebês passa grande parte de seus dias confinados a regras e rotinas da instituição, tendo, por vezes, suas possibilidades de ampliação da linguagem e da emancipação das potencialidades humanas pouco valorizadas. Daí ser imprescindível a troca e a interação verbal e afetiva entre todos os partícipes do contexto.

As crianças pequeninas que ainda dependem da interação dos adultos para a realização de suas necessidades básicas, manifestam na linguagem significações que possibilitam aos adultos a compreensão dos desejos e sentimentos que estão sendo expressos por elas. É o início de um diálogo com o espaço socialmente organizado e com o grupo social que as cercam, bem como com os objetos que lhes são disponibilizados. As estratégias de comunicação utilizadas pelos bebês são elementos importantes para que possamos conhecê-las melhor e assim legitimarmos suas ações no tempo em que permanecem na creche, pois é nesse processo dialógico que os bebês se constituem e constituem a linguagem.

O processo de constituição da linguagem entre os bebês, além de propiciar um salto qualitativo no desenvolvimento, também promove significativas ações entre eles. Essas ações subsidiam o processo de autoria das crianças pequeninas, possibilitando a convergência entre a interação com o concreto e a abstração das ideias, por meio da relação dialógica, assumindo maiores dimensões no desenvolvimento e na interação do sujeito com o meio social. Para Bakhtin:

Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar... Os sujeitos não adquirem a língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência. (BAKHTIN, 1981, p.108)

Compreender a linguagem dos bebês como elemento indispensável na interação e ação com as crianças implica reconhecer as

estratégias de comunicação das quais lançam mão como constituidoras da fala, e, portanto, imprescindíveis para a constituição humana.

Esse olhar para a linguagem e para as estratégias de comunicação dos bebês nos oferece subsídios para compreender as crianças em idade inicial com mais profundidade. A linguagem passa a representar a entrada da criança no universo simbólico das relações sociais, razão pela qual, pensando no espaço da educação infantil, os adultos que participam desse processo dialógico com os bebês devem estar atentos aos indicativos que lhes são apresentados. Nessa direção, Oliveira (2002) assevera que:

A criança constrói, assim, conhecimentos conforme estabelece relações que organizam e explicam o mundo. Isso envolve assimilar aspectos dessa realidade, apropriando-se de significados sobre a mesma, através de processos ativos de interação com outras pessoas e objetos, modificando ao mesmo tempo sua forma de agir, pensar e sentir (OLIVEIRA, 2002, p. 51).

Tomando como base essa compreensão, tem-se a linguagem como um processo social e culturalmente construído, isto é, os bebês constituem-se nas formas de comunicação e constituem seus próprios modos de comunicarem-se na relação que estabelecem entre si, com as outras crianças, com os adultos e com o próprio meio. A linguagem está impregnada de valores socioculturais dos contextos em que cada sujeito participa. Essa mesma linguagem, manifestada pelos bebês, traz consigo uma carga de representação dos desejos dos pequeninos sobre o universo que os cerca, demonstrando além das necessidades básicas, mas também a inteireza do seu ser, por meio da imaginação, da fantasia e do simbolismo das ações.

Pode-se inferir que no processo de socialização entre os bebês e os adultos deve-se considerar a dimensão interacionista das relações [...] “entre conhecimento de si e conhecimento do outro, construção de si e construção do outro” (MOLLO-BOUVIER, 2005, p.392), permitindo que a linguagem, manifestada por eles, emane significados e sentidos no espaço da educação infantil. É pelas situações sociais reais de enunciação vivenciadas pelos sujeitos (os bebês) e legitimadas pelos adultos, principalmente pelas professoras de bebês, que a lógica adultocêntrica deve ser rompida, pois esta tende a valorizar a linguagem somente no aspecto da fala e da escrita, que embora fundamentais não

são únicas, principalmente quando nos referimos ao modo como os bebês constituem a linguagem. Deste modo, a imaginação e a fantasia são constitutivas da realidade, conforme afirma Vygotsky (1996) ao considerar esses aspectos como alicerce da atividade criadora do homem.

A imaginação e a fantasia se manifestam nas ações das crianças pequeninas a partir das brincadeiras e da diversidade de elementos que lhes são oferecidos e possibilitam a resignificação das ações. Embora a brincadeira simbólica se faça presente entre os bebês no primeiro ano de vida, com menor intensidade, já é possível perceber algumas nuances dessas representações manifestadas e partilhadas por eles nas relações sociais que estabelecem.

Essas ações simbólicas ampliam os caminhos da imaginação, da criação e da sensibilidade para a manifestação do espírito, como afirma Benjamin (1992, p. 184): “quanto mais profundo, ou seja, existente e real for o espírito, tanto mais ele é expresso e exprimível”. É necessário que os sentidos se integrem profundamente ao meio e ao outro para fluir a intuição, viabilizando cada vez mais a entrada dos bebês no mundo simbólico da nossa cultura, que se expressa por diversas linguagens e não apenas pela fala e pela escrita.

As práticas educativas, no contexto da creche, para com os bebês trazem consigo uma carga determinante no processo de valorização e legitimação da linguagem que constitui e se constitui entre os bebês, permitindo, inclusive, o início do diálogo entre eles, as crianças maiores e os adultos, como forma de compreender as manifestações e interpretações que os bebês expressam.

Nessa mesma direção, Schmitt (2008, p. 14) constata que “o diálogo com as crianças pequeninas torna-se imprescindível na perspectiva de saber o que elas nos indicam sobre o que são, o que sentem e como constituem suas infâncias no espaço coletivo”. A linguagem se constitui pela interação dos bebês com diferentes contextos históricos e sociais e se transforma continuamente pela própria ação dos sujeitos (bebês/crianças maiores/adultos).

O estudo inicial dos autores supracitados permitiu-me compreender que da mesma forma que se sabe que os bebês se apropriam da linguagem constituída socialmente, implica pensar também nas significações que os próprios bebês atribuem à linguagem, ao simbolismo das ideias na relação com o mundo concreto. É importante perceber que a linguagem está atrelada aos seus fazeres (as expressões peculiares de cada bebê), ouvindo, balbuciando, chorando, sorrindo, batendo palmas, olhando, tocando objetos (explorando o

meio). Os bebês vão estabelecendo vínculos e se apropriando de formas de linguagem importantes para as suas relações sociais.

Seguindo os preceitos da pesquisadora Tristão (2006), mesmo as crianças vivenciando situações comuns em contextos comuns, as experiências serão sempre diferentes, únicas, pois são singulares. Assim, é determinante que se conheça cada *menino e menina*, considerando e garantindo sua alteridade (LAROSSA, 2001). A autora nos alerta que, mesmo havendo pesquisas acerca da linguagem dos bebês e, principalmente, sobre a infância, nem sempre os adultos se dedicam a considerar as manifestações das crianças e dos bebês, especificamente, submetendo-os às regras das instituições de educação infantil, restringindo-se a rotinas e a concepções pré-estabelecidas pelos adultos.

2.2.1 Infância e retórica: onde ficam os bebês nessa relação?

Nesta seção apresento algumas reflexões acerca da institucionalização da infância e a relação com a invenção da “idade bebê”. Recorro à etimologia do conceito de infância e a uma breve revisão historiográfica que possibilite uma construção da infância ao longo da Modernidade. Nesse sentido, procuro compreender a infância na perspectiva da Sociologia da Infância, que traz a criança como agente e busca compreender as culturas infantis, desde os bebês, a partir do ponto de vista deles próprios.

O desafio a que me proponho é indagar sobre o modo como os bebês vêm sendo representados historicamente²³ e o que conhecemos sobre a categoria geracional bebês, da mesma forma que ressalto a importância da pesquisa com crianças de até três anos para o campo da educação e o espaço coletivo da creche. Assim, as estratégias de comunicação dos bebês na constituição da linguagem possibilitam compreender a forma de imergir em seus mundos de vida, no contexto da creche. Porém de que modo a ciência tem trazido à tona os estudos sobre a infância? E a relação com os bebês? E o modo como os bebês constituem a linguagem?

Diferentes áreas do conhecimento vêm abordando a infância como objeto de investigação, principalmente nas áreas da Psicologia, Medicina, Educação, História, Direito e, mais recentemente, a

²³ Os estudos abordam a ideia de infância presente principalmente no decorrer do século XX.

Sociologia da Infância. A criança passa a ser objeto de pesquisa pelas áreas das ciências médicas, humanas e sociais. Os primeiros estudos acerca da infância surgem da necessidade de conhecer o desenvolvimento infantil, com o intuito de prevenir doenças e erradicar o alto índice de mortalidade entre as crianças pequenas, no final do século XIX e início do século XX.

O conceito de infância, de origem *infante*, carrega um sentido, acima de tudo, de incompletude, com ênfase ao pequeno, ao que não fala, ao novo e de pouca idade. Ademais é um conceito discursivo, “a infância é uma personagem oculta” que aparece na retórica, nos ideais de um determinado momento histórico, e assim se institui pela representação e pelo imaginário social, como segmento de menor importância (BECCHI, 1994, p. 71). Na origem do termo, do latim: *in-fans*, vem constituído do poder da palavra que se quer alcançar, assim, não somente o fato de não ser capaz de exercer a fala, mas, principalmente, por ter que vir a adquirir condições para tal. A partir desse significado, desenvolvo uma sucinta incursão teórica, como forma de desenvolver a análise pela interpretação das leituras realizadas para a fundamentação e contextualização histórica da pesquisa, centrando-me na representação de infância e na identificação de qual espaço os bebês ocupam entre a retórica e a realidade do social.

A obra clássica do historiador Philippe Ariès e alguns estudos que abordam os reflexos do início da modernidade na constituição da imagem de infância e de criança identificam as ideias que vêm permeando essas representações, inclusive no que se refere aos bebês, os quais, mesmo pertencentes à categoria geracional infância, se diferem como uma categoria específica, exigindo que as ações pedagógicas sejam pensadas de modo diferenciado, visando atender suas peculiaridades. Nesse sentido, tornou-se importante compreender o universo dos bebês em contexto coletivo da creche, a partir da compreensão histórica de como as crianças pequeninas vêm sendo representadas socialmente.

2.2.2 A representação dos bebês na história da infância do século XX

Uma análise relevante, apresentando a história da criança e a relação de dever do Estado foi desenvolvida na obra *Salvar corpos, forjar a razão*, da autora portuguesa Manuela Ferreira (2000).

Concomitante a isso, o estudo revela as premissas da institucionalização da infância, revelada, principalmente, no início do século anterior.

A autora apresenta a imagem de criança, criada entre o século XIX e XX, em Portugal²⁴, como centro de discussões e, por muitas vezes, como representação do ideário humano e da sociedade. Desse modo, nessa perspectiva do *vir a ser*, todas as esperanças são incorporadas pelo imaginário coletivo à imagem da criança. Nesse contexto, se fala de uma infância única, universal, com direitos concedidos à proteção e à guarda, mas que ao mesmo tempo constatam-se os alarmantes índices de mortalidade, de violência contra a criança, assim paradoxalmente são negados esses direitos e confundidos entre a retórica e a realidade.

Nesse sentido, o conceito e as concepções de infância “acabam por apenas adotar uma dada perspectiva, ficam ainda por esclarecer, para além das especificidades da infância, as suas particularidades, ou seja, em que é que as crianças são diferentes entre si, considerando a classe social, gênero, idade, etnia...” (FERREIRA, 2000, p. 09). Nessa perspectiva, a homogeneização da infância institui, pelos Direitos Humanos, um ideal de ser criança, furtando a heterogeneidade, as diferenças de classes e ocultando conflitos que são inerentes a essa categoria social.

Retomando os aspectos históricos, a partir das necessidades sociais e econômicas, reveladas no final do século XIX e início do século XX, na sociedade industrial, as crianças passam a ser consideradas como instituição que necessita de cuidados. Assim, a Pediatria, área da Medicina, elege a criança como objeto a ser pesquisado de modo isolado, porém, ao debater os fatores que ocasionam os altos índices de mortalidade e de doenças nas crianças, nos primeiros anos de vida, esta área se confronta com suas próprias limitações, passando a compreender que a “[...] a gênese dos problemas e a sua cura não se confinam ao campo restrito do biológico e médico [...]”, e sim se transpõem a um campo social e cultural (FERREIRA, 2000, p. 87).

Entretanto, mesmo com a constatação de que o aspecto biológico por si só não resolve todos os problemas que atingem a saúde física e mental da criança, a Medicina não sai de cena, ao contrário, a Pediatria assume os estudos acerca da criança no aspecto biofisiológico, do zero

²⁴Autores que abordam a historiografia social da infância no Brasil apontam semelhanças com Portugal. Ver: ALVIM, M. R. B. & VALLADARES, L. P. (1988); DEL PRIORI, M. (2006); KUHLMANN JR., M. (1998).

aos doze anos, de modo mais centrado ao desenvolvimento. Surge, com destaque, também a Puericultura que se preocupa em atender aos cuidados da criança, do período pré-natal à puberdade, numa perspectiva global, visando intervir e questionar aspectos biossocioculturais.

Essa área da Medicina (Pediatria – Puericultura) é eleita como a ciência médica ideal para orientar e intervir nos cuidados que a família, principalmente a mãe, deve ter com a criança, desde a primeira formação (gestação) até os três anos, assumindo, assim, o papel técnico dos saberes médicos, a higienização e o cuidado. É nesse mesmo momento que também a Psicologia passa a atuar integrada à Medicina, como mais um campo científico de pesquisa sobre a criança, por um aspecto biopsicológico.

Seguindo os avanços da sociedade moderna, caracterizada pelo fervor da industrialização e do desenvolvimento capitalista, constituída pela exigência de mão de obra, escolarização e formação profissional, desencadeia-se, paralelamente, ao final de meados do século XX, a institucionalização da Sociologia da Juventude, a fim de responder a demanda social de um grupo etário que interessa à sociedade, mas deixando de fora outra parcela não menos relevante, conforme denuncia Ferreira (2000, p.12):

Efetivamente, olhando este campo, verifica-se que enquanto se constitui uma Sociologia da Juventude, sobretudo a partir dos anos 60, desencadeada em torno das problemáticas da sua entrada no mundo do trabalho, escolarização, formação profissional, desemprego, lazer e consumo, o mesmo não aconteceu relativamente a uma Sociologia da posição dos bebês e das crianças de 3 aos 11 anos, e das suas relações com os adultos e as outras crianças.

Por esse aspecto justifica-se, em certa medida, o interesse e a necessidade de pesquisas com os bebês, já que, historicamente, estes não são considerados ativos diante da sociedade, quando muito, são considerados indivíduos dependentes, porém sem produtividade cultural e econômica e, não obstante, são compreendidos como seres em formação; como seres que posteriormente virão a ser, a pensar, a falar, a andar e, principalmente, a produzir bens econômicos.

Endossando as pesquisas acerca dos bebês e do olhar moroso que as áreas do conhecimento desprenderam a eles como sujeitos, não os

restringindo apenas a aspectos socioemotivo e sociocognitivo, como afirmam (BONDIOLI e MANTOVANI, 1998), os estudos devem superar a perspectiva da relação do apego e perceber que investigá-los sob a ótica da interação com os pares e na produção de culturas, também pode ser promissor. E as autoras ainda assinalam que foi somente a partir dos anos de 1970 que as crianças pequeninas começaram a ser percebidas como sujeitos com possibilidade social.

A partir dos anos de 1970 estudos acerca do desenvolvimento social da criança assinalam possibilidades de intencionalidade comunicativa, [...] As crianças abaixo de três anos aparecem, por esses estudos, muito menos egocêntricas do que se pensava no passado e capazes de interagir adequadamente, de um ponto de vista social, com parceiros, adultos e coetâneos. (BONDIOLI e MANTOVANI, 1998, p.28)

Por longas décadas o que preponderou foi a invenção da “idade bebê”, a partir das induções da área da Medicina e das práticas higienistas, como preservação da espécie humana e erradicação das taxas elevadas de mortalidade infantil, em que os bebês eram concebidos pelo devir (PROUT, 2004). É importante ressaltar que o crescimento da industrialização definiu um novo papel de mulher e de mãe, convergindo para transformações econômicas, ideológicas e culturais, as quais se traduziram na produção de objetos de consumo a um mais novo público consumidor pertencente à infância. Assim, nessa transição histórica, social e econômica, os bebês passam a ser provedores de consumo, tornando-se importantes na fomentação da economia mundial, através de produtos específicos a eles.

Nesse vasto panorama de transformações sociais, segundo Ferreira (2000), a escola assume um papel fundamental no processo intencional de socialização, estabelecendo/mantendo distinções entre a idade biológica e a idade da razão. Com isso, bebês de zero a três anos recebem atendimento voltado aos cuidados fisiológicos, e as crianças a partir de sete anos, a chamada idade da razão, precisam ser atendidas por um aparato cultural e intelectual de socialização e preparação para a vida adulta, já que médicos pesquisadores identificam nas crianças de três a seis anos de idade indivíduos com competências físicas e com prováveis competências inteligíveis, pois, se a criança já caminha, já

fala, expressa sentimentos e desejos, possíveis de serem compreendidos, possui condições básicas para se tornar objeto de estudo.

Essa concepção de infância instituída por interesses sociais e econômicos, primeiramente como forma de preservar a espécie humana, depois como objeto de descobertas para algumas áreas do conhecimento, que tiveram seu triunfo a partir das investigações sobre as crianças, e, por fim, como objeto produtor de consumo, acaba por afirmar a imprescindibilidade da escola como instituição socializadora, respondendo aos interesses da sociedade Moderna e, principalmente, suprimindo o papel do cuidar materno, já que as mães são deliberadas também como mão de obra. Assim, se definem os primeiros anos da infância como artefato pedagógico, conforme indicam Chamboredon e Prevot (1986):

A análise da gênese da definição social da primeira infância como objeto pedagógico e das condições sociais da difusão desta definição é condição prévia para funções preenchidas pela escola maternal para as diferentes classes sociais, funções que podem ser evidenciadas construindo-se o sistema de relações mantidas pela instituição com as formas de transmissão cultural nas diferentes classes. (CHAMBOREDON e PRÉVOT, 1986, p. 33)

Enfim, num sentido mais fundamental, pode-se confirmar que a concepção acerca dos bebês, em grande parte do século XX, se definiu pela necessidade de cuidados físicos, enquanto as outras crianças, da segunda infância (três a seis anos), necessitavam de cuidados psicológicos e culturais. Ora, então as crianças têm idades específicas para serem cuidadas e terem o repertório cultural ampliado? Afinal, o ser humano em toda sua dimensão de vida, parece necessitar de cuidados físicos e psicológicos. Da mesma forma que o direito à cultura, ao lazer, à política, à arte, ao convívio com a natureza, também deveria ser direito indiscutível do ser humano, desde todas as idades. Mas o que se observa é que, historicamente, esses direitos são negados, às crianças de modo especial, como/quando lhes é negado o direito de viver a infância na sua plenitude.

Isso representa, como analisou Ferreira (2000), que, na perspectiva moderna de uma sociedade letrada, a infância é reduzida ao sinônimo de criança aluno, tendo que assumir um padrão universal a

este período de vida. Não obstante, a infância não inicia a partir dos sete anos de idade, a chamada idade da razão, por a criança já ter condições de ser escolarizada. E a outra parte da infância, onde fica antes desse período? Novamente, por não ser considerada produtiva, nem potencializada é uma infância negada.

Pode-se assinalar que as primeiras críticas sobre a infância, abalizadas pelos teóricos da História da Infância, partiram, principalmente, da obra de Philippe Ariès (1979), *História social da criança e da família*, apontando que as transformações pelas quais os adultos concebem a criança podem ser constatadas desde o final da Idade Média (século XVI). Todas essas transformações ocorreram, como vimos anteriormente, por uma série de institucionalizações, tais como a escola, a reorganização no interior da família e o estabelecimento de normas que padronizam as intervenções dirigidas a esta parcela *in – fans* da população.

Alguns pesquisadores (KOOPS, 1996; POLAKOW 1992; POLLOCK 1987 a, 1987 b; SCHULTZ, 1995; WOODS, 2003) ²⁵ criticam a obra de Ariès por entenderem haver falta de rigor metodológico no momento de comprovar as hipóteses, já que suas investigações foram realizadas a partir do método iconográfico, além de não incluírem as camadas desfavorecidas da população, pois abordou mais precisamente a burguesia a partir do século XV. No entanto, é importante rever que o autor estabeleceu uma nova perspectiva aos estudos acerca dos aspectos histórico e social da infância e, assim, mesmo que haja divergências de posicionamento em torno da sua pesquisa, muitos pesquisadores ainda se utilizam das categorias de análise indicadas em sua obra.

Philippe Ariès traduz a imagem de infância, representada ao longo da história da humanidade, por um sentimento profano e, ao mesmo tempo, sagrado, que, de qualquer modo, marginaliza os agentes dessa categoria geracional, mesmo quando reaparece como foco principal para a institucionalização e afirmação da escola, tal qual o autor a descreve:

A infância tem permanecido na sombra durante bastantes séculos. Não é, pois, surpreendente vê-la reaparecer na época da cultura escrita, e por conseguinte na escola, reconquista seus direitos e

²⁵ Para aprofundar o estudo acerca da crítica desenvolvida por estes autores a Ariès, ler Warde (2007).

se difunde a partir do século XII. Certamente, na escultura gótica os anjos, como o de Reimis, e os bispos são quase sempre jovens adultos; às vezes parece reservado aos santos do Antigo e Novo Testamento, aos personagens do outro mundo. Enquanto a infância, fica reservada a Jesus menino, porém este já é um autêntico menino, às vezes envolto em panos, e sua mãe, recente do parto, se inclina sobre ele e o acaricia com afeto: o Jesus menino da arte gótica desempenha o papel do *buer bimulus* de Catulo. Indica que se superou a etapa, que se redescobre a infância. Aquela forma pequena incapaz de crescer se converteu em uma espécie de monstro que em breve será objeto de diversão nas cortes principescas, igual aos animais exóticos e raros: o anão.²⁶ (1979, p.11) [Tradução da autora]

Dessa forma, é possível reconhecer na História da Infância as diferentes imagens que são ilustradas nos últimos séculos, acerca das crianças pequeninas. Em contrapartida, outras áreas do conhecimento, embora recentes, vêm inaugurando uma tomada de posição diferente nas pesquisas com crianças, tendo como princípio pesquisar a criança a partir dela mesma, considerando suas ações e seus mundos de vida, bem como, considerando-a como agente cultural e histórico, visando romper com a visão adultocêntrica e permitindo, nas pesquisas, que ela mesma também seja partícipe, sujeito ativo no processo e não apenas objeto de estudos.

²⁶ La infancia ha permanecido en la sombra durante bastantes siglos. No es, pues, sorprendente verla reaparecer en la época en la que la cultura escrita, y por consiguiente la escuela, reconquista sus derechos y se difunde a partir del siglo XII. Ciertamente, en la escultura gótica los ángeles, como el de Reimis, y los obispos son casi siempre jóvenes adultos; la vejez parece reservada a los santos del Antiguo y Nuevo Testamento, a los personajes del otro mundo. En cuanto a la infancia, queda reservada para Jesús niño, pero éste ya es un auténtico niño, a veces envuelto en pañales, y su madre, reciente el parto, se inclina sobre él y lo acaricia con afecto: el Jesús niño del arte gótico desempeña el papel *del buer bimulus* de Catulo. Indica que se ha superado la etapa, que se redescubre la infancia. La forma pequeña incapaz de crecer se ha convertido en una especie de monstruo que en breve será objeto de diversión en las cortes principescas, al igual que los animales exóticos y raros: el enano.

2. 2. 3 Da invisibilidade dos bebês à significação de suas ações

É curioso como não sei dizer quem sou. Quer dizer, sei-o bem, mas não posso dizer. Sobretudo, tenho medo de dizer, por que, no momento em que tento falar, não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo.

Clarice Lispector

É possível afirmar que se precisa conhecer mais e melhor os bebês, tendo-se presente um quadro de conformação e submissão dessa categoria geracional bebês, que traz consigo características que a torna diferente e rica de potencialidades. Vygotsky (1996) desenvolve uma crítica contundente às teorias que assinalam o primeiro ano de vida do bebê como a-social, devido à dependência que este estabelece com o outro na realização de suas necessidades básicas, como se fosse sujeito meramente biológico. Para o autor: “Um estudo atento demonstra que já no primeiro ano há uma sociabilidade totalmente específica, profunda, peculiar, devido a uma situação social de desenvolvimento única, irrepitível, de grande originalidade [...] ²⁷” (VYGOTSKY, 1996, p. 284-85) [Tradução minha]. A partir dessa relação de dependência do bebê, mediada pelo outro (a mãe, a professora, crianças maiores), se estabelece a relação social que, peculiarmente, começa a se definir desde o seu nascimento, ou seja, desde o princípio da vida, o bebê é social.

Sendo assim, é importante que se conheçam as estratégias que os bebês criam num contexto coletivo de creche, tornando-se necessário compreender as estratégias dos bebês de modo grupal, coletivo e não parcializado, como nos aponta Rocha (2008).

Trazer os bebês como ponto de partida na pesquisa é imprescindível, e, para tanto, se faz necessário retomar as indicações de Rocha (1999) sobre a importância de considerar as culturas infantis, dialogando com outras áreas do conhecimento. A Sociologia da Infância, por exemplo, possibilita-se perceber uma dimensão simbólica e cultural, possível de ser realizada a partir do método etnográfico, como

²⁷ Un estudio atento demuestra que hay en el primer año una sociabilidad totalmente específica, profunda, peculiar, debido a una situación social de desarrollo única, irrepitible, de gran originalidad [...].

meio de apreender a criança no seu eu. Considere-se, sobretudo, a singularidade desse sujeito de pouca idade, pois, mesmo uma criança que partilha de tantos lugares, com diferentes adultos e crianças, com que ações esse agente, simultaneamente, busca uma unidade que o forma^{28?}

Para os autores Pinto e Sarmiento, “[...] as culturas infantis não nascem no universo simbólico, exclusivo da Infância, este universo não é fechado – pelo contrário, é, mais do que qualquer outro, extremamente permeável, nem lhes é alheia a reflexividade global social” (1997, p.21). Sendo assim, a Infância deve ser entendida como uma construção social, que vem apresentando problemáticas paradoxais. Ao mesmo tempo em que existe um olhar mais atencioso aos *Direitos da Criança*, continua crescendo o número de crianças em situações de precariedade social. E os bebês, o que é pensado para eles? Há escuta das manifestações dos bebês? O que se conhece das estratégias de comunicação dos bebês?

Considerar as manifestações e linguagens dos bebês pode significar a abertura de um caminho para a legitimação de suas ações, valorizando a linguagem desses sujeitos como potente de significados e reveladora de seus mundos de vida. Como se vê, a relação estabelecida para com os bebês, comumente, é silenciosa e de invisibilidade, restringindo-se, muitas vezes, à determinação biológica e destinada a sujeitos homogêneos, não considerando a heterogeneidade da condição social, da qual fazem parte. Para Wallon (1975), compreender as ações que essas relações conferem ao bebê é imprescindível:

As primeiras relações utilitárias da criança não são as suas relações com o meio físico, que, quando aparecem, começam por ser lúdicas; são relações humanas, relações de compreensão, que têm como instrumento necessário meios de expressão, e é por isso que a criança, se não é naturalmente um membro consciente da sociedade, também não é um ser primitivo e totalmente orientado para a sociedade (WALLON, 1975, p. 198).

Por esse ponto de vista, conhecer como os bebês constituem a linguagem no contexto da creche possibilita também compreender como o sujeito, que tem as relações sociais iniciadas a partir da interação

²⁸ Essas reflexões estão pautadas nos ensinamentos da Disciplina Seminário de Dissertação I, em uma das aulas ministradas pela Professora Eloisa Rocha, no ano de 2009.

emocional com o outro, torna-se social, e de que forma essa relação se transforma em comunicação humana. Novamente, Wallon (1975) contribui:

As suas ligações com o meio não são de raciocínio ou de intuição lógica, mas de participação nas situações onde se encontra ou poderia estar implicado e a tudo o que as pode motivar. De qualquer modo confunde-se nelas. Insisti muitas vezes na importância que têm, logo nos primeiros meses, as suas reacções emocionais e as do seu meio ambiente. Por causa dela estabelece-se uma espécie de comunicação afectiva, que precede na criança, como certamente na história da humanidade, as relações ideológicas. O papel das emoções é sem dúvida, de ser um sistema de expressão anterior à linguagem articulada: aquela que era preciso para originar, por uma espécie de conteúdo, fortes reacções colectivas (WALLON, 1975, p.198).

Contudo, precisa-se compreender que essas reflexões preconizam que a infância não é única, não é universal, e por isso não pode ser tratada no singular. Isso equivale a dizer que as especificidades dos bebês no primeiro ano de vida demonstram as múltiplas potencialidades que têm de agir no contexto em que estão inseridos.

Existem infâncias diferentes umas das outras, devido à condição social, econômica e cultural da criança, mas a criança não se torna menos capaz, no sentido inteligível e sensível do humano por sua pouca idade. Nessa direção, pesquisas mais recentes, pautadas na Sociologia da Infância, analisam a situação e a condição da criança como sujeito de direitos, de autoria, de culturas e identidades, nas diferentes sociedades.

No entanto, ao considerar a importância de pesquisas que trazem as crianças como sujeitos principais na investigação, permiti-me compreender a necessidade de se estar mais próximos das estratégias comunicativas dos bebês, para, por fim, conhecê-los. Se eles se apropriam da linguagem constituída socialmente, implica pensar também nas significações que os próprios bebês atribuem às linguagens, ao simbolismo das ideias na relação com o mundo concreto. E, desse modo, é possível entender a ação dos bebês, repleta de sentidos e carregada de linguagens nas dimensões estética, política e imaginativa,

“[...] porque a todos é essencial a comunicação do seu conteúdo espiritual”, como nos traz Walter Benjamin (1992, p. 177) ao definir que, mesmo falando de uma linguagem humana, essa não, necessariamente, será igual a de todos os homens, ou seja, os bebês possuem plenas competências humanas, mas que se diferenciam no seu modo inicial de ser.

Nesse sentido, não podemos dizer que a presença dos bebês é silenciosa, pois os pequeninos são e estão em constante movimento, esboçando expressões que se manifestam das mais diferentes formas. Os movimentos não são fortuitos, afinal a criança, desde sua mais tenra idade, é ação, relação e interação com o meio. A constituição social dos bebês se faz por meio do que exploram, sentem, tocam, experimentam, e, nesse processo de corpo em movimento, os sentidos se relacionam e se complementam, formando, na corrente psíquica, a elaboração de todas essas ações, que novamente serão reveladas a partir da produção/criação que o bebê reelabora e expressa.

Por essa via de estudo, a linguagem, parece possível estabelecer uma forma de aproximação para melhor conhecer os mundos de vida dos bebês. De acordo com Benjamin, todo e qualquer processo imaginativo perpassa pela presença da linguagem, mesmo que em grau maior ou menor, conforme demarca o autor:

De fato, é uma evidência plena de conteúdo a afirmação de que nada podemos imaginar que não comunique a sua essência espiritual, manifestando-a através da expressão; o maior ou menor grau de consciência a que tal processo de comunicação está ligado aparentemente (ou realmente) em nada altera o fato de sermos incapazes de imaginar a total ausência da linguagem, no que quer que seja. Uma existência que não tivesse relação com a linguagem é uma ideia; mas esta não frutifica, mesmo no domínio das ideias cujo âmbito é assinalado pela ideia de Deus. (BENJAMIN, 1992, p.178),

Sendo assim, é fundamental entender que o tempo interno, que é elaborado pela criança, pelos bebês, no momento da brincadeira, no momento da ação e da interação entre eles, é diferente do tempo cronológico. Aqui se misturam a realidade e o imaginário, e novas possibilidades e descobertas se difundem. Esse tempo de elaboração interna é um tempo maior do que o que acontece no imediato da

experiência externa, as manifestações dos bebês podem ser consideradas traduções desse universo simbólico e inesgotável do coletivo entre os bebês de pouca idade, para além de meras ideias.

Assim, acredito que, na medida em que os bebês experimentam, vivenciam e sentem o mundo real, na concretude dos objetos e experimentam os sentidos na relação com o meio, eles promovem a elaboração de novas apropriações num ritmo interno, externando, com isso, linguagens reelaboradas, ou seja, os bebês expressam movimentos que traduzem suas ações no contexto em que se inserem. Nesse sentido, a experiência vivenciada e as relações estabelecidas dos bebês e entre eles ampliam as possibilidades de que outras ações e outras experiências sejam compartilhadas, instituindo outras representações dessa categoria geracional de zero a três anos.

Com o intuito de compreender melhor como os bebês constituem a linguagem, passo, a seguir, aos caminhos metodológicos escolhidos no percurso desse estudo.

3 ALGUNS CAMINHOS ESCOLHIDOS

A relação entre o trabalho microscópico e a grandeza do todo plástico e intelectual demonstra que o conteúdo de verdade só pode ser captado pela mais exata das imersões dos pormenores do conteúdo matéria.

(W. Benjamin)

No intuito de alcançar os objetivos elencados na presente pesquisa, procuro apresentar o caminho teórico-metodológico que busquei para observar e conhecer as estratégias de comunicação e ação como possibilidade de constituição da linguagem entre os bebês no espaço coletivo da creche. Os estudos preliminares, realizados com a finalidade de elucidar os caminhos possíveis para levar a termo esta investigação, apontaram o estudo de caso com orientação etnográfica (SARMENTO, 2005) como processo pertinente para esta pesquisa.

Episódio I: A brincadeira de esconde-esconde**Imagem II:** Ricardo escondendo-se no tapete**Fonte:** Acervo da pesquisadora – Nov/2010

Escolhi essa imagem para iniciar a descrição do processo de inserção no campo de pesquisa e apontar os movimentos que foram necessários fazer e as decisões tomadas para levar à frente a coleta de dados.

Ricardo, após o almoço que foi servido no refeitório e ao voltar para a sala com o grupo e as professoras, fica caminhando pela sala enquanto as professoras atendem individualmente algumas crianças, fazendo a troca de fraldas e higiene. O menino pega nas mãos brinquedos que encontra pelo chão, mas logo os dispensa, senta-se ao chão e deita o corpo, rolando de um lado para outro. Ao se aproximar do tapete, parece descobrir uma possibilidade de experimentar outras sensações, levanta a aba do tapete e põe a cabeça embaixo, assim permanece por aproximadamente seis minutos, levando a cabeça para baixo e levantando-a e revendo os colegas e as profissionais da sala. Observo que Ricardo ao

estar com o corpo em movimento, livre pelo chão da sala, descobre outras maneiras de interagir com esse objeto. (**Diário de Campo**, 18/11/2010)

As inúmeras peculiaridades nas ações dos bebês e as escolhas manifestadas por eles, durante o processo de coleta de dados, me inspiraram a abrir o capítulo que trata da metodologia utilizada na presente pesquisa.

3.1 PESQUISANDO COM BEBÊS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Disposta a realizar a investigação com os bebês em um contexto coletivo de creche, de modo que fosse possível apreender o modo como os bebês se comunicam e como constituem a linguagem, precisei organizar um plano de estudos que abordasse as possibilidades metodológicas para a pesquisa. Sendo assim, as leituras, os estudos e as discussões no período do curso de pós-graduação e a participação nas reuniões de orientandos e pesquisadores do NUPEIN (Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância/PPGE-UFSC) tiveram contribuições significativas nessas escolhas.

Assim com o intuito de capturar os enunciados dos sujeitos da pesquisa, os pequeninos, corroboro com a posição de Cerisara que pesquisas com participação das crianças, em um determinado contexto coletivo, apontam para a importância de se “[...] contemplar não só os aportes teóricos como também o ponto de vista e os saberes de quem vive a condição de ser uma criança que frequenta instituições de educação infantil [...]” (CERISARA, 2004, p. 48). Levando em consideração as indicações de se colocar no lugar do *outro* (no lugar dos bebês), nos momentos que estive junto deles no espaço da creche e assim conseguir revelar as potencialidades comunicacionais que possuem.

Tomando-se como pressuposto a necessidade de compreender a participação das crianças dentro dos limites impostos pela relação

investigativa com crianças bem pequenas, apreendendo suas ações coletivas e considerando também a estrutura social e cultural onde estão inseridas, tornou necessário apurar o olhar para as idiossincrasias de cada sujeito. De acordo com Oliveira (2004),

[...] esta perspectiva de ver e ouvir as crianças a partir de si próprias, na sua positividade e como sujeitos plenos, reprodutores e produtores de cultura, parece exigir uma reflexão em torno de temas recentes na área da Educação Infantil, como é o da alteridade (OLIVEIRA, 2004, p.182-83).

A autora se refere a sujeitos plenos que embora pertençam a um contexto sociocultural e vivendo sua infância em um determinado grupo social e/ou institucional, possuem singularidades. Por essa premissa, recorro à escolha por um método de investigação ancorado na abordagem qualitativa, mas que, ao mesmo tempo, aponte a participação das crianças na pesquisa, como possibilidade de conhecer seu mundo cotidiano e, assim, apresentar na pesquisa, indicativos para a ação docente nos contextos de berçários no interior das creches. Por essa via, Cerisara corrobora com a importância de melhor conhecermos as crianças, para a autora:

O conhecimento sobre quem são as crianças, o que elas fazem, como brincam ou como vivem as suas infâncias é, antes de tudo, um ponto de partida que possibilita elaborarmos indicadores para a prática pedagógica dos professores que atuam junto dos meninos e das meninas que passam de quatro a nove horas por dia em instituições de educação coletiva como creches e pré-escolas. (CERISARA, 2004, p.37-8)

Assim, nessa perspectiva, torna-se coerente realizar a investigação a partir do clássico método utilizado pelos antropólogos, a etnografia, como meio de aproximação das culturas das crianças pequeninas. Corsaro (2005, p. 04,) aponta que esse método “exige que os pesquisadores entrem e sejam aceitos na vida daqueles que estudam e dela participem”, tornem-se parte daquele lugar, como se fossem originários das culturas que as crianças produzem naquele dado contexto.

Ao me propor realizar uma pesquisa com os bebês e fazer parte do universo deles sem deixar de ser o *outro*, passei a compartilhar das proposições que Graue e Walsh (2003) denominam, na pesquisa participativa, de orientação etnográfica. Segundo esses autores: “A observação sistemática e disciplinada é uma competência que pode ser aprendida. Os bons observadores vêem coisas que os outros não vêem” (GRAUE e WALSH, 2003, p. 129). Entretanto, somente será possível ver o pouco visível a partir do explícito, por isso a importância de se fazer registros, e que sejam feitos por todos os ângulos e o máximo possível que se conseguir.

Amorim (2004) aponta que o método etnográfico, a exemplo do trabalho realizado por antropólogos, passa a ser uma “forma-limite”, ou seja, é preciso se inserir e se distanciar. Assim:

Ele deve compreender o sentido da alteridade, ao mesmo tempo que se mantém e se mostra a distância. Para fazer isso, precisa interagir intensamente no campo, de modo a adquirir a capacidade de apreender os modos de ação do outro inscritos em linguagem. [...] A compreensão não é lugar de transparência e saturação do sentido, mas lugar de mediação. Compreende-se sempre sob a forma do processo da palavra, reconstruindo-traduzindo o texto do outro (AMORIM, 2004, p. 48).

Compreendendo a necessidade de apurar os sentidos para conhecer o *outro* na sua alteridade e, ao mesmo tempo, exercitar o movimento exotópico, me distanciando e/ou me mantendo nas fronteiras para compreender o que vejo como aponta Bakhtin (1986), e, para apreender e analisar de forma mais profunda o tema a que me destinei pesquisar. Portanto, traçar um plano de estudo para entrar em campo tornou-se imprescindível, de modo a registrar tudo o que era possível e captar o que não parecia visível. Assim, lancei mão de diferentes recursos que convergissem para a realização sistemática de registros das ações comunicativas dos bebês, incluindo fotografias e filmagens.

Em consonância com os estudos da Sociologia da Infância (CORSARO, 2005; PROUT, 2004; SARMENTO, 2004), ouso pensar que a tese da linguagem do filósofo Bakhtin (2003) contribui com as investigações com as crianças pequeninas e seus saberes. Para o filósofo, a pesquisa nas ciências humanas precisa ser pensada pela perspectiva dialógica, portanto, social, constituída a partir das relações

sociais, potencializando as significações de todos os sujeitos da pesquisa.

Nesse mesmo sentido, Kramer (2009, p. 20), em consonância com a tese de Bakhtin sobre a linguagem, afirma que esse “[...] ponto de vista teórico, orienta-nos a concepção de linguagem como produção discursiva: para entender o que é dito, é preciso conhecer o enunciado e, principalmente, o contexto da enunciação.”

Por esse ponto de vista, a busca pela apreensão das estratégias de comunicação dos bebês, exige do pesquisador uma apuração dos sentidos, para que se possa compreender a linguagem na sua complexidade e uma inserção no mundo dos sujeitos-bebês, quando no contexto coletivo de creche.

Na perspectiva de linguagem de Bakhtin, esta se interpenetra na corrente viva do diálogo e é recriada entre os sujeitos da pesquisa. É importante manter o compromisso ético com os sujeitos pesquisados, compreendendo-os como sujeitos históricos, partícipes de um determinado tempo e situados no espaço social, com características culturais e sociais próprias àquele grupo.

Para Bakhtin: “[...] o objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado [...] O ser que se auto-revela não pode ser forçado e tolhido” (BAKHTIN, 2003, p.395).

Pode-se assim, apoiando-se em Bakhtin, pensar nos bebês como sujeitos que significam as ações que produzem e as relações que vivenciam. Segundo essa linha de raciocínio, para compreender os modos como a linguagem se constitui entre os bebês, foi necessário, acima de tudo, apreender os sentidos que são revelados e manifestados por eles no cotidiano da creche.

Na mesma dimensão dos propósitos apontados, busquei então, acolher o ponto de vista dos bebês, na tentativa de compreender aquele espaço de socialização pelas suas perspectivas, ao mesmo tempo pelo ponto de vista dos adultos que atuam com esses bebês, a fim de constituir uma análise articulada sobre os modos peculiares de ser dos pequeninos.

Para tanto, diferentes recursos me auxiliaram nessa busca. A fotografia principalmente, se tornou um recurso indispensável na composição do meu olhar diante dos dados da pesquisa e possibilitou-me ver e rever as ações dos bebês inúmeras vezes. Corroboro com Wunder (2006), quando se refere à fotografia como um “pacote de informações”. Para a autora:

A linguagem fotográfica gera em nós uma dupla sensação ao nos colocar a frente de algo que, ao mesmo tempo, está e não está ligado ao que chamamos de realidade. Uma fotografia é um *pacote de informações* na medida em que nos fornece dados sobre os lugares, as pessoas, as épocas e os acontecimentos. É nesse sentido que ela ganha um grande valor como registro histórico e, mais radicalmente, como documento de comprovação dos fatos. (WUNDER, 2006, p.02)

Nesse sentido, a fotografia traz características e representações de quem a registra e de quem a observa e possibilita recuperar a vivacidade de enunciados que foram produzidos pelos bebês, de modo tão peculiar, em eventos únicos e irrepetíveis.

Acima de tudo, pretendi registrar os enunciados das crianças - dos bebês - como meio de melhor conhecer as suas manifestações, especialmente, considerando se tratar de crianças na idade inicial, em que a fala não é a linguagem preponderante. Assim, na recolha dos enunciados foram considerados os gestos, as ações, o choro, o riso, o silêncio, o movimento, os olhares e balbucios e outras tantas formas de expressão, que foram sendo manifestadas pelos bebês no decorrer da investigação.

Considerando tais posições, pode-se compreender que quando os bebês repetem um enunciado, reafirmam alguma ação verbal ou extraverbal de outro sujeito, é uma ação singular, porém, recebendo outro sentido, porque o lugar ocupado pelo bebê é outro lugar no conjunto dos enunciados proferidos. Para a compreensão da linguagem, nesse contexto de investigação, é importante também alertar que entram em ação os elementos extralinguísticos²⁹, apontados por Bakhtin como constituidores da linguagem, que penetram na corrente verbal, tornando a linguagem (verbal e extraverbal) e contínua.

É da natureza da linguagem ter a orientação para o outro, para o social, na minha fala o horizonte é o outro, esses pontos estão discutidos na tese de Bakhtin (1926) nos estudos acerca da constituição da linguagem como fenômeno social e ideológico. Para o autor, outros elementos situados no espaço/auditório social em que partilham os

²⁹ Extralinguísticos são fatores presentes nas relações dialógicas e estão situados em cada situação social, sendo manifestados por olhares, gestos e outros modos que levam os sujeitos do diálogo a compreenderem o que está sendo dito, mesmo na ausência de palavras.

sujeitos de uma dada relação, além de elementos estritamente lingüísticos constituem o enunciado. Ou seja, são aspectos que exige um olhar para a situação do presente contexto, onde o “tom”, olhares e outras expressões carregadas de valores ideológicos determinarão o que pretende ser dito, mesmo na ausência de palavras. A entoação, o gesto e outras expressões representam a posição social ativa assumida pelo sujeito, em que valores ideológicos estão presentes e fazem parte da base social da vida desse sujeito.

3.2 O PESQUISADOR COMO PARTE CONSTITUTIVA DA INVESTIGAÇÃO

Outro aspecto importante que precisa ser considerado é o movimento de inserção do pesquisador no campo de pesquisa e a postura adotada por ele. Esse momento da pesquisa é de grande relevância em que, de acordo com estudos de teóricos como Graue e Walsh (2003) e Bakhtin (1986, 2003), o pesquisador não será um sujeito neutro, devendo, porém, ter o cuidado de não tomar o lugar dos sujeitos pesquisados.

Graue e Walsh (2003), ao apresentarem propostas e reflexões acerca da etnografia como método na pesquisa com crianças pequenas, consideram que o pesquisador, ao se inserir no campo de pesquisa, não é apenas um “elemento técnico”, que elencará dados, mas é um sujeito constituído socialmente, que traz consigo diferentes expectativas e possibilidades de estabelecer relação com os sujeitos pesquisados.

Da mesma forma, os estudos desenvolvidos por Bakhtin (1986, 2003), no campo da Filosofia da Linguagem, trazem contribuições referentes à metodologia e à postura dialógica do pesquisador. Para o autor, o observador é um “outro” no processo de investigação. Esse processo não ocorre de modo fechado e linear, mas se constitui na relação de alteridade entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados.

O trabalho do pesquisador, para Amorim (2006), consiste, primeiramente, em:

[...] tentar captar o olhar do outro, de tentar entender o que o outro olha, como outro vê. Segundo, de retornar ao seu lugar (de

pesquisadora e com o olhar distanciado), que é necessariamente exterior à vivência do retratado (o sujeito da pesquisa), para sintetizar ou totalizar o que vê, de acordo com seus valores, sua perspectiva, sua problemática (AMORIM, 2006, p. 96).

Segundo o que se está expondo, torna-se imprescindível estabelecer um diálogo entre o sujeito pesquisado, demonstrando, do lugar exterior, o que os sujeitos da pesquisa não conseguem ver. De acordo com Amorim (2006):

O fundamental é que a pesquisa não realize nenhum tipo de fusão dos dois pontos de vista, mas que mantenha o caráter de diálogo, revelando sempre as diferenças e a tensão entre elas. Importante ressaltar que esse diálogo não é simétrico e aqui reaparece o conceito de exotopia. O pesquisador deve fazer intervir sua posição exterior: sua problemática, suas teorias, seus valores, seu contexto sócio-histórico, para revelar do sujeito algo que ele mesmo não pode ver (AMORIM, 2006, p.100).

Nessa via de análise, torna-se imperativo instituir uma metodologia investigativa que aproxime o pesquisador dos sujeitos pesquisados e possibilite o distanciamento necessário dessa relação social, que determina a constituição do homem como sujeito de criação. Segundo Bakhtin (2003, p.394) “O indivíduo não tem apenas meio e ambiente, tem também horizonte próprio. A interação do horizonte do cognoscente com o horizonte do cognoscível.” Essa relação não é unilateral, busca a consciência do outro, a interação que confere, dá sentido e significação ao enunciado do cognoscente e se apresenta carregada de representações do outro em mim. No meu caso, essas representações presumidas dão forma a essa pesquisadora, que está desenvolvendo pela primeira vez uma pesquisa, que é mulher, que é profissional da educação e é constituída por muitos outros sujeitos e enunciados na vida social e historicamente construída.

Por fim, a partir do cruzamento dos dados apreendidos com a fundamentação teórica, que sustenta a pesquisa com as crianças, tenta-se romper com a lógica adultocêntrica que, por muitas décadas, vem

definindo os estudos sobre a infância e as crianças, pela perspectiva pueril e desenvolvimentista com que trata a este tema.

Com base nos estudos de Bakhtin sobre as ciências humanas e a constituição da linguagem, é possível perceber que em uma pesquisa que envolve a apreensão da linguagem entre os bebês, ao se entrar em campo, já se tem pré-definido um diálogo, uma postura em relação aos sujeitos pesquisados, que “falam” (muito mais pelos sentidos do que pelo verbal), enunciam, se expressam e na interação com esses sentidos, novas posturas e atitudes vão sendo assumidas por quem pesquisa.

Como pesquisadora, produzo enunciados, interpretações e tenho ações responsivas, não sou neutra, mesmo quando estabeleço um distanciamento e consigo olhar com estranhamento as situações interativas, algo que Bakhtin chama de lugar de exotopia. Produzo ações e tenho reações diante do que observo. Tento interpretar o que vejo com profundidade, mas consciente de que meus pontos de vista estão banhados pelos pontos de vista dos bebês e que minhas interpretações individuais estão impregnadas por outras vozes que habitam fora de mim, mas se integram ao meu ser.

Para constituir a análise do que se observa em um determinado contexto de investigação, é importante considerar a indicação de Bakhtin (2003, p. 332) no que se refere ao conceito de exotopia: “Um observador não tem posição *fora* do mundo observado, e sua observação integra como componente o objeto observado [...]”.

Estabelecer esse movimento exotópico no percurso dessa pesquisa possibilitou-me aprofundar o conhecimento dos modos de vida entre os bebês, procurando conhecer na alteridade de cada bebê o modo como constituíam a linguagem no espaço coletivo da educação infantil. Nesse sentido, fui o *outro* da relação entre os bebês, mas próxima a eles foi possível perceber em alguma medida, a imagem que faziam de mim e eu como pesquisadora e partindo do que me constitui procurei dar sentidos às ações dos bebês, dando uma ideia de acabamento ao que observei. Como afirma Amorim (2006):

O outro que está de fora é quem pode dar uma imagem acabada de mim [...]. O acabamento aqui não tem sentido de aprisionamento, ao contrário, é um ato generoso de quem dá de si. Dar de sua posição, dar aquilo que somente sua posição permite ver e entender. (AMORIM, 2006, p. 97)

Esse acabamento que a autora trata, pelas premissas de Bakhtin, é ao mesmo tempo inacabado e carrega a multiplicidade de olhares que no caso dessa investigação, impregna-se o olhar dos bebês, de outros pesquisadores, das professoras e de outras áreas do conhecimento. Pelo movimento restituidor do olhar, torna-se possível restituir o sentido do “olhar” dos bebês e conhecê-los com mais profundidade. Nesse sentido, o olhar de quem pesquisa é que dá o acabamento aos sujeitos pesquisados, conforme aponta Amorim (2006). Esse olhar, para a autora:

[...] dá um sentido ao outro, fornece uma visão do outro que lhe é completamente inacessível. Não posso me ver como totalidade, não posso ter uma visão completa de mim mesmo, e somente um outro pode construir o todo que me define (AMORIM, 2006, p. 96).

Enfim, tal como propõe, Amorim (2006) é importante compreender o lugar exotópico do pesquisador, em um movimento de aproximação e distanciamento assegurando um lugar de exterioridade, o lugar de quem está pesquisando.

3.3 A ESCOLHA DO CAMPO DE PESQUISA

Início esta apresentação esclarecendo que, em respeito e cumprimento às normas estabelecidas pelo CEPESH (Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos), o nome da creche, escolhida para a realização da pesquisa, será mantido em sigilo. Entretanto, assumo o compromisso, diante dos pressupostos teóricos que sustentam este estudo, de mencionar o contexto histórico e social do *locus* deste estudo.

3.3.1 Uma breve caracterização do bairro

A creche está localizada no bairro Santo Antônio de Lisboa, no Município de Florianópolis, Estado de Santa Catarina, Brasil. Esse bairro procura manter a característica da cultura açoriana, de sua fundação. Há investimentos públicos para preservar a arquitetura típica daquela cultura, possuindo algumas construções tombadas pelo Patrimônio Público da União. É um bairro bucólico, que atrai famílias de bairros próximos e da grande Florianópolis pela culinária farta da maricultura, servida por diversos restaurantes e pela tranquilidade do local, presenteado com uma brisa constante e suave da orla, esbanjando beleza. Por esses aspectos, turistas do Brasil e do mundo, visitam esse recanto paradisíaco, produtor de ostras e mariscos, onde o visitante tem o prazer de conhecer e experimentar esses sabores, além da pesca artesanal, cultivada como tradição pelos ilhéus, moradores de Santo Antônio.

Nas últimas décadas, o bairro tornou-se foco de grande especulação imobiliária por sua característica tranquila e paradisíaca. Esses aspectos têm trazido moradores de outras cidades brasileiras pertencentes a outras culturas e a contextos socioeconômicos que diferem dos moradores nativos. Considerado um dos bairros mais caros para se morar, a procura por imóveis nesse local tem sido de famílias com alto poder aquisitivo que buscam por moradias junto à natureza. Esse aspecto também tem gerado mobilização por parte dos moradores “antigos”, pois muitas construções afetam a encosta de mata nativa e como nem sempre o Poder Público agiu efetivamente, parte da área verde já foi desmatada, embora nos últimos anos haja um pouco mais de rigor nesse controle, por parte dos órgãos de preservação do meio ambiente.

Santo Antônio de Lisboa é uma das primeiras comunidades fundadas por imigrantes açorianos que chegaram à Ilha de Santa Catarina na metade do século XVIII. Até o início do século passado foi um dos principais polos da cidade do Desterro, como era chamada a capital, naquela época, junto com as freguesias da Lagoa da Conceição, da Vila Capital (no centro) e do Ribeirão da Ilha.

Os moradores, principalmente os nativos, preservam ricos costumes culturais, trazidos pelos colonizadores açorianos como a Festa do Divino Espírito Santo, o Terno de Reis, o Cacumbi e o Boi-de-mamão. Os artesanatos típicos da colonização açoriana, como as

cerâmicas de oleiros e as rendas de bilro,³⁰ também compõem o cenário do bairro.

Santo Antônio de Lisboa disponibiliza à comunidade serviços como: posto de saúde, intendência, transporte coletivo, ruas calçadas, energia elétrica, água encanada e tratada, telefonia, creche, escola e outros. Mas devido a grande maioria das famílias pertencerem à classe média alta, a creche, por exemplo, fica a serviço também dos outros bairros de famílias trabalhadoras, principalmente por ser caminho do trabalho de muitas famílias que necessitam se deslocar ao centro da cidade.

3.3.2 A origem da creche e a relação com o contexto histórico da educação infantil em Florianópolis

A creche foi inaugurada em 15 de setembro do ano de 1990 e recebeu o nome de uma pessoa de destacada influência política na comunidade. Durante 19 anos foi mantida pela AMSAL (Associação de Moradores de Santo Antônio de Lisboa) e por convênio com a prefeitura do município, compondo o grupo das chamadas creches conveniadas. A partir de fevereiro de 2009, a instituição foi municipalizada, passando a ser mantida exclusivamente pela Prefeitura Municipal de Florianópolis.

Para que se compreenda o contexto histórico da educação infantil em Florianópolis, é necessário situar que a rede pública do município iniciou o atendimento de crianças de zero a seis anos em 1976, quando foi criado o Programa de Educação Pré-Escolar, pelo Departamento da Secretaria Municipal de Educação, Saúde e Assistência Social, que implantou duas unidades, consideradas piloto, com a finalidade de atender bairros com maior número de crianças pequenas.³¹

O Programa, de cunho compensatório, inaugurou um Núcleo de Educação Infantil (NEI) no bairro Coloninha, localizado no Continente³², hoje identificado como Creche Professora Maria

³⁰ A renda de bilro é considerada um artesanato tradicional na região. Trazida pela colonização portuguesa, se disseminou entre as mulheres, mães e donas de casa de décadas atrás, que ocupavam horas do dia produzindo toalhas, guardanapos e outros objetos de decoração. Essa tradição passava de mãe para filha e, mesmo em menor escala, nos dias de hoje esse trabalho manual ainda é cultivado.

³¹ Esses dados estão disponíveis no site da Prefeitura Municipal de Florianópolis, no endereço: www.pmf.sc.gov.br.

³² Continente refere-se à região florianopolitana fora da Ilha de Santa Catarina- Florianópolis.

Barreiros, e o NEI São Lucas do Rio Vermelho, hoje denominado NEI São Lucas Batista, localizado no bairro Rio Vermelho, no interior da Ilha. O objetivo principal da implantação dessas unidades era suprir as carências alimentares, afetivas e cognitivas das crianças.

Esse período estava sendo marcado, em âmbito nacional, por uma gama de movimentos sociais, que reivindicavam, desde o direito a creches públicas para os filhos de mães trabalhadoras, até reivindicar e se envolver em lutas pelo direito de crianças e adolescentes e famílias em situação de risco social. Nessa linha, apresenta-se a pesquisa de Campos et al (2006) expondo o retrato do Brasil, no que se refere à reivindicação por instituições de educação infantil, refletindo também a realidade de Florianópolis.

O final da década de 70 e a década de 80 foram marcados por diversas mobilizações da sociedade civil que demandavam a extensão do direito à educação para as crianças pequenas: movimentos de bairro e sindicatos nas grandes cidades lutavam por acesso a creches; grupos de profissionais e especialistas da educação mobilizavam-se no sentido de propor novas diretrizes legais; prefeituras procuravam dar resposta à demanda crescente por creches e pré-escolas, criando e/ou ampliando o atendimento (CAMPOS, FULLGRAFF, WIGGERS, 2006, p. 88).

Mesmo assim, somente a partir de meados da década de 1980, a educação infantil passou a ser gerida pela Secretaria Municipal de Educação, conforme podemos observar:

No ano de 1985, a Secretaria de Educação foi desmembrada da Secretaria de Saúde e Assistência Social, resultando na Secretaria Municipal de Educação (SME), cujo organograma incluiu a Divisão de Educação Pré-Escolar – DEPE. Assim, no âmbito das intenções políticas, a rede pública municipal de Educação Infantil adquire um caráter educativo. Como orientação, indicava favorecer e incentivar o desenvolvimento das potencialidades físicas, sócio-afetivas e intelectuais das crianças, baseando-se na perspectiva da teoria piagetiana (www.pmf.sc.gov.br).

Até esse período, a concepção pedagógica, que permeava o trabalho, partia da ação espontânea da criança, sem interferência intencional do adulto em relação às crianças, como forma de garantir e ressaltar suas qualidades.

Em 1986, a DEPE sistematizou uma proposta político-pedagógico com o objetivo de orientar a atuação dos profissionais da rede. Já em 1990, o documento “Estrutura Administrativa e Pedagógica” da SME indicava novas diretrizes político-pedagógicas para a educação pré-escolar. Em 1994, com base na Pedagogia Histórico-Crítica, foi instaurado o Movimento de Reorientação Curricular, que representava uma possibilidade de repensar e refazer o currículo da Rede Municipal de Educação, visando à participação efetiva de todos os profissionais das unidades. Nesse mesmo ano, ocorreu a 1ª eleição direta para diretores das unidades de educação infantil. De 1997 a 2004, os princípios da educação infantil tiveram como base os pressupostos da Pedagogia da Infância: a criança como sujeito de direitos; o desenvolvimento das múltiplas dimensões da criança e a relação creche-família.

Desde 2005, a SME e a Divisão de Educação Infantil (DEI) buscam, como princípios para uma educação infantil de qualidade, cumprir os seguintes desafios:

- O esforço coletivo e permanente pela efetivação dos direitos fundamentais das crianças de zero a seis anos, assegurados por lei;
- O entendimento de que, dadas as particularidades do desenvolvimento da criança desta faixa etária, a educação infantil tem especificidades próprias e cumpre funções indispensáveis e indissociáveis: cuidar e educar;
- A compreensão da educação infantil como campo de conhecimento e de política pública intersetorial, interdisciplinar e em permanente transformação.

Esses princípios atualmente são endossados e complementados pelas Diretrizes Educacionais Pedagógicas para a Educação Infantil/2010, no intuito de delinear e garantir uma educação de qualidade às crianças pequenas.

Contudo, a estratégia política e econômica do governo atual em ampliar a oferta de vagas para a educação infantil no município, por

meio da ampliação do espaço físico das Creches e NEIs e a construção de instituições maiores, que atendem até mais de quatrocentas crianças por dia, traz a dúvida se a qualidade realmente está sendo assegurada. Tal apreensão pauta-se ao se considerar que a equipe diretiva e a coordenação pedagógica continuam com o mesmo número de profissionais que antes, quando atendiam até metade de crianças e famílias. Outro aspecto que se vem observando, refere-se a investimentos na revitalização dos espaços, por meio de materiais lúdicos e pedagógicos, como brinquedos para as salas e áreas externas, que não estão sendo disponibilizados na proporção das novas construções.

Reconheço que essas considerações necessitam de uma análise aprofundada, por se tratar de constatações dos profissionais da educação do município, e parece pertinente refletir sobre esses aspectos, embora não nesta pesquisa, já que este estudo se propõe a conhecer melhor os bebês no contexto coletivo da creche. Assim, uma vez que essas considerações são contextuais, retomarei a questão central da pesquisa, isto é, a constituição da linguagem entre os bebês.

A creche onde as observações foram realizadas, possui uma peculiaridade que a difere da maioria das unidades de educação infantil do município, isto é, dispõe de apenas três salas de atendimento a crianças e atende a demanda de zero a três anos, compreendida, especificamente, de quatro meses a três anos de idade.

Conforme o Projeto Político Pedagógico/2010 (P.P.P.) da unidade, a creche está construída em um terreno de 240 metros quadrados de área total; é composta por três salas, onde são atendidas as turmas do Grupo I (de quatro meses a um ano), Grupo II (de um a dois anos) e Grupo III (de dois a três anos); além de uma cozinha, dois banheiros, uma despensa, uma sala administrativa e dois solários, um interno e outro na área externa da sala do GI. No espaço externo possui, ainda, dois parques, um na área da frente da creche e outro na área lateral.

3. 3.3 As crianças

Em conversa informal com a diretora e a auxiliar de ensino do período vespertino, e em consulta ao P.P.P., posso informar que a creche atende crianças da comunidade da Barra do Sambaqui, Cacupé, Ingleses, Jurerê, Rationes, Sambaqui, Santo Antônio de Lisboa e Vargem Pequena, bairros relativamente próximos da localização da creche ou, ao menos, a caminho do local de trabalho das famílias.

O nível de escolaridade das famílias vai do Ensino Fundamental ao nível superior, e as atividades remuneradas são de professores/as, domésticas, pedreiros, faxineiras, comerciários, motoristas, pescadores, vigias, enfermeiros e funcionários públicos.

A creche atende, atualmente, um total de 46 crianças, a grande maioria em período integral. Há grupos, porém, que atendem algumas crianças em um dos períodos apenas, explicando, assim, o número superior de matrículas, sem extrapolar, no entanto, o limite do número de crianças por grupo, conforme determina a Resolução do Conselho Municipal de Educação³³, conforme esclarece a tabela apresentada a seguir. Cada grupo atendido na creche corresponde a quinze crianças que são atendidas por uma professora e uma auxiliar de sala.

Grupo	*Data de nascimento da Criança	Idade da criança	Número de Crianças
I	A partir de março/2009	Mínimo 4 meses	15
II	março/2008 – fevereiro/2009	1 ano a 1 ano e 11 meses	15
III	março/2007 – fevereiro/2008	2 anos a 2 anos e 11 meses	15
IV	março/2006 – fevereiro/2007	3 anos a 3 anos e 11 meses	20
V	março/2005 – fevereiro/2006	4 anos a 4 anos e 11 meses	25
VI	02 de março/2004 – fevereiro/2005	5 anos a 5 anos e 11 meses	25

Tabela I: Número de crianças por grupo. Resolução n.01/2009 CME

Fonte: SME/Florianópolis

* Data de referência para cálculo das idades: fevereiro de 2010

O grupo I, no qual desenvolvi a pesquisa, inicialmente era constituído por dezessete bebês, uma professora e duas auxiliares de sala, que atendiam em horários alternados, mais o professor de

³³ Maiores informações sobre a regulamentação de matrículas para a educação infantil da Rede Municipal de Florianópolis podem ser localizadas no endereço eletrônico www.pmf.sc.gov.br.

Educação Física. Passado um mês de entrada a campo dois bebês (um menino e uma menina) desistiram das vagas parciais, possibilitando vaga integral a mais uma criança que também era atendida em período parcial e a menina que frequentava uma vaga parcial também integralizou a frequência. Assim, no decorrer da pesquisa de campo, o grupo estava constituído pelo mesmo número de profissionais e por oito meninas e sete meninos, com idade entre sete meses e um ano e meio, totalizando quinze bebês. A seguir apresento a tabela³⁴ com os nomes e as idades respectivas dos bebês.

NOME FICTÍCIO DOS BEBÊS	IDADE REFERENTE À OUTUBRO DE 2010
1- Antônio	1 ano e 5 meses
2- Denise	1 ano e 5 meses
3- Felipe	1 ano 6 meses
4- Flávia	7 meses
5- Gabriela	1 ano e 6 meses
6- Igor	11 meses
7- Letícia	1 ano e 4 meses
8- Lia	9 meses
9- Lucas	1 ano e 1 mês
10- Luiz	1 ano e 5 meses

³⁴ Escolhi como data referência o mês de outubro, devido aos registros fílmicos e fotográficos terem início somente a partir desse período.

11-Luiza	7 meses
12-Ricardo	1 ano e 5 meses
13- Tiago	1 ano e 5 meses

Tabela II: Idade das crianças

Fonte: Elaboração minha

3.3.4 Alguns dados pedagógicos do campo de pesquisa

A creche apresenta uma característica diferenciada para os dias atuais, principalmente no que se refere à nova legislação, que torna obrigatória a inserção de crianças de quatro anos no ensino regular formal, enquanto esta se mantém atendendo apenas os três primeiros anos da educação infantil, conforme já mencionamos. E, também desenvolve ações pedagógicas preocupada com o bem-estar e desenvolvimento pleno das crianças pequeninas. No Projeto Político Pedagógico (P.P.P.), na parte que fundamenta a importância do planejamento e da documentação sistematizada para a educação das crianças de zero a três anos, observa-se o seguinte:

Podemos afirmar que quanto mais ficamos atentas às crianças, observando-as, desde um choro incessante a uma boa gargalhada, permite-se traçar dia a dia propostas interessantes e significativas. É preciso para os bebês terem uma infância com experiências e desafios, para que busquem sua autonomia tentando resolver pequenos conflitos ou problemas.

E ainda:

Tudo tem seu tempo e todos precisam dele principalmente as crianças. Respeitar tempo e vontade dos pequeninhos é indispensável. Toda criança tem direito de ter oportunidade de conhecer e explorar o mundo que a rodeia. É de extrema importância fomentar experiências ricas, diversificadas e estimulantes respeitando a criança como um ser integral (P.P.P./2010).

Nestes pequenos excertos evidencia-se, em alguma medida, a preocupação do coletivo de profissionais da creche em apurarem o olhar às diferentes formas de expressão dos pequeninos, demonstrando, que do choro à gargalhada, torna-se possível pensar estratégias educativas que abranjam toda a dimensão do humano e acima de tudo que se procure respeitar o tempo da criança pequena diferente do tempo cronológico da rotina dos adultos e diferente inclusive da própria lógica de funcionamento das instituições de educação infantil, em que continua-se esbarrando com os horários da alimentação, higiene, entre outros.

3.4 O ENCONTRO COM O CAMPO DE PESQUISA

Desde as primeiras ideias acerca da pesquisa com os bebês no contexto da creche, me inclinava a realizá-la na Rede Municipal de Ensino Público de Florianópolis, por fazer parte do campo profissional que atuava, bem como por compreendê-la como *lócus* rico para pesquisa, além de reforçar a defesa por uma educação pública de qualidade, também às crianças pequeninas, os bebês.

Diante da problemática da pesquisa, intencionava realizar a investigação em uma unidade educativa, que trouxesse em seu histórico uma trajetória significativa em relação ao atendimento educacional de bebês. Sendo assim, depois de mapear algumas possibilidades que a rede oferecia, escolhi uma creche³⁵ que concentrava o atendimento apenas às crianças de zero a três anos, desde a origem da instituição.

Desse modo, agendei contato com a creche por intermédio de uma colega que já possuía uma relação profissional com a diretora e as profissionais da unidade, por ter desenvolvido um trabalho de assessoria pedagógica no ano anterior. Na data agendada, fomos recebidas pela auxiliar de ensino, pois a diretora encontrava-se em reunião, fora da unidade.

³⁵ Na creche *Lócus* da pesquisa, o atendimento está voltado apenas aos Grupo I (GI), Grupo II (GII) e Grupo III (GIII), com 15 crianças em período integral por grupo ou, excepcionalmente, algumas crianças possuem vaga parcial, aumentando, assim, o número de crianças, mas não ultrapassando o limite de 15 crianças por período.

Apresentei a proposta de pesquisa e logo, muito gentilmente, a profissional que nos atendia, apresentou os espaços da creche, bem como as profissionais que lá trabalhavam.

Visitamos os três grupos de crianças, o GII encontrava-se no refeitório fazendo o “lanche prévio”, o GI, grupo que eu pretendia pesquisar, encontrava-se na sala. A professora trocava a roupa de um bebê e, com muita simpatia, desejou boas-vindas, e as outras crianças brincavam em pares ou individualmente nos espaços da sala. A auxiliar de sala ajudava uma criança a caminhar, que parecia ensaiar seus primeiros passos.

Em seguida, conheci as crianças e as profissionais do GIII. As crianças brincavam, pareciam alegres e à vontade, mesmo com a nossa presença. Uma criança se mostrou um pouco tímida; logo a auxiliar de sala se aproximou dela sugerindo que ficasse tranquila, que estavam recebendo visita, que eu queria conhecê-las. As profissionais se mostraram bastante espontâneas, conversaram conosco e solicitaram que, no término da pesquisa, eu retornasse os resultados à creche.

Em outra data, retornei à creche para coletar a assinatura da diretora e encaminhar a documentação ao CEPESH. A diretora, mostrando-se muito empenhada em me ajudar, além de assinar os documentos, comentou que ela e as demais profissionais estavam bastante interessadas na pesquisa e gostariam que eu começasse logo, que eu seria bem-vinda.

Nessa mesma ocasião, a diretora comentou ainda que, no seu ponto de vista, a Educação carece de pesquisas que demonstrem melhor como os bebês se relacionam e convivem no espaço coletivo da creche. Reforçou que eu poderia voltar lá quantas vezes fosse necessário. A receptividade com que a diretora me acolheu me proporcionava um pouco mais de segurança e, em certa medida, uma confirmação de que havia feito uma boa escolha em relação ao campo para desenvolver as observações necessárias.

Trago essas considerações por partilhar dos pressupostos de Barbosa, quando comenta sobre as escolhas de um campo de pesquisa:

As escolhas são fruto dos critérios metodológicos da própria pesquisa, e a observação do cotidiano acontece em um momento específico da história da escola, por isso a análise tem o limite do tempo, das escolhas e das interações entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa (BARBOSA, 2009, p. 25).

Ainda que não sejam os adultos, os sujeitos principais da pesquisa, as primeiras aproximações ocorrem na negociação com eles. É importante conquistar a empatia dos adultos e assumir uma postura de fácil comunicabilidade para que se possa ser compreendido e, ao mesmo tempo, deixar claros os objetivos e intenções do estudo. Sob esse prisma, Graue e Walsh (2003) ressaltam a imprescindibilidade de obter a permissão do profissional responsável pelo campo escolhido para desenvolver a pesquisa e afirmam que uma vez aceita a entrada do pesquisador, dificilmente haverá impedimentos depois. No entanto, alertam sobre a necessidade de negociar constantemente a continuidade da pesquisa com os adultos que atendem diretamente as crianças e apontam esse processo como sendo diário, que, embora possa se tornar mais fácil, continua exigindo negociações diárias (GRAUE e WALSH, 2003).

3.4.1 Aproximando-me dos bebês

Na tentativa de realizar uma pesquisa com a participação dos bebês e pautada na orientação etnográfica, foi necessário, em diversos momentos, realizar uma incursão teórica para fundamentar e repensar os procedimentos deste estudo que, como afirma Kramer, “A pesquisa no campo das ciências humanas e sociais envolve sempre desafios epistemológicos, metodológicos e éticos” (KRAMER, 2009, p.36). Nessa direção, compreende-se que a busca incessante por possibilidades que orientem os procedimentos, embora possam não garantir com precisão se o caminho percorrido é o mais adequado, oferecem subsídios que alargam o olhar e os sentidos do pesquisador.

Finalmente, a primeira entrada a campo! Era uma manhã um pouco acinzentada, há muitos dias não chovia, por isso o clima estava seco, embora nessa manhã houvesse uma cerração baixa. Acordei cedo e ainda pensei: será que começo hoje ou outro dia? Não podia mais vacilar... era hora de iniciar, superar os medos, as inseguranças e passar a conviver um pouco com os bebês, conhecer seus modos de vida no espaço coletivo da creche, as linguagens que manifestariam. Certamente seria diferente, entraria dessa vez em um contexto de berçário com um propósito diverso daquele que há muito realizei como professora, agora eu seria *o outro* junto aos bebês, diferente deles e diferente das professoras, seria a pesquisadora.

Estava tudo combinado. A professora já me esperava, mas, novamente o vacilo... será que eu estava preparada? Lembrei que tempos atrás lia, buscando saber qual a melhor forma de iniciar as observações. Das diferentes preocupações, a que mais me afligia, era pensar em como os bebês sentiriam a minha presença, se me aceitariam ou não. Se a minha presença não se tornaria um estorvo nas suas relações ou se eu teria a sensibilidade de estar presente sem ser inoportuna. Já imaginava que os bebês seriam sensíveis o bastante para perceber a presença deste “outro” entre eles e que logo se perceberiam observados.

Os estudos mais recentes com crianças pequenas, principalmente os da Sociologia da Infância, vêm nos revelando o quanto as crianças são perceptivas, o quanto percebem nossas entradas e intenções, mesmo quando pensamos que não. Como já disse, estava há dias lendo e buscando entendimento, orientação para entrar em campo sem ser invasiva, sem que as professoras e, principalmente, os bebês não ficassem desejando que eu não voltasse nunca mais àquele espaço. Precisava assumir meus receios e arriscar o primeiro contato:

Cheguei à Creche às 9h30min, horário que havia marcado e sugerido pela professora. Tirei o calçado, pedi licença e entrei na sala dos bebês, onde brincavam espalhados por toda ela. Acomodei minha bolsa na prateleira que a professora apontou e procurei um espaço no chão, entre os bebês, para sentar. Pedi novamente licença e falei “oi” e o meu nome, e perguntei se poderia ficar um pouco com eles.

As crianças brincavam livremente no chão. Havia dois bebês em bebês-conforto separadamente, um deles dormia o outro olhava atento tudo o que acontecia. A professora estava sentada no chão com um bebê no colo e alguns à sua volta, e outro bebê encontrava-se no berço. Percebi que algumas crianças, ao me notarem se, sentiram um pouco incomodadas e logo houve choro de algumas delas e uma certa disputa pelo colo da professora, que se encontrava sozinha naquele momento, pois a auxiliar de sala estava em seu intervalo de café. A professora, com muita tranquilidade e acolhimento, estendia a mão aos bebês que a solicitavam e dizia “calma, eu estou aqui com vocês, está tudo bem, não precisa fazer isso”.

Diante de tantas imagens e situações, fiquei um pouco assustada. Como manter e qual seria a postura mais adequada e, ao mesmo tempo, como tomar consciência do que vim observar? E a linguagem dos bebês? Que estratégias estão utilizando para se comunicar? Rapidamente procurei me acalmar e pensar que se os passos fossem dados de acordo com as possibilidades oferecidas, gradualmente seria possível observar o fenômeno desejado.

Assim, naquele mesmo instante, ao perceber o incômodo que parecia ter gerado neles, me levantei bem devagar e sentei em um tablado ao lado da porta de entrada da sala e procurei ficar quietinha, comentei com a professora que esse exercício de ser pesquisadora era algo novo para mim, e precisaria tomar alguns cuidados, pois não desejava interferir, já que, com o histórico de professora de bebês intrínseco a minha constituição, se tornava difícil vê-los chorar e não oferecer um colo, mas também estava percebendo que se o choro era pela minha presença, seria melhor ser o mais discreta possível.

Em seguida a auxiliar de sala voltou do seu intervalo e me cumprimentou. As duas profissionais diziam para eu ficar à vontade. Nesse momento, os bebês estavam mais afagados, pertinho da professora, que procurou acalmá-los. Mesmo assim, alguns ainda choravam, disputando o colo da professora.

Algumas crianças começaram a se aproximar de mim. Ricardo, muito sorridente e parecendo querer me mostrar o que já conseguia fazer: corria e pulava, sorrindo e voltando o olhar para mim, como se quisesse ter a confirmação que eu o estava acompanhando. Antônio e Tiago também se aproximaram, trouxeram brinquedos e me ofereceram; trocaram os objetos entre eles e sorriram para mim, olhando intensamente em meus olhos como se desejassem se comunicar comigo. Assim, quando aceitei o brinquedo que cada um, em diferentes momentos, me trouxe, senti aquele gesto como um convite “venha brincar comigo”. A partir das ações dessas

crianças, comecei a me sentir um pouco mais tranquila. (Diário de Campo, 18/08/2010)

Depois das manifestações desses bebês, reafirmei que o objeto de estudo seria a linguagem, mas sem perder de vista que os sujeitos da pesquisa eram os bebês que, de uma forma ou de outra, estavam em constante comunicação entre eles e com o meio social do qual partilhavam. Lembrei-me, ainda, das indicações de Bakhtin sobre a pesquisa nas ciências humanas: “[...] Toda vez que procuramos delimitar o objeto de pesquisa, remetê-lo a um complexo objetivo, material compacto, bem definido e observável, nós perdemos a própria essência do objeto estudado, sua natureza semiótica e ideológica” (BAKHTIN, 1986, p.70).

Agora, porém, passava a ser necessária uma postura cautelosa que me permitisse ver e ser vista, ser aceita. Entender cada enunciado que fosse possível, procurar o invisível a partir do visível, de cada olhar, cada gesto, sorriso, choro e movimento. Novamente recorri aos pressupostos da Sociologia da Infância que apontam para a importância de as negociações serem feitas constantemente e, principalmente com os sujeitos da pesquisa, mas também com os outros sujeitos que vivenciam esse momento, os adultos da relação na pesquisa.

Na tentativa de ilustrar como essas negociações e aproximações foram sendo realizadas, trago o excerto referente ao momento do almoço, no primeiro dia em campo.

Chegou o almoço, as professoras alimentaram um bebê de cada vez. Ofereci ajuda e três bebês aceitaram almoçar comigo, Antônio, Denise e uma das meninas que não foi autorizada a participar da pesquisa. Também tentei oferecer almoço ao Tiago, mas ele recusou, mesmo depois de ter esbanjado sorrisos para mim. Percebi que não quis almoçar com as professoras, parecia estar sem apetite. É um momento difícil, esse da alimentação. Estavam treze bebês, todos desejando ser atendidos ao mesmo tempo e havia apenas duas profissionais para atendê-los. Mas as professoras deixavam os bebês à vontade pela sala e lhes ofereciam o almoço onde eles pareciam se sentir melhor. Digo, com isso, que não ficavam eles confinados em berços ou bebês-conforto para serem atendidos. Enquanto não estavam sendo servidos, podem brincar e interagir com os outros

e com os objetos disponíveis na sala. As profissionais da sala permaneciam conversando com os bebês, tanto com os que estavam se alimentando como com os outros que estavam à espera e diziam que logo seriam servidos também. (**Diário de Campo**, 18/08/2010)

Estabelecer essas negociações, oferecendo ajuda aos adultos e me aproximando dos bebês, pedindo permissão a eles para vivenciar um pouco dos seus mundos no contexto da creche, tornava-se um desafio no sentido de participar e garantir a aproximação às ações dos bebês, e contribuía para com os registros que seriam realizados. Para Graue e Walsh (2003):

O maior desafio dos investigadores das infâncias é o de *descobrir*: descobrir intelectualmente, fisicamente e emocionalmente é algo difícil quando se trata das crianças, pois a distância física, social, cognitiva e política entre o adulto e a criança torna essa relação muito diferente das relações entre adultos. (GRAUE e WALSH, 2003, p. 10-11)

Dessa forma, é importante ressaltar aspectos que Pinto e Sarmiento (1997) apontam acerca dos estudos da Infância, que constituem essa categoria social “como o próprio objeto da pesquisa a partir do qual se estabelecem as conexões com os seus diferentes contextos e campos de ação”, garantindo como característica central do recurso metodológico “a recolha da voz das crianças, isto é, a expressão de sua ação e da respectiva monitorização reflexiva” (PINTO e SARMENTO, 1997, p.24).

Com base nessas perspectivas teóricas, no próximo capítulo, irei abordar a concepção de Linguagem pela qual pretendo analisar as estratégias de comunicação entre os bebês e, finalmente, na análise dos dados selecionados para a composição desta pesquisa.

4 CONCEITO DE LINGUAGEM: POR UMA ANÁLISE FILOSÓFICA

O real da linguagem – o discreto, o um – encontra sua contraparte no silêncio.
(ORLANDI, 1995)

Este capítulo tem por objetivo apresentar a concepção filosófica da Linguagem na perspectiva bakhtiniana na qual permeou este estudo com os bebês. Os bebês começam a se apropriar de atos sociais e gradualmente partilham de situações sociais comuns do contexto em que estão inseridos, alterando social e simbolicamente as relações ora estabelecidas. Desse modo, as relações sociais são assumidas como pressuposto na constituição da linguagem.

Esses aspectos tornam-se presentes nas interações entre os bebês pesquisados e foram apreendidos na inserção do cotidiano coletivo da educação infantil, no grupo de bebês, durante a pesquisa de campo.

Desse modo, este capítulo aborda alguns dos fundamentos da constituição da linguagem segundo os estudos de Bakhtin e traz um recorte do tratamento dos dados coletados na pesquisa que fiz com os bebês, apresentando os modos como a linguagem das crianças se constitui pela interação que estas estabelecem.

4.1 OS PRESSUPOSTOS DA LINGUAGEM E O CONHECIMENTO ACERCA DOS BEBÊS

A ideia de abordar a linguagem dos bebês como objeto central deste estudo decorre do interesse em aprofundar o conhecimento a respeito dos bebês no primeiro ano de vida, já que esse processo pode ser considerado um marco qualitativo no desenvolvimento humano. A linguagem é constituída na relação e interação social entre os sujeitos, do mesmo modo que, dialeticamente, os constitui. Na perspectiva de Bakhtin, a linguagem deve ser estudada a partir da relação social de uma dada realidade ideológica e somente pode ser apreendida no conteúdo do discurso.

A realidade ideológica representa o material social particular de signos criados pelo homem. Os signos surgem a partir da relação social entre dois ou mais indivíduos socialmente organizados. Dessa forma, o

ideológico somente pode ser explicado, por esse prisma, na relação social e não pela consciência individual do sujeito. De acordo com Bakhtin (1986): “[...] A consciência individual não só nada pode explicar, mas, ao contrário, deve ela própria ser explicada a partir do meio ideológico e social”. (BAKHTIN, 1986, p.35)

A linguagem é um fenômeno social, histórico e ideológico, carregada de valores e significados que conferem diferentes sentidos a um mesmo objeto e/ou ação. Nas palavras de Bakhtin (1986, p. 31), “tudo que é ideológico é um signo”, ou seja, possui um valor semiótico. O signo, enquanto um corpo físico, além de assumir o significado natural também concebe outro significado, conforme as representações simbólicas atribuídas pelos sujeitos da relação. É esse processo instituído entre os sujeitos que torna um objeto em signo. Para o mesmo autor:

Os signos também são objetos naturais, específicos, e, como vimos, todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se signo e adquirir, assim, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra [...].(BAKHTIN, 2009, p.32)

O signo entra como materialização na corrente viva da linguagem e se desenvolve na interação semiótica de um dado grupo social. A consciência individual se constitui na interação do sujeito com conteúdos ideológicos e semióticos.

Todo signo, como sabemos, resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela qual as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece. (BAKHTIN, 2009, p. 45)

Nesse sentido, torna-se importante observar o modo como os bebês se apropriam dos signos e como revelam tal apropriação na relação com os outros bebês e com os outros sujeitos que fazem parte do espaço e do tempo de permanência deles na creche. Para Bakhtin, a

linguagem é dialógica e se estabelece na interação entre os sujeitos, em um movimento entre linguagem-texto-enunciado, sendo que a constituição desse processo depende das relações estabelecidas de dada forma e em dado contexto social. Esse processo constituidor da linguagem não é fixo, nem imutável, pois acontece no movimento histórico e cultural e, embora existam definições em cada evento social os enunciados são inacabados nos sentidos em que um sujeito acaba de comunicar para o outro continuar.

Assim, as enunciações de cada sujeito permanecem vivas e contínuas na corrente da língua e em uma relação dialógica, “entre o psíquico e o ideológico, entre a vida interior e a vida exterior” (BAKHTIN, 1986, p.116). A objetivação, o conteúdo interior a ser expressido, se realiza por meio da expressão semiótica, em que as enunciações organizam a atividade mental e orientam outras ações dos sujeitos, e não o contrário. É nesse sentido que, para se entender a *linguagem*, é necessário entender os elementos verbais e extraverbais, mas não de forma dicotômica, já que ambos estão integrados e são constitutivos do enunciado. Para se compreender o enunciado é necessário que se tenham claros “três fatores: 1) o horizonte espacial comum dos interlocutores; 2) o conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores, e 3) sua avaliação comum dessa situação” (BAKHTIN, 1926, p.5).

Estes fatores constituem o enunciado e dão sentidos às enunciações. Sendo assim, cabe apontar, de acordo com o autor, que esses sentidos somente podem se concretizar e, ao mesmo tempo, serem compreendidos por haver uma situação extraverbal, social e histórica, entretecida no verbal. Desse modo, o horizonte espacial comum dos interlocutores representa o espaço socialmente organizado, onde se situam os sujeitos da relação social que compartilham e vivenciam situações em comum, ligadas a enunciações anteriores e posteriores, constituindo e mantendo vivos os discursos.

A compreensão comum da situação social se estabelece na interação entre os sujeitos e a relação com a história e a cultura daquele contexto. Assim, a enunciação é determinada pela situação social imediata, resultante da interação entre dois indivíduos organizados socialmente que supõe o auditório social. Para Bakhtin (1926), não seria possível uma linguagem comum com um interlocutor abstrato; é preciso que o horizonte social esteja bem definido para que a *palavra* seja dirigida ao interlocutor, tornando-se também função da pessoa desse interlocutor.

No caso dos bebês em um espaço coletivo de creche, talvez se possa supor que outras estratégias de comunicação, ainda que não a palavra também possa estar situada na fronteira entre locutor e interlocutor. Parece-me que seus enunciados se tornam vivos na medida em que o auditório social imediato em questão responde aos atos das crianças de pouca idade, legitimando ou negando suas formas de comunicação.

E quanto à avaliação comum da situação, pode-se dizer que há um juízo de valor inerente ao tema do enunciado, permitindo presumir entre autor e interlocutor o que não está pronunciado verbalmente, seria *o herói*, que mesmo parecendo metafórico por não ser concretamente visível, é um elemento vivo e situado nas relações sociais. O herói está incluído no contexto social e exige-nos um olhar atento para outros fatores que se distanciam dos aspectos unicamente linguísticos.

4.1.1 Nas intermitências da linguagem

Para Bakhtin (2003, p.308), “[...] só o texto pode ser ponto de partida” na pesquisa do campo das Ciências Humanas. Desse modo, será, pois, por meio do texto concebido como enunciado, que se torna possível entender o sujeito social. No caso da pesquisa com bebês, em que o foco é compreender as estratégias de comunicação deles antes da fala e compreender o que se entende por “texto”, torna-se imprescindível, considerar o aspecto extraverbal da linguagem. Nesse contexto de estudo, a linguagem central não é a fala nem a escrita, mas os gestos, os olhares, os balbucios, choros, sorrisos e todo o tipo de movimento que os sujeitos-bebês apresentam como enunciados em interação com os outros. Os fatores extraverbais e ou extralinguísticos devem ser observados e considerados como elementos constituidores da linguagem.

O extralinguístico se integra ao enunciado, não age sobre ele de modo mecânico, a situação se integra como parte constitutiva da estrutura de sua significação. Assim, compreender a linguagem, como enunciado concreto, é compreender sua constituição nas relações sociais, seja no auditório social amplo ou imediato. Dessa forma, o auditório, que pode ser uma pessoa ou mais, tem um papel constituinte no enunciado, é o outro que baliza a fala e ou a ação de comunicação em um contexto específico. Assim também, surge um terceiro participante no enunciado completo, *o herói*, em que a entoação é quem define um

lugar para ele. Nesse caso, o *herói* é um participante vivo, mas ao mesmo tempo metafórico, sua existência está presumida no contexto e repleta de sentidos, constituindo a ação de comunicação e carregando consigo algo social e ideológico.

De modo idêntico, as situações extraverbais, muitas vezes reveladas na entoação que o sujeito manifesta, vêm carregadas de *juízo de valor* inerente ao tema que está em pauta. Assim, mesmo na ausência das palavras faladas, as ações que são realizadas permitem presumir, entre autor e interlocutor, mesmo o que não está pronunciado verbalmente ou expressado por outras formas de linguagem. Há sentidos explícitos nas diferentes ações de comunicação. Nessa perspectiva de estudo, os sujeitos participantes da interação verbal constituem e são constituídos pela relação social, em que “o enunciado reflete a interação social do falante, do ouvinte e do herói como o produto e a fixação, no material verbal, de um ato de comunicação viva entre eles (1926, p. 10)”, inclusive quando a linguagem preponderante não é nem a fala, nem a escrita, como é o caso dos bebês no primeiro ano de vida. (BAKHTIN e VOLOCHINOV, 1926, p.10)

O sentido também é constituído pelo extraverbal, que se faz presente na relação social em que os sujeitos compartilham. Uma palavra pode se tornar um enunciado, mas somente poderá ser “compreendido e, conseqüentemente, analisado porque existe uma situação extraverbal implicada no verbal, incluindo aí interlocutores que se conhecem, compartilham universos, conhecimentos, pressupostos, sentimentos.” (BRAIT e MELO 2008, p.66) Nesse caso, o tom da pronúncia é fundamental para que a ideia expressa seja compreendida pelo interlocutor sem a necessidade de explicitar minuciosamente o que se deseja. Os diferentes aspectos que engendram a linguagem são carregados de valores ideológicos como a palavra, signo ideológico por excelência, trazendo consigo juízo de valores que partem do que me constitui e do que constitui ao outro, assim como as outras ações de comunicação precedente e constitutiva da fala. A palavra é função da pessoa do interlocutor, dirige-se para o outro (Bakhtin, 2003).

4.1.2 Para continuar...

Nesta seção abordou-se a concepção de linguagem por uma perspectiva filosófica. Em alguns momentos tratou-se da “posição ativa

do falante” e, nesse sentido, há que se perguntar: - como os bebês manifestam as apropriações da linguagem verbal antes da fala?

Em busca de respostas a esse questionamento apresento as análises dos dados do campo, buscando identificar a constituição da linguagem entre os bebês. Entretanto, cabe ressaltar que em uma pesquisa, é necessário fazer-se escolhas e recortes do conjunto dos registros de campo, os quais serão trazidos para o corpo do texto. Mesmo receosa por precisar escolher, e ao mesmo tempo consciente de que muitos outros episódios poderiam ser revelados na tessitura das análises, devido à limitação deste estudo, procurei abranger os aspectos que entendi terem uma maior aproximação com o foco central em relação à constituição da linguagem entre os e dos bebês.

4.2 A CONSTITUIÇÃO DA LINGUAGEM E AS ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO ENTRE OS E DOS BEBÊS NO CONTEXTO COLETIVO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Não basta abrir a janela
 Para ver os campos e o rio.
 Não é bastante não ser cego para ver as árvores e as flores.
 É preciso também não ter filosofia nenhuma.
 Com filosofia não há árvores: há ideias apenas.
 Há só cada um de nós, como uma cave.
 Há só uma janela fechada, e todo o mundo lá fora;
 E um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse,
 Que nunca é o que se vê quando se abre a janela.

Fernando Pessoa

4.2.1 A constituição da linguagem: uma experiência com bebês

Este capítulo apresentará o movimento posterior à imersão no campo de pesquisa, em que as reflexões elaboradas na análise das categorias são provenientes dos dados coletados e do exercício amplo e dialético de observar, analisar, fundamentar e dizer. As seções têm como finalidade apresentar as categorias e as subcategorias de análise que possibilitaram conhecer melhor os sujeitos de pouca idade. Buscou-se dar visibilidade às ações dos bebês entre pares e conhecer outras formas de relação e cultura constituídas no espaço coletivo da creche.

As análises realizadas neste estudo foram permeadas pelo exercício da compreensão dialética³⁶ e dialógica como fundantes na constituição e no movimento das relações sociais. Entende-se, assim, que os sujeitos não se constituem de modo linear e definido, mas que cada movimento precisa ser entendido pela sua natureza transformada e humanizada pelo homem em um processo de apropriação e transformação social e cultural.

O movimento dialógico, não dissociado do processo dialético e estabelecido entre os sujeitos, possibilita ver o outro e, ver o que o outro vê de nós. Baseada nos estudos bakhtinianos, tem-se que o homem somente se constitui como sujeito de linguagem na relação com o outro e em uma rede socialmente organizada. A principal contribuição que a teoria do dialogismo pode oferecer nesse momento da pesquisa é a aproximação e o diálogo que se pretende estabelecer com os sujeitos pesquisados - os bebês.

Diana Barros (2005), estudiosa de Bakhtin, aponta para a necessidade de se considerar quatro aspectos na concepção de dialogismo entre interlocutores:

- a) a interação entre interlocutores é o princípio fundador da linguagem (Bakhtin considera que a interação dos interlocutores funda a linguagem);
- b) o sentido do texto e a significação das palavras dependem da relação entre sujeitos, ou

³⁶ Para Konder: [...] o movimento da história é marcado por superações dialéticas, em todas as grandes mudanças há negação, mas ao mesmo tempo uma preservação (e uma elevação em nível superior) daquilo que tinha sido estabelecido antes. Mudança e permanência são categorias reflexivas, isto é, uma não pode ser pensada sem a outra. (Konder, 2008, p.52)

seja, constroem-se na produção e na interpretação dos textos;

c) a intersubjetividade é anterior à subjetividade, pois a relação entre os interlocutores não apenas funda a linguagem e dá sentido ao texto, como também constrói os próprios sujeitos produtores de texto;

d) as observações feitas podem conduzir a conclusões equivocadas sobre a concepção bakhtiniana de sujeito, considerando-a “individualista” ou “subjetivista”. Bakhtin aponta dois tipos de sociabilidade: a relação entre sujeitos (entre os interlocutores que interagem) e a dos sujeitos com a sociedade. (BARROS, 2005, p. 29)

Com base nos princípios de Bakhtin abordados pontualmente por Barros (2005), volta-se a perceber o dialogismo intrínseco às relações sociais, sendo constituído e constitutivo da interação entre os sujeitos, portanto constitutivo da linguagem. O processo dialógico se constitui por pelo menos dois sujeitos e, da mesma forma, também se constitui como um diálogo entre discursos, em um contexto social com a participação de sujeitos sociais.

Outro aspecto que permeia essa perspectiva de análise e deve aqui ser ressaltado é o conceito de polifonia que se vincula ao dialogismo. A polifonia, pode-se por assim dizer, é o conjunto de diferentes “vozes” de *outros* que constitui o meu “eu”. Se a relação dialógica se estabelece a partir da relação e interação entre dois ou mais sujeitos, esse processo se constitui pela multiplicidade de vozes que habitam no sujeito.

Assim, neste processo de investigação, percebi que na imersão no contexto coletivo dos bebês, somos invadidos também por suas “vozes”, às vezes permeadas por ações ausentes de palavras e verbalizações, mas carregadas de sentidos que propiciam a alteração de nossos pontos de vista. As ações dos bebês não somente revelam seus jeitos de ser e estar em dado contexto, mas também alteram o nosso modo de perceber e agir com eles.

Esse confronto de vozes e ou ações manifestadas pelos bebês e entre eles e com outros sujeitos da relação, adultos e crianças maiores, são carregadas de sentidos, são ações significadas social, histórica e ideologicamente. Assim, com o intuito de apresentar algumas nuances

da constituição da linguagem dos e entre os bebês, bem como que possibilidades temos de *olhar e ver* as crianças de pouca idade, na sua inteireza, apresento a seguir as categorias elencadas nesse trabalho para a realização das análises dos dados apreendidos no campo de pesquisa.

4.2.2 Na tessitura das análises

A pesquisa de campo foi realizada de agosto a dezembro de 2010, sendo que os registros fotográficos e filmicos foram iniciados a partir de outubro, após a aprovação do CEPESH. Nos quatro meses em campo, a regularidade com que ia à creche era de três vezes por semana em horários alternados, compreendidos entre, aproximadamente, três a quatro horas por dia. A permanência junto aos bebês foi de, aproximadamente, 160 horas, divididas em 18 semanas, correspondentes a 54 dias.

Esse período de inserção e participação no cotidiano dos bebês na creche possibilitou a apreensão de um conjunto de cenas com desenhos particulares, formando uma espécie de mosaico das categorias de análises que possibilitaram agrupar e analisar as cenas pelas diferenças e semelhanças. Dessas cenas registradas, organizei 26 blocos a partir do critério de maior recorrência. Dos 26 blocos de cenas, foi elencada uma grande categoria, que suscitou outras três subcategorias, resumidas no quadro a seguir.

CATEGORIA CENTRAL

AS ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO ENTRE E DOS BEBÊS

SUBCATEGORIAS

- *ATOS SOCIAIS / SENTIDOS dos atos*
- *DIÁLOGOS*
- *TEXTOS*

Quadro I: Categoria e subcategorias das cenas registradas

Fonte: Elaboração minha

As categorias de análise foram organizadas a partir das situações que emergiram nas relações sociais entre os bebês no contexto da creche, como a apropriação dos códigos sociais, os “diálogos” que estabelecem entre eles, e os “textos” que produzem, pressupõem e constituem a linguagem. Desse modo, ao se voltar para os dados apreendidos no contexto de um grupo de bebês, no espaço da educação infantil, percebe-se, nas relações sociais, a arena da constituição da linguagem. Os bebês, mesmo entre eles, estabelecem relações sociais, além de se relacionarem com os outros sujeitos e com o próprio espaço organizado para inseri-los.

Os estudos de Schmitt (2008), como já apontados anteriormente, nesta pesquisa, afirmam a constituição das relações sociais entre os bebês no primeiro ano de vida. A autora, ao abordar como e com quem os bebês estabelecem relações no interior da creche, percebeu que a grande recorrência de encontros entre eles ocorre na sala, onde eles são recebidos e permanecem grande parte do dia. Salienta ainda, a autora, que a organização do espaço influencia nas relações sociais, ao permitir ou não o encontro entre os bebês por tempos determinados ou indeterminados durante o período que estão na creche. Nas palavras da autora:

Esses encontros entre os bebês marcam a constituição de relações sociais que não são acompanhadas e direcionadas pelos adultos diretamente, embora sejam atravessados pelas ações desses e por suas significações. Evidenciam que, no contexto da creche, os bebês compartilham vivências, que, embora não sejam significadas imediatamente, não deixam de existir, e precisam ser previstas e endossadas pelos adultos na forma como organizam o espaço e na confiança que depositam na possibilidade de encontro entre os pequeninos. (SCHMITT, 2008, p. 158)

Com base nas reflexões da autora e nas premissas dos estudos nas Ciências Humanas de Bakhtin (2003), afirmam a linguagem como social, cultural e ideológica, sendo constituída na interação verbal entre dois ou mais sujeitos, a partir de um contexto social comum. Essa interação entre os sujeitos favorece a apropriação de sentidos e a ampliação de conhecimentos, complexificando as ações. Por essas constatações observadas, principalmente nos dados apreendidos na

pesquisa de campo, comecei a perceber nas interações dos bebês, a significação que esse processo confere na constituição da linguagem entre eles.

As interações sociais em um movimento dialético e dialógico, resultante das relações sociais, promovem entre os bebês encontros que possibilitam a construção de sentidos de forma não linear e instável. Uma relação que, na medida em que se inicia, torna-se reflexiva e gradualmente se transforma em atos mais complexas, conforme as apropriações do sujeito e à legitimidade que o *outro* lhe confere. Nesse sentido, pode-se dizer que a constituição da linguagem, como constituída pelas relações sociais, é também dialética, além de dialógica, estabelecendo-se a partir de um processo definido por constantes transformações.

Segundo Konder (2008), a Dialética é: “[...] o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação.” (KONDER, 2008, p. 7-8)

Outro aspecto que se engendra à linguagem e se estabelece nas relações sociais é o dialogismo. Para Bakhtin (2003), a metodologia para as ciências humanas é dialógica, do mesmo modo que suas concepções sobre o homem e a vida, também são traçadas pelo dialogismo. Nessa perspectiva, o conceito de dialogismo pode ser explicado como processo que estabelece a imagem do eu projetada no *outro*, pelo juízo que o *outro* faz de mim. Dessa forma, torna-se possível conhecer a mim mesmo, por meio de um processo interativo de comunicação, em que me vejo e me reconheço por meio do outro, a partir da imagem que o outro faz de mim.

A partir das relações sociais observadas nos dados coletados, também se observa os bebês se apropriando de atos sociais e agindo por meio deles na própria estrutura social do contexto coletivo do qual fazem parte. Esses atos se constituem nas relações postas no contexto coletivo da creche e gradualmente as crianças começam a perceber seus sentidos e partem para a utilização dos mesmos, conforme suas interpretações, muitas vezes alterando as ações delas e dos adultos. Nesse processo de apropriação dos bebês sobre os atos sociais, *diálogos* e *textos* tornam-se presentes entre eles nos oferecendo suporte para a compreensão o modo como constituem a linguagem.

A escolha da análise filosófica de Bakhtin sobre a linguagem permeou teoricamente todo o processo deste estudo, orientado no sentido de perceber os bebês como sujeitos históricos, sociais e

interativos no processo constitutivo da linguagem, levando-me a perceber os caminhos para analisar os dados apreendidos.

As análises partem de uma grande categoria, *as estratégias de comunicação entre os bebês*, para, em seguida, procurar se alicerçarem outras ações que podem traduzir como os bebês constituem a linguagem em um espaço formal coletivo de educação infantil. Segue o organograma que apresenta a organização das análises.

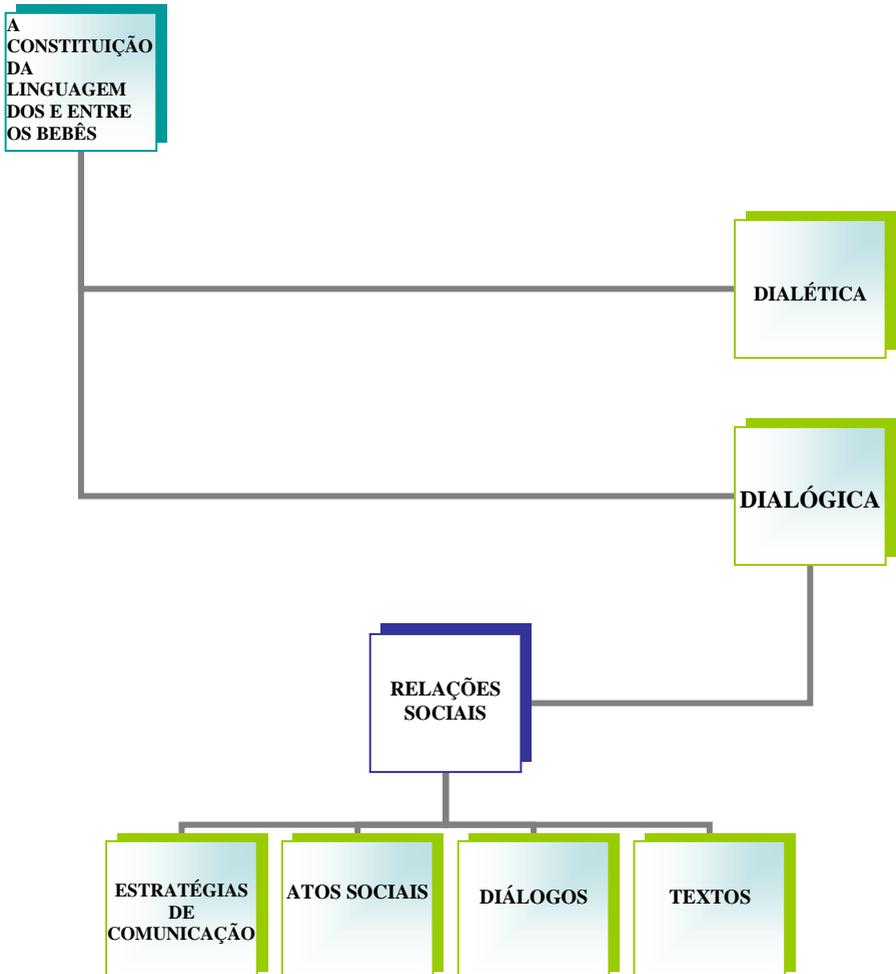


Figura I: Organograma de organização das análises

Fonte: Elaboração minha

4.3 AS ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO DOS E ENTRE OS BEBÊS

Chego à creche às 13h40, as crianças estão no solário, na companhia da professora e da auxiliar de sala. Observo brinquedos e almofadas disponibilizados nesse espaço. As crianças têm livre acesso à sala, pois a porta está aberta. Algumas correm do solário para a sala, riem e se divertem. Ricardo e Gabriela se movimentam constantemente de um lado para outro. Ricardo se joga na almofada e fica se movimentando, rolando no colchão. Olha para a Gabriela que não resiste e faz o mesmo. Os dois interagem em um tempo prolongado, ora na almofada, ora correndo de um lado ao outro. Combinam-se pelos olhares e pelos movimentos, um acompanha o outro com sorrisos, balbucios e brincadeiras com o corpo. Começam a chamar a minha atenção e, em seguida, outros bebês se despertam à ação dos dois e se exibem para a câmera e me chamam com as mãos e alguns gritinhos. (*Diário de Campo*, 14/10/2010)

Episódio II: O revelar dos sentidos e a percepção dos bebês

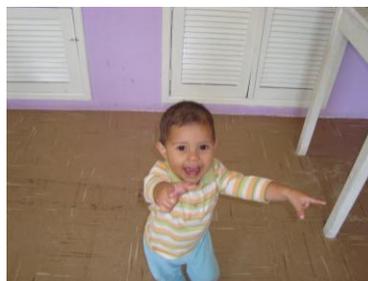




Imagem III: Brincando e mostrando-se à pesquisadora

Fonte: Acervo da pesquisadora – Out/2010

Para falar de como os bebês de até um ano e meio de idade, aproximadamente, constituem a linguagem, entende-se necessário observar e perceber como se comunicam e de quais estratégias de comunicação se apropriam e recorrem no contexto coletivo da educação infantil.

Ao refletir sobre essas estratégias de comunicação como constituidoras da linguagem entre os e dos bebês, torna-se importante pensar que, entre crianças que ainda não falam, os recursos comunicativos serão amplos e diferenciados do que se vê entre crianças maiores, já com o domínio da linguagem verbal. Nesse sentido, o corpo, os gestos, olhares, sorrisos, choros e algumas verbalizações, como já pontuei antes, foram observados como princípio para a compreensão de como o processo da linguagem, na sua complexidade, ocorre.

Logo que cheguei e comecei a registrar (filmar e fotografar) as crianças, fui percebendo que a comunicação, que estava ocorrendo entre elas, era também comigo. Os bebês percebiam a minha presença, que, naquele momento, já era um pouco familiar. Percebiam também que eu era um adulto diferente, que portava instrumentos diferentes e que não estava ali diariamente. Por mais que eu interagisse com eles e eles comigo; por mais que eu me dispusesse a ajudar as professoras, quando necessário, se tornava cada vez mais nítido que eles, os bebês do grupo, me reconheciam como diferente das profissionais que trabalhavam na creche.

Trago aqui essas reflexões por entender que os bebês rapidamente se apropriam das relações sociais estabelecidas e identificam a composição delas. Assim, naquele momento eu percebia uma comunicação intensa entre o menino e a menina, mas também percebia certa exibição deles para mim, ou melhor, para a câmera. Quando corriam para a sala, me chamavam com a mão e ou vinham até a porta e soltavam gratinhos, que pareciam ser para chamar a minha atenção.

Na sequência dessas ações, o menino solicitou a filmadora e tocou no visor, como se solicitasse ver a gravação. Voltei as imagens e permiti que vissem os episódios filmados e fotografados. Nesse sentido, constatei que, mesmo sem uma palavra sequer, foi possível compreender o que diziam e da mesma forma, ficava claro que a comunicação dos bebês comigo era diferente, pois sabiam que eu era um adulto que estava observando e registrando suas ações.

Nessas ações das duas crianças, outros bebês despertaram e fizeram o mesmo, inclusive buscando a mim para que eu lhes mostrasse os registros fílmicos e fotográficos. Nessa cadeia de relação, em que um se desperta pela ação do outro, desencadeando novas ações ressignificadas pela própria atitude dos bebês, percebe-se uma sucessiva comunicação que não se finda. Ao contrário, é continuada e ampliada pelos interlocutores do contexto.

Esse episódio remete-me à experiência de Lóczy, em Budapeste, na Hungria, organizada por Emmi Pikler e apresentada na obra de Judit Falk (2004). Nas diversas experiências que são relatadas sobre a educação das crianças de zero a três anos, Hevesi (2004), ao tratar da relação da educadora com as crianças, por meio da linguagem, apresenta dados estatísticos que ressaltam a importância de o adulto comunicar ao bebê tudo que vai fazer ou está fazendo com ele. Para a autora:

É uma transição entre as iniciativas da educadora e as da criança. A criança, com seu olhar atento, ‘toma a iniciativa’ do contato, chama a atenção da educadora. Isso se nota, sobretudo, quando a criança observa a atividade da educadora por alguma razão concreta (HEVESI, 2004, p.53).

Entretanto, aqui neste episódio, percebe-se que o olhar dos bebês está atento a mim, como outro adulto e a “razão concreta”, conforme aponta a autora, observada pelos bebês, eram os equipamentos (câmeras) que carregava e chamavam a atenção deles. Além de que, estavam descobrindo a possibilidade de se ver através das câmeras. Como a autora relata, a criança assume a iniciativa de se contatar com o adulto, mas tudo depende da importância que se dá a essas formas que os bebês têm de se comunicar. O adulto (neste caso, as professoras de bebês) tem um papel fundamental diante dessas situações. Observar e promover que essa corrente de comunicação se estenda por meio da oferta de novos elementos pode contribuir na ampliação e constituição da linguagem entre os bebês.

Conversar com os bebês, mostrar os materiais a que eles solicitam, apresentar outras formas de manipulação, para que servem dados elementos, como no caso das câmeras que captou a imagem deles, são atitudes imprescindíveis na interação entre adultos e bebês. Assim, percebo que responder a essas iniciativas de contato dos bebês desencadeia outras possibilidades de diálogos não só com eles, mas também entre eles. E, o adulto assume um papel de parceiro nessa relação dialógica em que os bebês assumem formas e sentidos de como se comunicar, reinventando os modos de “dizer” e se apropriando da linguagem como aspecto fundamental para o estabelecimento de novas relações, como foi o caso dos outros bebês que se aproximaram ao jogo interativo de Gabriela e Ricardo, conforme apresentei no excerto.

Percebi inicialmente que estavam se comunicando comigo também e, ao me sentir orientada a responder a eles, acompanhando suas ações, outros bebês se sentiram atraídos e se juntaram à situação. Assim, esse episódio que demonstra a comunicação entre dois bebês, por meio do corpo, toma uma dimensão maior e abrange outros bebês do grupo, promovendo interatividade.

Já nessas primeiras análises começa-se a avistar a potencialidade de comunicação e ação nos bebês. E, por mais que as estratégias de que lancem mão, sejam diferentes e exijam o apuramento dos sentidos, elas são legítimas e precisam ser consideradas. Deve-se entender a importância de se ver as crianças pequeninas como sujeitos inteiros, que agem com autoria e determinam, quando possibilitadas, outras formas de agir. Assim, nesse processo dialógico, os bebês vão descobrindo em si mesmos e pela relação com o outro a diversidade comunicativa de que são capazes.

A comunicação se materializa na relação social, a partir da existência de signos ideológicos formando elos entre o verbal e o extraverbal e se estabelece entre os sujeitos na relação social comum. Essa integração da consciência na corrente viva da linguagem e dos enunciados constitui e estabelece a comunicação entre os sujeitos de um contexto social, neste caso, os bebês no espaço da educação infantil.

Nesse sentido, a comunicação é um elo constituidor da interação entre os sujeitos, mas de modo inacabado e interrompido, pois é possível ser continuada por outros sujeitos, desde que pertençam a um grupo socialmente determinado. Para Bakhtin (1986):

[...] A comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora desse vínculo com a situação concreta. A comunicação verbal

entrelaça-se inextricavelmente aos outros tipos de comunicação e cresce com eles sobre o terreno comum da situação de produção. (BAKHTIN, 1986, p.128)

É nessa via de análise que procuro compreender as estratégias de comunicação entre e dos bebês, procurando ainda, dar visibilidade à significação de seus atos como apropriação e constituição da linguagem.

A próxima seção versará a respeito dos atos sociais e das manifestações dos bebês acerca do que se apropriam e como reelaboram seus modos de agir no espaço e tempo da educação infantil.

4.3.1 Os atos sociais e a apropriação dos sentidos

A educação que um menino recebe dos objetos, das coisas, da realidade física, em outras palavras, dos fenômenos materiais de sua condição social, torna-o corporalmente aquilo que é e será por toda a vida. (PASOLINI, 1990)

A ideia de ato social está relacionada à ideia de atividades pré-organizadas que se constituem nas relações sociais, dando o tom ao agir (ou para agir) de um determinado modo em um determinado contexto. Nas premissas de Bakhtin (1996), é na expressão semiótica que a atividade mental se organiza, é pela apropriação dos atos sociais que o sujeito desenvolve a atividade mental, modelando e determinando sua orientação.

Nessa mesma direção, procurei relacionar a apropriação dos atos sociais pelos bebês na perspectiva da Sociologia da Infância, buscando contribuições para este estudo da linguagem, em que os bebês são atores sociais e sujeitos principais nesta pesquisa.

Tomou-se aqui a perspectiva das crianças como atores sociais, de forma crítica ao conceito clássico de socialização, de internalização e adaptação, e de afirmação ao conceito de atuação, criação e reelaboração da criança no contexto social. Nesta mesma direção, alia-se a ideia de que a criança produz culturas e conhecimentos e, desde a mais tenra idade, estabelece, nas suas relações com os adultos e outras crianças, uma apropriação de sentidos como estratégia de compartilhamento de ação.

Prout (2004) nos alerta sobre a dualidade que ocorre entre os campos *estrutura e ação*, nos estudos da infância que ora abandonam o

reducionismo biológico, ora caem num reducionismo sociológico, resultando numa polarização dos campos do ser e devir. Neste sentido, o autor afirma que os adultos apresentam um caráter de inacabamento tanto quanto as crianças, e que, como característica humana, somente se avança no processo de humanização, por meio da socialização e da interação entre um sujeito e outro.

De acordo com Sarmento (2005, p. 363): “A infância é concebida como uma categoria social do tipo geracional por meio da qual se revelam as possibilidades e os constrangimentos da estrutura social”. Essas nuances se revelam mesmo nas crianças bem pequenas, em contextos coletivos de constante interação entre elas e por meio das “regras” que se estabelecem. Entende-se assim, que os bebês passam a se apropriar de ações e institucionalizações que vão se constituindo nesse espaço socializador e agem com e sobre essas dadas ações.

Pepa Òdena, no livro *Infância e escola*,³⁷ afirma que os bebês nascem em um contexto humano e por isso “são educáveis desde o nascimento”³⁸ (ÒDENNA 1995, p. 9). Entretanto, a ideia que a autora aborda em relação *ao serem educáveis*, em momento algum representa passividade e ou homogeneidade nos modos de aprender e se desenvolver, ao contrário, admite as singularidades e diferenciam a aprendizagem de uma criança para outra. Essas apropriações particulares, tanto para a autora quanto em meu entendimento, se tornam o grande ponto a ser observado e percebido em um grupo de crianças, no espaço coletivo da educação infantil. Por meio de processos próprios de cada bebê é que se pode propiciar e promover que se manifestem o potencial deles (ÒDENNA, 1995).

Considero importante ressaltar que as crianças pequeninas se apropriam dos aspectos externos dos quais participam e por meio dessa ação sobre as institucionalizações sociais do meio, reelaboram e manifestam, individualmente seus modos de compreender o entorno. Fica o alerta, ao se planejar as ações e a organização dos espaços na educação infantil, pois mesmo quando não se está atento a essas constantes atuações dos bebês, eles estão observando, sentindo, tocando, se apropriando e reelaborando o que percebem e vivenciam no dia a dia.

Ainda segundo Òdena: “O menino se educa tanto se as pessoas que lhe rodeiam pretendem conscientemente educá-lo ou não, e se educa porque aprende. Aprende modelos: de movimento e de ritmo de vida, de

³⁷ Infancia y escuela.

³⁸ “son educables desde el nacimiento”.

satisfação de necessidades, de relação e de compreensão.³⁹” (ÒDNA, 1995, p. 10) [Tradução minha]. A experiência dos bebês não se limita àquela prevista pelo adulto; define-se pela profundidade de sua ação. Os bebês agem com intensidade e empenham-se para realizar suas potencialidades.

Na análise das ações dos bebês, mesmo não sendo observada em todos os momentos, uma proposta direta por parte das profissionais, as crianças agem e demonstram sentirem liberdade e autonomia. Não se pretende, aqui, aprofundar análises sobre os aspectos institucionalizadores das relações sociais, pois a estruturação e reelaboração dos atos sociais não se constituíram como mote principal deste estudo, porém tornou-se necessário abordá-lo, por identificar o quanto essas “regras de conduta” influenciam na constituição da linguagem e o quanto os bebês agem sobre as estruturas postas no espaço coletivo da educação infantil.

Ainda que este aspecto da estruturação e reelaboração dos atos sociais não seja central neste estudo, percebe-se neste o quanto essas “regras de conduta” influenciam na constituição da linguagem nos bebês.

O espaço coletivo de educação infantil de que os bebês participam sofre determinações das dimensões macro estrutural. Porém, a exemplo de Alanen (2001) (citado por SARMENTO, 2005, p.365), é necessário estabelecer uma relação entre a dimensão estrutural e aquelas relações internas às gerações, considerando os processos simbólicos do real, que legitimam as elaborações realizadas pelas crianças e contribuem diretamente na constituição da identidade individual e social, diferenciando-as dos adultos.

A diversificação nas ações das crianças daquilo que se apropriam e revelam não as inferioriza, mas legitima a idiosincrasia de seus modos de ser e de atuar. Trata-se de especificidades e não de incompletude. Nessa mesma direção Sarmento complementa que isso ser verificado “pelos efeitos estruturantes da ação das crianças como atores sociais, e como tópico de análise interna sobre as relações intrageracionais com a geração adulta em que a infância também se (auto) constitui” (SARMENTO, 2005, p.365).

³⁹ El niño se educa tanto si las personas que le rodean pretenden conscientemente educarlo como si no, y se educa porque aprende. Aprende unas pautas: de movimiento y de ritmo de vida, de satisfacción de necesidades, de relación y de comprensión.

Os episódios que se apresentam a seguir podem contribuir para que se entenda como o processo de socialização e as apropriações dos códigos de conduta se revelam nas ações das crianças e, em alguma medida, transformam as regras institucionalizadas no contexto da creche.

Este conjunto de cenas, que apresenta um pequeno grupo de crianças no momento do lanche, demonstra, ainda que parcialmente, como as crianças pequenas revelam a apropriação que elaboram das situações cotidianas e, assim, alteram a regularidade como normalmente estas ações acontecem no contexto social em que estão inseridas. Vejam-se o excerto:

Nessa manhã a professora estava em formação fora da creche e o grupo estava sob a responsabilidade da auxiliar de sala e da auxiliar de ensino. Chegou o momento do lanche prévio e foram oferecidas bananas às crianças. A princípio, a profissional descascava a banana e oferecia a cada criança, mas Gabriela se adiantou e pegou uma banana com casca do prato e começou a descascar. Nesse meio tempo, Flávia, que estava no bebê-conforto, afastada do grupo, choramingou e apontou a mão em direção aos colegas. A profissional comentou: “vem Flávia, vem comer banana”. Flávia já havia saído da cadeira e seguia engatinhando e apontando a mão em gesto de solicitação. Gabriela prontamente lhe entrega a banana que acabara de descascar. Antônio e Ricardo olhavam atentamente ao movimento das duas colegas e, quando Flávia finalmente pegou a banana na mão a partir da oferta de Gabriela, os dois comemoraram com um som de “eeee” (**Diário de Campo**, 07/12/2010).

Episódio III: Os bebês conseguem: o desafio foi lançado**Imagem IV: Flávia protesta pelo lanche****Fonte: Acervo da pesquisadora – Dez/2010**

Constantemente as crianças têm a alimentação servida pelos adultos, mesmo havendo um incentivo por parte das profissionais para que os bebês ganhem autonomia, há também uma preocupação em atendê-los individualmente, na medida em que isso é possível. As crianças foram convidadas a se alimentar, mas não houve uma exigência de que todas participassem desse processo no imediato e no mesmo local. Enquanto um pequeno grupo sentou-se no tapete, algumas crianças permaneciam brincando pela sala e se aproximavam ao serem chamadas e ou conforme seu desejo.

A pequena Flávia, que ainda não caminhava e assim tinha sua mobilização um pouco mais restrita, ficou afastada do grupo, mas, sabendo da possibilidade de ser atendida, reivindicou o alimento pelo choro e com pequenos gritos de protestos. Gabriela percebeu seu manifesto e a atendeu descascando e entregando-lhe a banana.

Nesse episódio, Gabriela demonstrou algumas das potencialidades que possui a partir da autonomia em tomar a fruta na mão e logo encaminhar a outra menina. A profissional permitiu e incentivou a ação das meninas, ao mesmo tempo em que Antônio e Ricardo perceberam o significado da conquista de Flávia de ir a busca do alimento sem a ajuda dos adultos. É nessas experiências que a linguagem se constitui e ganha forma nas interações sociais com o outro, quando a criança faz apropriações e produções do que já tem sentido a ela; é a ação do outro, carregada de sentidos para ela, que faz com que suas ações ganhem também novos significados.

Observei nessas ações das próprias crianças, o quanto e como elas são capazes de encontrar estratégias para ter seus desejos e suas necessidades satisfeitos. O choro de Flávia, que nos primeiros meses de vida era somente emotivo, como afirmara Wallon (1975), gradualmente ganha um sentido social, conforme o outro lhe confere significados. Assim, foi possível perceber que, na medida em que os bebês tomam atitudes uns com os outros, já não se trata de uma ação involuntária, mas carregada de sentidos estabelecidos na interação social entre eles.

Percebi também, neste episódio, que houve a pronúncia verbal, em palavras, apenas da profissional que incentivou a atitude de Flávia. Entretanto, houve verbalização por parte dos dois que meninos também se pronunciaram ao comemorarem a conquista da colega em conseguir sair do bebê-conforto e ir ao encontro do alimento. Nessa situação foi possível compreender que havia uma sintonia dos meninos no com o que estava acontecendo e, mesmo sem a fala, eles puderam expressar o contentamento que sentiram quando Flávia pegou a banana, ao verbalizarem “eee”.

Poderia-se dizer que a atitude das crianças envolvidas diretamente neste episódio foi mecânica e ou impulsiva? Parece-me que não. Ao se observar as ações dos bebês no contexto dessa cena, percebe-se a atenção deles voltada à manifestação de Flávia. Esta atenção tem sentidos e intenções, situação constatada quando Gabriela lhe entrega a banana. Há uma diversidade de aspectos que promovem a constituição da linguagem e se revelam a partir da complexa elaboração que os bebês desenvolvem ao agir diante de algumas situações.

Deve-se compreender também que todas as ações dos bebês se constituem em uma rede de relações sociais e culturais com as quais vivenciam. O encorajamento que a profissional ofereceu à menina, também serve de promoção para que as crianças sintam-se seguras e à vontade para realizar ações não determinadas, em que o contexto faz com que elas mesmas ousem fazer experiências, proponham desafios e descubram novas possibilidades.

Em diversos momentos, observei as profissionais da creche apontando positivamente para as ações de autonomia das crianças e incentivando-as a obter novas conquistas. Esses aspectos, além de serem profícuos na relação adulto-criança e promoverem mais rapidamente atitudes autônomas e seguras nos bebês, gradualmente institucionalizam os modos de socialização e relação entre os sujeitos que compartilham essas experiências. De igual modo, as crianças passam a perceber e abstrair os sentidos de cada ação, cada atitude delas e dos adultos, conferindo também sentidos a esses atos.

Observa-se que as crianças agem mesmo sem serem solicitadas, e a apropriação que fazem do processo de socialização do qual participam é revelada de diferentes formas. Embora os bebês não pronunciem verbalmente o que compreendem do mundo, suas ações retratam a leitura que fazem da realidade social e o modo como as relações vão se estabelecendo. Para Rocha (2008) “[...] as crianças como seres humanos novos, de pouca idade – constroem e transformam o significado das coisas e as próprias relações sociais” (p.48). Ou seja, a abstração ocorre na interatividade com outros sujeitos e situações postas no cotidiano; e, subjetivamente, a criança reelabora e age transformando a habitual rotina.

No episódio a seguir, pode-se observar como as crianças pequenas recorrem aos gestos, olhares e expressões para demonstrar o que sentem e o que desejam, e ainda, como criam estratégias entre elas para alterar e ou manter as regras instituídas.

Cheguei por volta das 13h. Algumas crianças dormiam, outras estavam acordando. Pedi licença e entrei na sala. As profissionais começaram a servir o lanche para as crianças, perguntei se elas precisavam de ajuda. Elas responderam que não, que ainda estava tranquilo. Procurei me acomodar no banco, em um cantinho, onde sempre sentava para evitar algum tipo de invasão às crianças. Com o bloco de anotações em mãos, filmadora ao lado e máquina fotográfica pendurada no pescoço. Sem demora algumas crianças começaram a se aproximar de mim. Primeiro Denise e em seguida Felipe que rapidamente segurou o lápis que eu utilizava e olhou em meus olhos, como se perguntando se poderia pegá-lo, sorri a ele e soltei o lápis. Felipe começou a rabiscar e Denise observava atentamente o colega e me olhava. Perguntei a ela se deseja escrever, ela sorriu e faz sinal afirmativo com a cabeça. Lucas também se aproximou brincando com um carrinho no próprio banco onde estávamos. Ricardo também apareceu. Nesse meio tempo, eu sugeria à Denise que esperasse um pouco o Felipe usar e que depois ela usaria o lápis e o bloco. Ricardo tentou tomar o lápis de Felipe que reagiu e não deixou isso acontecer. Falei para Ricardo que depois de Denise escrever ele poderia usar o material. Quando Felipe entregou o bloco e o lápis para Denise e ela começou a rabiscar, Ricardo novamente tentou apanhar o lápis e Felipe não deixou empurrando as mãos de Ricardo. Ricardo olhou para Felipe com olhar debochado e tentou novamente tomar o material da colega. Então, sugeri que ele esperasse um pouco a colega usar e em seguida ele também poderia escrever. Ricardo me olhou e pôs a mão na cabeça com ares de quem estava a pensar “não acredito que tenho que esperar!” (**Diário de Campo**, 22/11/2010)

Episódio IV: A disputa do diário de campo



Imagem V: Os bebês com o diário de campo

Fonte: Acervo da pesquisadora – Nov/2010

Nesse conjunto de cenas observam-se as formas como as crianças se organizam para alcançar e ou conquistar algo desejado - neste caso, o diário de campo. Alvo de grandes disputas ao longo de toda a minha permanência a campo, sempre permiti que os bebês utilizassem meu bloco de anotações, inclusive substitui a caneta por um lápis, a fim de evitar maiores danos à sala, pois, em alguns momentos, os rabiscos se estendiam ao tapete, paredes etc.

Entretanto, o que chama a atenção nesse episódio é a maneira como Ricardo tenta se apossar do material. Ele, em muitos momentos, se mostrou liderando situações e impondo seus desejos a partir de dadas ações que inibiam a reação de outros bebês. Nessa situação, porém, Felipe fez o enfrentamento ao colega, agiu defendendo o que havia sido combinado, talvez se sentindo mais seguro por minha presença e provável intervenção, ou por já se sentir hábil em intervir, utilizando as mesmas estratégias que, por vezes, Ricardo utilizava, como a força física, por exemplo.

Ao longo da pesquisa, observei o quanto as crianças pequeninas se apropriam das ações uma das outras e não somente das ações dos adultos. As regras de conduta que se instituem no espaço coletivo da educação infantil e, principalmente, na sala dos bebês estão permeadas por horários fixos: de alimentação, de chegada, de sono e de saída, que determinam certa rotina no cotidiano dos bebês. Outro aspecto que chama a atenção se refere ao desafio das profissionais de conseguirem atender quinze bebês ao mesmo tempo, fazendo com que muitos não são atendidos imediatamente, pois seria humanamente impossível. Assim, as crianças, rapidamente, percebem as fragilidades da estrutura organizativa desse espaço; elas, então, agem sobre a realidade social e modificam individual e coletivamente o funcionamento da rotina.

No caso das cenas apresentadas no último excerto, observa-se Ricardo tentando ser “mais forte” e se apossar de imediato do material, ao mesmo tempo em que fica nítido seu incômodo em ter que esperar, na expressão de levar a mão à cabeça, com ares de impaciência. Em outros momentos, esse mesmo menino e outros bebês usam do choro ou da habilidade de se locomover em relação aos que ainda não caminham para chegar à frente e ser atendido antes dos demais. No próximo episódio, apresentado mais adiante, nesta dissertação, será observada uma ação que traduz essas estratégias, das quais os bebês se apropriam no próprio cotidiano, alterando a suposta ordem dos acontecimentos.

Contudo, é importante se observar que nas estratégias de comunicação e ação dos bebês o corpo ganha uma importante dimensão. O ato de empurrar o colega, como fez Felipe a Ricardo é resultado das situações que os bebês observam, vivenciam e se apropriam dialogicamente desses processos. Enquanto a linguagem verbal está em constituição, o corpo, as expressões de olhares, e os gestos vão “dizendo” na interação entre os bebês o que pode e como deve se proceder em dadas situações.

Talvez possamos pensar que em alguns momentos, a constituição da linguagem e as estratégias de comunicação dos e entre os bebês

ocorrem de modo silencioso, mas não estático e regular. A cada ação deles, observamos a riqueza de elaborações que embora às vezes, pareça ser imitativo a outras ações, o contexto sendo outro ou o mesmo, ocorre um outro acontecimento, onde os bebês desenvolvem novos sentidos e gradualmente vão descobrindo novas possibilidades de comunicação.

Deste modo, é preciso nos atentar ao *silêncio* e ao *barulho* das estratégias de comunicação dos e entre os bebês, mas acima de tudo, perceber e traduzir os movimentos do corpo, que mais que ações físicas são manifestações constitutivas da linguagem.

Assim, além da linguagem em efervescente constituição, o cotidiano dos bebês na educação infantil, ganha novos sentidos e se modifica subliminarmente pelas interações dos pequeninos. Essas modificações são permeadas pelas ações dos bebês em que o corpo é determinante no que pretendem atingir. Nesse sentido, começo a compreender o corpo e os movimentos como uma dimensão da linguagem ou até mesmo uma precedência na constituição do pensamento e da fala.

Nesta mesma direção Coutinho (2010) assevera:

Ao considerar o lugar que o corpo ocupa nas situações observadas na creche podemos indicar que essa “consciência” em relação ao corpo é um elemento central na ação social das crianças bem pequenas, o que nos leva a busca da compreensão do desenvolvimento dessa consciência. A compreensão da ação social como dotada de sentido e significada pelo outro nos ajuda a entender essa ideia de modo articulado às manifestações corporais das crianças (COUTINHO, 2010, p. 126)

A autora compreende que a manifestação corporal dos bebês está diretamente relacionada a outros elementos estruturais como “o gênero, as classes sociais, os afetos” e estes elementos constituidores das ações dos bebês compõem a formação da consciência. Nesse sentido, os movimentos e ações dos bebês pelo corpo não podem ser compreendidos como fortuitos, são carregados de sentidos sociais e culturais que fazem parte dos diferentes contextos sociais dos quais participam.

Guimarães (2008), na perspectiva foucautiana de análise do disciplinamento dos corpos, e a partir da reflexão filosófica de Bakhtin,

identifica nas rotinas que se estabelecem no cotidiano da creche, a atuação dos bebês por meio do corpo e chama a atenção que essas rotinas podem aprisionar os sujeitos que dela participam se não houver uma constante leitura crítica do que se institui e uma percepção aguçada dos movimentos das crianças no sentido de romper com algumas lógicas. Para a autora, os bebês em meio a uma rotina costumeira acenam a necessidade de situações novas, por meio dos movimentos que eles realizam, assim como rompem os “rítmos homogêneos” que estão presentes no cotidiano da creche. É importante que os adultos reconheçam na alteridade das crianças e na identificação de cada movimento, novas dimensões de relacionamento (GUIMARÃES, 2008, p.137).

Os dois estudos supracitados ressaltam o papel do corpo e dos movimentos corporais entre os bebês, como meio de ação na estrutura socialmente organizada. Mesmo as crianças de pouca idade, na medida em que passam a se apropriar do funcionamento do cotidiano que estão inseridas forjam ações individuais e compartilhadas que alteram, mesmo que sutilmente a institucionalização das regras de conduta. Passamos a seguir, a outro episódio que endossa a discussão acerca da apropriação dos bebês sobre os códigos sociais e suas atuações que modificam a rotina estabelecida.

Chegou a hora do jantar, algumas crianças foram acomodadas em bebês-confortos e outras ficaram sentadas em almofadas e foram alimentadas ali mesmo. A professora organizou três bebês-conforto em frente ao banco e chamou Felipe para lhe oferecer a canja. Enquanto isso, Luiz sentou-se no bebê-conforto, ao lado de Felipe e Ricardo senta-se ao lado de Luiz. Enquanto a professora oferecia o alimento a Felipe, Ricardo levantou-se e pegou na mão de Luiz que, sorrindo, levantou-se também. Ricardo arrastou o bebê-conforto onde Luiz estava sentado para o outro lado da sala, enquanto o colega o observava. Em seguida, puxou a cadeira que utilizava para o lado de Felipe e sentou-se nela aguardando ser atendido. A professora, sem nada perceber, continuou envolvida com a criança que estava atendendo. Ao terminar de atender Felipe, passou a oferecer canja ao próximo que estava sentado, neste caso, Ricardo que havia “tomado” o lugar onde o colega Luiz estava (**Diário de Campo**, 21/10/2010).

Episódio V: Quem vai jantar primeiro? As estratégias dos bebês no momento das refeições



Imagem VI: A troca das cadeiras
Fonte: Acervo da pesquisadora – Out/2010

Novamente observa-se como as crianças se utilizam de diferentes estratégias para alterar as “regras” estabelecidas. Ricardo encontrou uma forma de jantar antes do colega que, a princípio, seria servido antes dele, pois era o próximo da “fila”. Luiz acostumado a ser chamado por Ricardo para brincar e correr pela sala, levantou-se do bebê-conforto e acabou “perdendo” a vez de jantar.

O que parece uma ação simples, um bebê tomar o lugar do outro, toma uma dimensão mais complexa quando se compreende a inteligibilidade dos bebês e a elaboração dessas ações pelo corpo como meio de alterar o que está posto.

Em contraponto a esse aspecto, observa-se o que está descrito na tese de doutoramento de Guimarães (2008), ou seja, a estrutura posta: berços, cadeiras para alimentação, nome dos objetos (objetos estes usados com os bebês, exemplo, colher, papel, porta, nome de brinquedos etc.), e o reconhecimento destes pelos bebês representam aos adultos a inteligibilidade esperada de crianças que aprendem. Entretanto, esse “adestramento dos gestos”, como a própria autora afirma, não é suficiente para se entender a complexidade das ações dos bebês, pois eles se utilizam de outros espaços e recursos para explorarem a si mesmas, “de encontro de prazer de si para si mesmas” (GUIMARÃES, 2008, p. 146).

De mesmo modo, percebe-se o quanto os bebês são atentos, inclusive quando parece não estarem percebendo determinadas situações. Eles sentem, agem e interagem por todos os sentidos e, assim, tomam novos sentidos de como podem atuar e avançar no que desejam. A composição dessas cenas, além de demonstrar a inteligibilidade nas expressões dos bebês, também demonstra o quanto eles se apropriam dos sentidos que se estabelecem cotidianamente nas e pelas relações sociais.

Constata-se, desse modo, que a estrutura do espaço coletivo é permeada pela sutileza da ação dos bebês, que não se furtam em encontrar, na experiência do vivido, novas estratégias para agirem. Observa-se mais uma vez, que a creche dispõe de apenas duas profissionais para atender quinze bebês ao mesmo tempo, assim as crianças começam a criar recursos entre elas para serem atendidas mais rapidamente, pois sentem fome mais ou menos no mesmo horário (afinal as refeições têm horários fixos, são servidas sempre ao mesmo tempo e divididas em quatro vezes ao dia)⁴⁰. No caso dos grupos de bebês, sempre que há necessidade, são oferecidas frutas e mamadeiras nos intervalos das refeições, mas as crianças também esperam e se acostumam com o horário oficial das refeições. Entretanto, cabe ressaltar que, quando alguma criança rejeita o alimento ou esteja dormindo, são reservados alimentos para que lhe seja oferecido posteriormente.

Contudo, ainda que as condições para garantir a qualidade do atendimento, tal como apregoam, tanto as diretrizes curriculares da educação infantil do município, quanto as nacionais (BRASIL; FLORIANÓPOLIS, 2009), estejam distantes, foi possível observar que as profissionais do grupo de bebês faziam o que podiam e, às vezes, se angustiavam em não atender mais rapidamente as crianças, pois a estrutura realmente não permite maior agilidade nesse aspecto. Nem sempre e nem todos se utilizam ainda de recursos que possam beneficiá-los como o fez Ricardo ao distrair o colega e sentar-se próximo da professora para receber o jantar.

Deve-se entender, também, que fica difícil para as professoras, intervir nessas ações dos bebês, normalmente nem percebidas por elas, devido à demanda da rotina e das diferentes necessidades e exigências de quinze bebês individualmente.

⁴⁰ Nas creches da PMF são oferecidas quatro refeições ao dia, o lanche prévio até às 08:30h aproximadamente, o almoço até às 10:30h e outro lanche prévio até às 13:30h e o jantar até às 15:30h.

Outro aspecto que também chama a atenção é a tenuidade dessas ações dos bebês, como essa descrita no excerto do jantar. Ao mesmo tempo em que Ricardo demonstrou se apropriar de novas possibilidades para agir sobre a situação e modificar a ordem de quem jantaria primeiro. O outro menino pareceu-me sentir-se frustrado, devido ao seu olhar de estranhamento diante da situação, mantendo-se em direção a Ricardo com expressão facial de quem procura compreender o que realmente acontecera, mas ficou sem ação. As profissionais, preocupadas em atender a todos os bebês e angustiadas com os choros e a aproximação do horário de algumas crianças irem embora e estarem alimentadas e higienizadas, não conseguem perceber as minúcias cotidianas que alteram, de alguma forma, a estrutura social desse espaço coletivo.

É importante se pensar que a linguagem, como social e ideológica, também se constitui carregada dessas marcas estabelecidas nas relações e interações sociais. Vincze (2004), ao relatar as atividades comuns entre as crianças com até dois anos e meio na experiência de Lóczy, explica que as ações entre os bebês formam um conjunto de saberes, que se ampliam e se complexificam na medida em que a criança age, ou seja, as crianças aprendem com a ação uma das outras e se sentem atraídas a fazer o mesmo que os outros, porém de um modo individual e diferente uma da outra. Para a autora:

[...] a formação de certos conjuntos não é um fato fortuito senão que se trata de uma demanda social que vem das crianças e que se dirige a um indivíduo concreto. Considerando todo esse desenvolvimento em seu conjunto: o caminho conduz progressivamente do que é seguro e dirigido a pessoas concretas (VINCZE, 2004, p.78).

Essas reflexões levam a se compreender que as ações de resposta entre os bebês têm um grau de elaboração bastante complexo.

No caso desse mesmo excerto apresentado, a concordância de Luiz em acompanhar Ricardo demonstra, acima de tudo, que ele se interessa por uma nova possibilidade de descoberta. De mesmo modo, a ação de Ricardo ao chamar o colega e depois “tomar seu lugar” não foi fortuita, tão menos intencional. Mas Ricardo viu se constituir uma possibilidade de agir no momento em que a situação estava

acontecendo. Se não há um planejamento intencional na ação dos bebês, existe certamente uma atitude inteligível e, como se refere Vincze (2004), é, sobretudo, uma *participação ativa*.

Talvez se possa questionar como a apropriação dos códigos sociais influencia na constituição da linguagem nos bebês, já que a linguagem, como social e ideológica, também se constitui carregada dessas marcas estabelecidas nas relações e interações sociais. Porém, ao se assumir a concepção de linguagem a partir de Bakhtin, compreende-se que: “Um produto ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. [...] Um corpo físico por si só representa a sua própria natureza, mas pode assumir uma simbolização, refletindo e refratando uma outra realidade, tornando-se produto ideológico” (BAKHTIN, 1986, p. 31). Dessa forma, a linguagem não se constitui isolada da relação social, ao contrário, é na relação e pela interação social que a linguagem se constitui e, com isso, todas as ações que se instituem no contexto social influenciam a constituição do sujeito como homem de cultura e de linguagem.

Nos espaços coletivos da educação infantil, por mais que em alguns aspectos seja complicado às profissionais de educação atender com qualidade aos bebês, eles necessariamente esperam e ou burlam algumas “regras”, otimizando a estrutura organizativa do espaço e do tempo. Percebe-se também que essa mesma estrutura que a alguns bebês frustra e conforma, em outros momentos serve de alicerce para que criem outras bases e encontrem estratégias para resolver seus conflitos com mais rapidez.

Essas ações observadas junto aos bebês permitem que se compreendam outras faces da constituição da linguagem, já que, embora o bebê possa não ter premeditado sua ação, sua atitude passa a constituir suas ações. Ou seja, mesmo que Ricardo, ao chamar Luiz, não tivesse a intenção de tomar o lugar do colega, na medida em que a situação ocorreu, o menino pôde perceber outras possibilidades de ação. Por esses aspectos, é fundamental compreendermos que a apropriação dos sentidos pelos bebês não acontece apenas pela observação e de modo passivo, mas principalmente pela atuação e experiencição das ações.

É nesses processos interativos dos bebês entre eles e deles com o espaço, objetos e outros sujeitos da relação, que a linguagem vai ganhando forma e se aproximando da palavra. Por vezes, pensa-se que na inexistência da palavra a criança não pensa e, assim, não expressa sentimentos, emoções e ideias. Porém, quando se inquietam os sentidos para ver e sentir além do previsível, começa-se a se deparar com situações complexas, em que minimamente necessitam de

inteligibilidade no sujeito para que sejam executadas. É o caso dos bebês, no que poderia ter sido apenas um simples movimento, passou a ser uma estratégia de comunicabilidade a partir de um recurso do corpo em contato com um objeto, promovendo alterações na estrutura do espaço e do cotidiano.

Assim, de acordo com as atuações dos bebês e as alterações que passam a surgir conforme agem, outras estratégias são descobertas, e as crianças pequeninas vão ampliando o repertório de ações. Os bebês agem e percebem o resultado das suas atitudes, criando novas estratégias de ação e comunicação. Desse modo, o corpo, os gestos e movimentos, o olhar, o choro e os risos são integrados à constituição da linguagem e, mesmo anterior à fala, as crianças pequenas possuem um arcabouço de linguagens que gradualmente complexificam o pensamento e a linguagem, tornando-a também verbal.

A partir dos códigos sociais estabelecidos no contexto coletivo da educação infantil, de que os bebês participam, que se apropriam e reelaboram outras ações de conduta e constituem a linguagem, foi possível constatar os diálogos estabelecidos entre os e dos bebês. Na próxima análise, a seguir, tem-se a pretensão de apresentar esses diálogos como uma forma de partilha entre os bebês.

4.4 OS DIÁLOGOS ENTRE OS E DOS BEBÊS

De uma forma breve, pode-se dizer que, para a perspectiva filosófica de Bakhtin (1986), o diálogo é conceituado como a forma clássica da comunicação verbal. O diálogo forma uma espécie de fio condutor de reflexão, no qual, em cada enunciado e em cada réplica, torna-se possível compreender o diálogo real e concreto entre os sujeitos que se comunicam. Diálogo e enunciado estão interligados, e as réplicas manifestam a posição do locutor, formando uma corrente viva da comunicação.

Assim, compreender o diálogo a partir de outras ações para além da fala, ou, no caso dos bebês, como precedentes à aquisição da linguagem oral, dentre outras possibilidades a escolha recaiu sobre *os diálogos entre os bebês* como processo constituidor da linguagem. Esses diálogos, além de ocorrerem entre eles, também ocorrem deles com outros sujeitos da relação.

Para Bakhtin:

Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão. (BAKHTIN, 1986, p.137)

Corroborando com esses autores, Marchezan (2006) situa o diálogo como um “acontecimento entre os sujeitos”, em que, por meio dessa ação, se torna possível compreender a linguagem como um todo. O diálogo não é um fato isolado à constituição da linguagem. Esse processo está enredado por outros aspectos constitutivos da linguagem, como o enunciado, a constituição social, espacial, histórica e cultural dos sujeitos envolvidos, além do presumido de tal contexto em que está engendrado no diálogo.

Entretanto, pensar em diálogo remete, em um primeiro momento, à comunicação verbal, em que as vozes se alternam e o constituem, mas o diálogo como interdependente do enunciado possibilita compreendê-lo “[...] não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda a comunicação verbal, de qualquer tipo que seja” (BAKHTIN, 1986, p.55), e neste prisma de análise, a comunicação não se restringe à fala, ao contrário, se constitui por diferentes ações de linguagem.

A análise das ações dos bebês, realizada neste estudo, permitiu perceber que a primeira estratégia de comunicação entre os e dos bebês e que mais chama a atenção são as ações do olhar, que comunicam e dialogam com uma rede de situações postas, encorajando outras situações comunicativas entre eles.

Uma das primeiras observações realizadas indica uma atenção especial ao olhar dos bebês e sua decorrência para uma interação e comunicabilidade. O olhar se apresenta como importante para os bebês constituírem a linguagem, principalmente por ser um dos primeiros recursos comunicativos, já nos primeiros meses de vida (PINO, 2005).

O olhar que se imbrica nas relações sociais e consegue ver o que está culturalmente estabelecido é mais que uma simples função biológica a de captar estímulos, mas passa a ser fundamental no desenvolvimento do sujeito. A visão é considerada, segundo Pino (2005), uma função natural, presente em todos os seres que possuem um

sistema nervoso, mas o olhar é constituído pela percepção dos elementos culturais de dado contexto social, portanto torna-se imprescindível na formação da consciência. Para o autor:

[...] Nada, a não ser a experiência histórica do homem, poderia atestar no nascimento do bebê humano o papel que o “olhar”, não propriamente a visão, está destinado a desempenhar na sua história pessoal, como forma singular de expressão e comunicação.

[...] Tudo isso para dizer que *ver* e *perceber* são modos diferentes de funcionar de uma mesma função. *Ver* é função natural dos órgãos formados ao longo da evolução; *perceber* é função desenvolvida pelos homens, portanto *cultural*, concomitantemente à constituição nele da *consciência* do mundo, dos outros e de si mesmo. (PINO, 2005, p. 211)

Nesse contexto de pesquisa, a todo o momento, percebi o olhar dos bebês determinante na comunicação que estabelecem entre eles e com os adultos, pelo olhar percebiam como as relações se estabeleciam e descobriam novas formas de interagir uns com os outros e outras formas de explorar o espaço e os matérias lá postos. Esse mesmo aspecto também já foi revelado em outros estudos (GUIMARÃES, 2008; SCHMITT, 2008). No excerto a seguir é possível constatar esse processo:

O olhar dos bebês parece manifestar uma linguagem bastante expressiva. Em alguns momentos observei bebês entre pares, se olhando com reciprocidade, como se convidassem um ao outro a uma brincadeira, por meio do olhar. (**Diário de Campo**, 08-10-2010)

Para Guimarães (2009, p. 106), “Perceber o olhar dos bebês significa perceber onde estão situados, no movimento de desenvolver responsividade com eles.” Nesse sentido, o olhar dos bebês é mais que expressão, é um meio de estabelecer relação com o mundo, com os objetos, com os outros sujeitos e também buscar indícios de como a linguagem se constitui.

As expressões observadas em cada menina e menino participante desta pesquisa revelam a peculiar linguagem que os bebês possuem e que não desaparece na iminência da linguagem verbal, porém se complexifica. Com o surgimento da fala, as outras manifestações tornam-se complementares, mas não menos importantes, pois, na ausência da fala, esses enunciados são determinantes na interação do sujeito com o meio social do qual fazem parte.

Episódio VI: O olhar que revela

Cheguei se aproximava das 8h, percebi que não era a auxiliar de sala que estava com os bebês, havia outra profissional em seu lugar. Percebi já tê-la visto na creche em outra manhã. Fui até a porta, cumprimentei-a, mas preferi aguardar a professora entrar. Enquanto estou no corredor, no aguardo da professora, avistei Gabriela no centro da sala, que me olhou, pareceu me reconhecer, mas ao mesmo tempo fez ares de exclamação, surpresa, como se estivesse admirada de ver-me por ali (**Diário de Campo**, 18-10-2010).

Observei nesse episódio a riqueza da expressão dos bebês, sem nenhuma palavra e sem nenhum outro movimento, o olhar e a manifestação feita por Gabriela foi suficiente para eu compreender que ela estava surpresa em me ver. Normalmente eu chegava à creche, pedia licença e entrava na sala junto aos bebês. Nessa manhã fiquei do lado de fora aguardando a professora e Gabriela me avistou pela janela, penso que sua surpresa se deu por me ver do lado de fora, local no qual eu não costumava ser vista.

Houve outros momentos e episódios que apenas um olhar ou uma expressão facial dos bebês indicava o que queriam. De mesmo modo, entre eles também foi possível observar a capacidade nos bebês de identificar e interpretar as expressões uns dos outros. Na sequência das próximas análises que aqui serão expostas, o olhar entre os e dos bebês, os movimentos e outras manifestações deles serão apresentadas como forma de demonstrar que, mediante essas ações, os diálogos se estabelecem e a partilha de experiências se intensifica.

Todavia, já podemos apontar para a existência da linguagem entre os bebês que ainda não falam. Percebi uma comunicação muito mais pelo movimento, pela atitude de fazer e contatar uns com os outros do que pelas ações verbais. O choro tão comum entre os bebês perdeu

espaço e, embora ocorresse nos momentos de solicitar algo ou nos momentos de insatisfação e protesto contra alguma situação, tornou-se secundário diante da dimensão de outras manifestações dos pequeninos.

Os sinais da linguagem se manifestam pelas expressões, como poderia ser explicado pelos estudos de Bakhtin e Volochinov (1926) sobre o extraverbal, como elemento que se integra e constitui as ações. Para identificar a constituição da linguagem nos bebês é necessário entender a produção humana desde o início da vida como linguagem, como dimensões que esses pequeninos revelam em cada ação e em cada gesto, que vão além de meras solicitações. Os bebês exploram o mundo com intensidade, demonstrando o que e como se apropriam e fazem parte das relações sociais das quais participam, interagindo entre eles com reciprocidade.

Episódio VII: Um acordo por meio do olhar

Denise sacudiu um carrinho e começou a bater com ele em uma caixa plástica, fazendo um som. Olhou-me e sorriu, mantendo o olhar em mim e eu mantive o meu olhar nos olhos dela, sorri e ela também. Ricardo se interessou pelo movimento e correu até Denise, pegou o carrinho da mão dela e continuou a ação iniciada pela colega. Denise pareceu não se importar de o colega ter lhe tirado o carrinho, ficou sorrindo, observando. Os dois demonstravam uma relação bastante próxima e bem afetuosa. Nesse instante a professora comentou que iria pegar livros, os dois correram até à professora, abandonando tudo que estavam a fazer. (**Diário de Campo**, 25-10-2010)

Esse registro permite refletir sobre a diferença que existe na intervenção do adulto para com a criança e nas intervenções realizadas entre as próprias crianças. Em diversos momentos observei os bebês compartilhando situações entre eles, em que o olhar e as ações corporais respondiam e ou sugeriam a continuidade da situação pelo outro, sem que houvesse necessidade da condução do adulto.

As crianças encontram meios de ensinar umas as outras, e de aprender pela ação do outro na realização de suas próprias ações. Nesse sentido, o espaço e os elementos que são oferecidos no espaço coletivo de educação infantil passam a ser, simultaneamente, promotores de encontros e privacidades, de convite e de recusa. Os bebês se sentem

desafiados pelo espaço e pelos objetos e não hesitam em explorá-los, como ocorreu entre as duas crianças que se mencionou no excerto imediatamente anterior. A manipulação de Denise, com o carrinho batendo na caixa, despertou a atenção do colega, que pareceu sentir vontade de fazer o mesmo. Ao se olharem e sorrirem, manifestaram mais que uma simples comunicação, em que Denise permitiu que Ricardo se apossasse do carrinho que ela manipulava, parecia haver cumplicidade entre os dois, uma espécie de acordo entre eles.

Nessas interações, as crianças não restringem suas emoções ou sentimentos, simplesmente manifestam seu acordo ou desacordo e, em meio a essas expressões emotivas, os bebês também encontram formas de serem solidários e às vezes até cúmplices uns dos outros.

Esse episódio permitiu também refletir sobre o que indica Siebert (1998) sobre a opressão que o adulto impõe a si mesmo, reduzindo a diversidade da expressão humana apenas ao discurso e tolhendo, muitas vezes, outras possibilidades de ação. Para a autora:

A tentação de projetar na criança é incentivada e facilitada por uma espécie de confusão das linguagens: o adulto raciocina, pensa, fala, domina o mundo que o aprendeu a frear as suas emoções e sensações corporais dando às mesmas uma forma discursiva. A criança pequena, ao contrário, se contrapõe ao adulto como analfabeta, incapaz de palavras sensatas, cheia de uma invasiva e escandalosa corporeidade, com necessidades corporais raivosas e impelentes – de corpo inteiro –, se não é um objeto, muito menos um vegetal [...] (SIEBERT, 1998, p. 80).

As crianças se relacionam e interagem umas com as outras de uma forma em que corpo e mente se integram; cognição e emoção se difundem e os sentidos estão sensíveis para apreender e agir no mundo. Essa flexibilidade percebida entre os bebês é facilmente constatada ao se observar que Denise e Ricardo se desprendem rapidamente do que estão a fazer para experimentar outra situação, neste caso, explorar os livros que a professora disponibilizaria.

A análise das relações entre as crianças e principalmente entre pares, na perspectiva que elas mesmas revelam, indica que essa relação parece não estar marcada por uma hierarquia autoritária, em que uma é mais “forte” que a outra por deter maior saber, quando muito pode se dizer que existe uma hierarquia de saberes, conquistada pela experiência

mais elevada de uma dada criança para outra, mas o que realmente prevalece é a troca recíproca de saberes, em que as crianças estão dispostas a contribuir, a partilhar e a receber, a experimentar o novo, o inusitado, o diferente.

Contudo, não se pretende aqui hiperbolizar as ações dos bebês, já mencionado por Schmitt (2008), como se fossem capazes de se constituírem como sujeitos de linguagem e com plenas possibilidades de relações sociais, sem a presença de outras crianças maiores e dos adultos. O espaço social e culturalmente organizado e a educação infantil como um espaço pensado e planejado possibilitam encontros entre as crianças, propiciam escolhas e ampliam a comunicação entre eles.

Nesse sentido, Vygotsky (1996), ao tratar sobre *O problema da idade*⁴¹ e o primeiro ano de vida da criança, afirma que:

Podemos afirmar com plena segurança que o interesse positivo do menino pelo ser humano se deve ao que todas as suas necessidades são satisfeitas pelo adulto. O desejo ativo de se comunicar se manifesta no segundo semestre pelo fato de a criança buscar o olhar de outra pessoa, lhe sorri, balbucia, estende os braços e chora quando se afasta dele.⁴² (VYGOTSKY, 1996, p. 303) [Tradução minha]

Portanto, os bebês estabelecem relações a partir de uma vivência social e cultural e de forma atuante nesses contextos, tornam-se também constituidores das relações e produzem uma comunicação que vai ganhando formas e se diversificando, na medida em que interagem entre eles e com os outros sujeitos da relação.

As estratégias de comunicação utilizadas pelos bebês são constituídas pelas experiências que, cotidianamente, se produzem entre eles, deles com o espaço e com os outros adultos e crianças maiores. O desencadeamento das manifestações nos bebês, apontadas por Vygotsky (1996), se estabelece no território social e é inteiramente criativo, não se limitando ao ato de buscar o olhar do outro, o sorriso e ou o gesto como

⁴¹ El problema de La edad

⁴² Podemos afirmar con plena seguridad que el interés positivo del niño por el ser humano se debe a que todas sus necesidades son satisfechas por el adulto. El deseo activo de comunicarse se manifiesta en el segundo semestre por el hecho de que niño busca la mirada de otra persona, lo sonrío, balbucea, tiende hacia él los brazos, Le sujeta y llora cuando se aleja de él.

ato mecânico. A partir dessas manifestações nos bebês e da manifestação respondente do outro, a criança começa a perceber os sentidos trazidos em cada atitude dela e a cada resposta conferida pelo outro, potencializando a ampliação dos recursos comunicativos.

Proseguindo esta exposição, apresentam-se outros episódios em que o olhar dialoga e convida à ação, tanto no âmbito da observação como da interação de um modo mais direto entre os bebês.

Lucas engatinhou até embaixo da mesa e começou a explorar brinquedos. Logo dirigiu o olhar para Igor que estava lanchando, sentado no tapete próximo da mesa. Igor rapidamente percebeu e se arrastou para perto do colega. Lucas com brinquedos e Igor comendo a banana. Igor permaneceu com o lanche na mão, mas acompanhou o movimento de Lucas com o olhar e com o corpo. Lucas foi para baixo da mesa e olhou fixamente no olhar de Igor produzindo alguns balbucios. Igor fez o mesmo mantendo o olhar no olhar de Lucas. Lucas começou a tocar em alguns brinquedos e Igor permaneceu a observá-lo. Lucas continuou entre os brinquedos, o olhar no olhar de Igor e os balbucios, enquanto Igor permaneceu também balbuciando e olhando para o olhar de Lucas, ao mesmo tempo em que continuava comendo a banana. Por aproximadamente cinco minutos ficam se olhando (**Diário de campo**, 25/10/2010).

Episódio VIII: O olhar que convida e responde à ação



Imagens VII: Diálogos entre Igor e Lucas

Fonte: Acervo da pesquisadora – Out/2010

O que essencialmente esse episódio demonstra é a peculiaridade das escolhas dos bebês pelos espaços e pelos outros com quem preferem partilhar determinadas situações. Em diferentes momentos da permanência em campo, observei os dois próximos e em interação, assim como outros bebês que também pareciam ter mais determinadas afinidades com uns do que com outros. Essas escolhas são os bebês mesmos que realizam e, com suas peculiaridades, comunicam e expressam suas preferências.

Lucas se afastou do grupo que estava lanchando, escolheu um lugar mais reservado para brincar, já que existiam outros cestos com brinquedos espalhados pela sala. Nessa escolha pareceu estender um convite ao colega a quem demonstrava certa afinidade, Igor se aproximou-se e Lucas continuou onde estava, explorando os brinquedos do cesto, olhando nos olhos de Igor e verbalizando alguns balbucios. Igor fez o mesmo com Lucas, porém do lado de fora da mesa. Percebi um diálogo entre os dois, ausente de palavras, mas repleto de manifestações que traduziam, ao menos parecia, a compatibilidade dos dois meninos, ou uma partilha da experiência.

Constatei que Igor se interessava pela atitude de Lucas e não necessariamente pelos brinquedos que Lucas manipulava, pois permaneceu em contato com o colega por meio de olhares e balbucios e não demonstrou interesse em ter os brinquedos em mãos. Continuou segurando a banana e “conversando” com o colega. Era possível perceber que a afinidade entre os dois era recíproca, pois assim como Lucas buscou o olhar de Igor, Igor fez o mesmo e se dirigiu para próximo de Lucas.

Os modos como os bebês se relacionam e se comunicam ganham novas formas e se aprimoram de acordo com a composição e significação externa/social. A compreensão entre os dois meninos era interativa e responsiva. Havia um entendimento entre eles pelo olhar e pelos movimentos, um interesse comum pelos brinquedos que ali estavam dispostos e que já faziam parte do cotidiano deles.

A reação de Igor ao olhar de Lucas se redimensionava a partir do diálogo que se estabelecia. Os dois meninos permaneceram em comunicação pelos balbucios e pelo próprio olhar que era preponderante para manter a interação.

Com base em Bakhtin (2003), a compreensão entre os sujeitos é responsiva, sugere a linguagem como um acabamento, mas não um fim, pois acaba e espera uma reação ativa do outro. Como se viu entre Lucas e Igor, em que o olhar de um, convocou a resposta do outro.

Na sequência desse episódio, os dois meninos permaneceram interagindo, mas em movimento pela sala e envolvidos arrastando um cesto.



Imagens VIII: Igor e Lucas continuam brincando juntos
Fonte: Acervo da pesquisadora – Out/2010

Reafirma-se a afinidade entre os dois, assim como também são constatados outros grupos de pares que pareciam ter afinidades e fortes vínculos de afeto, permitindo se afirmar que as relações de pares se constituem por escolhas das próprias crianças e também são propulsores na constituição da linguagem.

As ações dos dois meninos demonstram que a partir da resposta do outro, o bebê encontra o significado de sua ação. Essa atitude de continuarem juntos pela sala, dialogando pelas ações, pelo olhar e balbucios, manifesta a compreensão dialógica estabelecida entre os dois. O olhar não significa apenas avistar, mas expressar que desejam estar juntos e fazer coisas em comum, como andar pela sala e arrastar o cesto de brinquedos.

Vincze (2004) aborda a ideia de cooperação entre os bebês, para se referir àquelas atividades realizadas em conjunto, mas de uma forma diferenciada da concepção de atingir um objetivo comum e premeditado. O interesse surge a partir de uma ação, em que o *outro* criança percebe a possibilidade de agir também. Contudo, mesmo concordando com a autora é importante se observar que existe certa afinidade entre os dois meninos, uma empatia compartilhada, em que um age e o outro responde sobre a ação anterior do primeiro. Existem ações constantes entre as crianças e ou individualmente.

Os bebês formam os grupos de pares e assumem posições nas atitudes que tomam diante do contexto que os cerca. E, se eventualmente as crianças estabelecem as relações entre elas sem fazer uma distinção pretenciosa a respeito de com quem desejam estar juntas,

no mínimo permanecem em contato uma com a outra enquanto sentem a possibilidade de interação e construção de uma ação que desperta interesse entre elas.

Pereira (2011), ao estudar a cultura de pares entre os bebês, observa as ações deles e percebe uma manifestação de diferentes linguagens na constituição desses grupos de pares, asseverando que:

[...] perceber o quanto essas diferentes linguagens caracterizam as relações entre as crianças, entre aquelas que já utilizam a fala para interagir, mas mais fortemente entre aquelas que ainda não desenvolveram a fala. Essas diferentes linguagens vão constituindo as relações entre as crianças, e também significando suas ações, concomitantemente, contribuindo para a construção de suas culturas, uma vez que podemos considerar estas ações de encontro e busca ao outro, processos de ação coletiva, o que constitui a comunidade cultural das crianças, e estrutura as culturas infantis. (PEREIRA, 2011, p. 125)

Os bebês vão tomando consciência da comunicação gradual que se estabelece pelas ações e a partir dos atos responsivos que os sujeitos presentes em um espaço socialmente organizado lhes conferem. No caso do espaço coletivo da educação infantil, onde os bebês permanecem a maior parte do dia entre pares e em interação com os acontecimentos do cotidiano, a consciência e a comunicação entre eles começam a ganhar sentido e não ocorrem de forma aleatória, mas compartilhada pela apropriação dos signos ideológicos, como pode ser observado em outros modos de agir dos bebês e nas maneiras como dialogam entre eles e com os adultos.

A pequena Flávia passou a ter maior interação com os outros bebês. Descontente no bebê-conforto se movimentou nele até conseguir sair e foi engatinhando pela sala e explorando os objetos que encontrou pelo chão, Ricardo, Gabriela e Fernanda se aproximaram dela e a tocaram no rosto, fizeram carinho, lhe deram beijos, puxaram seu cabelo, a apertaram, como se quisessem experimentar suas reações. Desse modo, Flávia se incomodou e buscou refúgio nos adultos, veio em

minha direção. Eu estava sentada no chão registrando suas ações, ela se aproximou e subiu em minhas pernas choramingando e me olhando, como se me pedisse colo e foi se acomodando entre as minhas pernas. Ricardo se aproximou e tentava tocar no rosto de Flávia, ela chorava, então sugeri que ele sentasse na minha outra perna, assim os dois ganhariam colo e trocariam carinhos. Ele concordou e, todo feliz, sentou-se. Os dois, por algum tempo, ficaram balbuciando, tocando-se, olhando-se e sorrindo um para o outro. Pareciam conversar sem palavras, mas pelos gestos e pelas interações. Depois de explorarem a câmera fotográfica e a filmadora que eu portava e ficarem algum tempo no meu colo, até que a professora oferecesse água às crianças. Ricardo rapidamente sai do meu colo e pegou a mamadeira onde Flávia beberia água. Flávia percebeu sua mamadeira nas mãos de Ricardo e reclamou, saindo do meu colo e engatinhando na direção dele. Ricardo auxiliou a colega a beber água e os dois permaneceram em interação por mais um tempo. (**Diário de Campo**, 08-11-2010)

Episódio IX: Diálogos sem palavras





Imagens IX: Flávia e Ricardo em interação
Fonte: Acervo da pesquisadora – Nov/2010

Observa-se nesse excerto que a linguagem nos bebês é fundamentalmente permeada por uma diversidade de ações que se constituem na interação entre eles. Houve um diálogo entre os dois bebês, por meio do “dialogismo interacional” com o outro (BARROS, 2005, p.29). Ou seja, a interação ocorreu entre os dois bebês, localizados em um dado contexto social, comum a ambos. Assim, por meio dessa interação, a subjetividade individual de cada um se constituiu e se

manifestou por suas ações. Cada bebê desse episódio buscou outras formas de se relacionar e se expandir, significando e ressignificando suas experiências. É um diálogo sem palavras, mas permeado de significados através dos gestos, movimentos, nas expressões diversas que ganham sentido pela significação que o outro/bebê lhe confere.

Nesse episódio, observamos a atenção que Ricardo despendeu às ações de Flávia, desde o momento em que a menina se sentia desconfortável, engatinhando pelo chão, até o tempo em que desejava a minha atenção ou ao menos dividir um colo com a colega, demonstrando habilidade em interagir com a ela, de modo que a confortasse. Ricardo demonstrou compreender que fazer carinho em Flávia e auxiliá-la a beber água, seria um gesto aceito tanto pela menina quanto pelos adultos e crianças que fazem parte daquele contexto.

Nessa perspectiva, percebe-se que a criança pequenina é um agente ativo nos contextos onde participa e não um mero reprodutor das ações dos adultos, ainda que Ricardo tenha observado ações semelhantes à sua por parte dos adultos com os bebês. Mas houve precisamente uma elaboração cognoscente entre os dois bebês, a Ricardo que tomou atitudes em relação à Flávia e a Flávia que aceitou e reagiu às ações do colega.

Nesse caso, ao retornar aos registros e observar com “lentes de aumento”, constatei outras variações e percebi uma complexa elaboração por parte de Ricardo para conciliar a minha atenção e o colo, no momento em que acalentava a colega que estava um pouco assustada. Ser carinhoso com ela, supostamente me agradaria, já que eu a acolhera quando se aproximara de mim.

Essas interações recorrentes entre os bebês, por mais que pareçam ser repetitivas, sempre apresentam um novo sentido e possibilitam novas descobertas, para os bebês que agem e para nós adultos que os observamos. Mesmo sem a linguagem verbal, houve diálogo entre os dois, que foi se constituindo na medida em que cada ação era realizada. Houve também a intervenção do adulto (nesse caso eu), ao sugerir que os dois sentassem no meu colo, mas, de acordo com o que esses bebês vivenciam no contexto coletivo da educação infantil e, a partir do que já conseguem identificar como aceito ou não, nesse espaço socializador, as interações entre eles tomaram formas.

Assim, por todas essas experiências, os bebês descobrem a cada nova ação, possibilidades de ampliar as estratégias de comunicação e, com isto, a linguagem se constitui. Para Pepa Òdena (2004), a linguagem e o pensamento são aspectos que se desenvolvem pela participação ativa da criança, em que o corpo, os sentidos e os

movimentos são determinantes para o desenvolvimento global de cada menino e menina. Desse modo, a autora assinala:

[...] entendido como comunicação no seu sentido mais amplo, é dizer, tudo aquilo que nos primeiros momentos da vida permite estabelecer contato: sons, gestos, olhares, atitudes, sorrisos, posturas... e naturalmente, a palavra, desde suas primeiras manifestações até o momento em que se converte no instrumento de expressão e comunicação. O pensamento [...] se estrutura com a ajuda dos sentidos e a comunicação da linguagem. Se fundamenta na possibilidade de estabelecer relações entre as coisas, as formas e as situações. Inclusive na capacidade de atenção, de memória, de imaginação, de observação, de comparação, de lógica, etc.⁴³ (ÓDENA, 1995, p.13-14) [Tradução minha]

Devo concordar com as reflexões da autora, pois, como venho afirmando, já havia, desde o início deste estudo, um entendimento de que a linguagem que ora observaríamos entre os bebês não seria constituída por palavras, mas por outras ações extralinguísticas, em que os bebês, ao perceberem na relação social as possibilidades de atuar, revelariam alguns enunciados.

Foi o que se observou no caso entre Ricardo e Flávia, em que ele percebeu a aceitação de suas atitudes, conferida na reação e nas expressões de Flávia. A apropriação desses modos de comunicação é resultado da interação social e do dialogismo presentes nas interações entre interlocutores. Barros (2005), fundamentada nos estudos da linguagem de Bakhtin, afirma que: “A alteridade define o ser humano, pois o outro é imprescindível para sua concepção: é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro” (2005, p. 28). Nesse

⁴³ [...] entendido como comunicación en su sentido más amplio, es decir, todo aquello que en los primeros momentos de la vida permite establecer contacto: sonidos, gestos, miradas, actitudes, sonrisas, posturas... y naturalmente, la palabra, desde sus primeras manifestaciones hasta el momento en que se convierte en instrumento de expresión y comunicación. El pensamiento [...] se estructura con la ayuda de los sentidos y comunicación del lenguaje. Se fundamenta en la posibilidad de establecer relaciones entre las cosas, las formas y las situaciones. Incluye la capacidad de atención, de memoria, de imaginación, de observación, de comparación, de lógica, etc.

sentido, as ações entre os bebês não são simples atos físicos, pois estão carregadas de sentidos ideológicos presentes na realidade social da qual participam. São sentidos, às vezes implícitos na relação social dos sujeitos.

Para Brait e Melo (2008, p. 67):

[...] o enunciado e as particularidades de sua enunciação configuram, necessariamente, o processo interativo, ou seja, o verbal e o não verbal que integram a situação e, ao mesmo tempo, fazem parte de um contexto maior histórico, tanto no que diz respeito a aspectos (enunciados, discursos, sujeitos etc.) que antecedem esse enunciado específico quanto ao que ele projeta adiante [...].

O processo interativo entre o verbal e o extraverbal, integrantes da situação social dos sujeitos, confere sentidos aos signos, localizando toda e qualquer ação de linguagem em uma relação social, onde se situa uma comunidade que compactua e compreende essa relação.

Por essa concepção, o enunciado se torna fundamental na constituição da linguagem por ser concebida a partir do aspecto social, histórico e cultural inerente às relações cotidianas. A enunciação situa-se na zona fronteira entre a corrente viva da vida e o discurso verbal, é uma espécie de energia que constitui o enunciado pela interação social presente entre os participantes de uma dada situação (BAKHTIN e VOLONCHNOV, 1926).

Nesse sentido, Marchezan (2006, p. 120) também corrobora:

A significação do diálogo depende diretamente da situação, que, assim, pode-se dizer, também o constitui. Essa íntima dependência expõe claramente a natureza social do diálogo cotidiano, e se mostra exemplar para o entendimento da linguagem como um todo.

Em analogia aos estudos desenvolvidos por esses autores, o último episódio aqui descrito revela a veracidade que os bebês, mesmo antes da fala se comunicam, se apropriam e compactuam com situações vivenciadas no cotidiano e, dessa forma, se tornam interativos na constituição da linguagem, deles próprios e do outro bebê. De acordo com Jobim e Souza (1994):

[...] a criança deixa de ser um objeto a ser conhecido, reconquistando seu lugar de sujeito e autora no mundo em que se encontra estabelecida. Sendo sujeito, a criança não pode permanecer sem voz, e é no diálogo com o outro que ela mostra a indissociabilidade entre a forma e o conteúdo da sua existência ativa no mundo. (JOBIM e SOUZA, 1994, p.24)

Nessa perspectiva, entende-se que o diálogo permeará as relações entre as crianças pequeninas, porém ele pode ser mais ou menos promovido, conforme são pensados e organizados os espaços de educação infantil, propiciando encontros entre pares e coetâneos. A linguagem é, acima de tudo, a forma de a criança se inserir no mundo e constituir as representações sociais e simbólicas da realidade.

Relato agora outro episódio, apresentando que, por meio de ações diversas e movimentos entre os bebês, o diálogo também se configura.

Os bebês estavam sendo conduzidos até o parque quando cheguei à creche, era uma tarde quente. Ajudei a professora a levar a Flávia e ela levou a Luiza, as duas ainda não caminhavam. Já os outros bebês foram caminhando com a auxiliar de ensino que acompanhava o grupo. Apenas Lia e Igor foram caminhando auxiliados por ela, as outras crianças já estavam caminhando com desenvoltura. Os bebês se espalharam pelo parque e, principalmente, pela areia, onde brinquedos foram derramados por eles mesmos. Mas Luiza e Flávia não aceitaram ser postas no chão. Luiza permaneceu no colo da professora que sentou no chão, próxima às demais crianças, e Flávia, que eu havia posto no chão, logo choramingou e estendeu as mãos que prontamente foi acolhida pela professora. A professora, sempre muito atenciosa com os bebês, disse: “daqui a pouco vocês ficam bem, calma a profe fica com vocês”. Nesse mesmo instante se dirigiu a mim e disse: “elas sempre fazem isso, mas daqui a pouco estarão bem, né, minhas lindas!”, se referindo às duas crianças. As meninas observavam a tudo com muita atenção e, passado alguns minutos em que estavam sendo afagadas pela professora,

começaram a se soltar e saíram do colo iniciando a exploração do espaço e experimentando as mãos na areia. Observo a importância de as profissionais respeitarem o tempo das crianças e, acima de tudo, de transferirem segurança, pois, tão logo Flávia e Luiza sentiram-se seguras e perceberam algumas possibilidades de interação, se soltaram e permaneceram por longos períodos brincando (**Diário de campo**, 19-10-2010)

Episódio X: Uma tarde no parque: cada bebê no seu tempo



Imagens X: Flávia e Luiza no colo da professora

Fonte: Acervo da pesquisadora – Out/2010

Trouxe esse excerto como forma de ampliar a reflexão sobre a importância do papel docente na educação infantil. A atenção e o cuidado, como meio de assegurar o direito à criança de sentir-se autônoma e com condições de manifestar suas potencialidades, permeiam constantemente às ações pedagógicas.

A preocupação da professora em acompanhar as duas meninas até que se sentissem mais seguras foi fundamental para que, em seguida, se desprendessem do colo e comesçassem a explorar o espaço do parque. Inicialmente, Flávia e Luiza ficaram próximas uma da outra e, relativamente, próximas à professora, mas, no decorrer do período em que o grupo ficou no parque, assumiram outras posições e percorreram por outros espaços, deslocando-se constantemente e, mesmo na ausência (presença/distanciada) da professora, permaneceram bem.

Para Falk (2004), a tranquilidade da criança pequena no espaço coletivo de educação infantil “[...] depende, em grande medida, da

alegria, da intimidade e do sentimento de segurança que a criança experimenta em relação ao adulto - sentimento este que é construído enquanto o adulto se ocupa dela.” (FALK, 2004, p. 21)

Pode-se, assim, perceber que é necessário um espaço acolhedor de profissionais sensíveis que despendam atenção aos bebês. Essa atenção se refere a um cuidado ampliado, ligado ao modo de acalantar e transmitir segurança aos pequeninos. Nesse sentido, é possível observar que a sensibilidade da professora com as duas meninas, presente também em outros momentos e com outras crianças, conforme constatei na permanência em campo, possibilita aos bebês o desenvolvimento integral de suas potencialidades. Desse modo, concomitantemente, os bebês estabelecem relações permeadas por vínculos afetivos com o outro bebê e o outro adulto e, na medida em que se sentem acolhidos, a busca pelo outro manifesta outras possibilidades de linguagem, antes apresentada apenas pelo choro.

Diante do que foi exposto, percebe-se que a interação de Flávia e Luiza foi ampliada. As meninas se desprenderam da professora e passaram a interagir com outros e com os elementos da natureza que estavam disponíveis no parque. A areia, as pedrinhas e as folhas secas se tornaram importantes objetos de manipulação, em que o corpo foi interativo, e nesse processo e por essas nuances a linguagem se constitui.

Retomo, a seguir, o diálogo dos bebês por meio das ações que realizam no grupo de pares.

As crianças continuavam brincando livremente pelo chão do parque, mas, como já vinha observando em outros momentos, Gabriela e Ricardo se interessavam constantemente pelas ações um do outro. Eles se olhavam e pareciam dizer o que pretendiam fazer, com olhares e sorrisos de cumplicidade, se comunicavam e seguiam brincando. Os dois se aproximaram da tela de cordas do escorregador e começaram a subir. A professora logo observou a ação das crianças e ficou em pé atrás delas, sem tocá-las, mas visivelmente posta em caso de ser necessário socorrê-las. As duas muito contentes balbuciavam, riam e exibiam suas potencialidades. Sem demora, essa ação começou a ser observada pelos outros bebês, despertando forte interesse neles pela situação. A ação de

Ricardo e Gabriela desencadeou uma grande interação entre as crianças e a parte de cima do escorregador passou a ser o espaço da brincadeira. Lucas, Tiago e Antônio permaneceram por mais de quarenta minutos nesse movimento de subir e descer do escorregador, sob a atenção da professora do grupo. (**Diário de campo**, 19/10/2010)

Episódio XI: O diálogo pelas ações dos bebês: um convite ao desafio





Imagens XI: A descoberta do escorregador pelos bebês
Fonte: Acervo da pesquisadora – Out/2010

Pensar nessas ações como diálogo é uma tarefa bastante difícil, pois essas situações são recorrentes em contextos coletivos de educação infantil, entre as crianças. No entanto, quando se está com o olhar voltado a perceber determinadas ações e orientada teoricamente a compreender que uma simples ação pode revelar uma elaboração bem mais complexa, a partir das relações que as crianças estabelecem, depara-se com a dificuldade de traduzir os sentidos e as entrelinhas dos olhares, gestos e movimentos, propositivos na constituição da linguagem.

Já foi visto, anteriormente, o diálogo como a forma clássica da comunicação verbal e já se tem clareza que os sujeitos desta pesquisa são os bebês, e que esses sujeitos ainda não falam. Por outro lado, se vem sinalizado que as estratégias de comunicação entre os bebês são diversificadas e que eles se utilizam dos elementos extralinguísticos para interagirem entre si, por vezes compreendendo pela ação do outro o significado das suas próprias ações.

Schmitt (2008), ao abordar os diálogos entre os bebês na creche, sinaliza para esse diálogo como uma forma de contato com o outro e ou como a busca pelo outro, a partir do movimento, olhares, sorrisos.

Concordando com a autora e percebendo essa iniciativa de contato social entre os bebês, amplia-se essa discussão ao se pensar na constituição da linguagem.

Esses procedimentos adotados pelos bebês, em que buscam ao outro e agem com o outro, descobrindo, sentindo, tocando, cuidando do outro e experienciando novas situações constituem as relações sociais. Entretanto, por meio da interação entre eles e deles com outros/adultos e crianças maiores, cada bebê na sua individualidade se apropria das formas de comunicação e se constitui como sujeitos de plena linguagem.

A linguagem, como define Bakhtin (2003), é constituída nas relações sociais e, por mais que haja regularidades biológicas e estruturas psíquicas, não se pode esquecer, o sujeito se humaniza no contexto social. Nesse sentido, os encontros entre os bebês, marcados por um diálogo sem palavras, mas expresso por outras formas, contribuem significativamente para a elaboração subjetiva e criadora na criança.

É nessa subjetividade criadora que o bebê passa a ser ativo na relação e no contexto do qual faz parte. As apropriações que os bebês realizam ao dialogar um com os outros vêm carregadas de elementos sociais, que estão do lado de fora, mas penetram diretamente na elaboração que cada bebê realiza individualmente. O desafio a que eles mesmos se propuseram, de subir no escorregador e brincar no alto, não foi mencionado verbalmente, partiu do contato entre duas crianças. Assim, pela observação despendida de alguns outros bebês e pela contagiante alegria de Ricardo e Gabriela, os bebês se sentiram convidados a realizar a mesma brincadeira.

Fico com a ideia de que a liberdade zelada que as profissionais garantem aos bebês nesse espaço propicia, além de que os encontros entre eles aconteçam com mais frequência e intensidade, também conquista da autonomia. Assim, percebo que liberdade, segurança e autonomia são aspectos fundamentais na constituição da linguagem nos bebês.

Quando estava registrando este episódio, por vezes me assustava em perceber a destreza das crianças em subir, descer e correr em volta e em cima do escorregador, mesmo sob o olhar e a prontidão das profissionais. Mas, em contrapartida, ficava pensando nas descobertas e nas vivências que experienciavam, mediante tamanho desafio. Foram mais de quarenta minutos de intensos diálogos entre os bebês, por meio de movimentos, das risadas, dos acenos e gestos que faziam uns aos outros de cima do escorregador para os que estavam embaixo. O desafio das profissionais era manter o cuidado e ao mesmo tempo confiar no

potencial dos bebês de se lançarem ao novo. Eles ousam de qualquer modo e quando não são autorizados a realizar alguma ação, encontram meios de burlar o proposto e assumem outras formas de fazer e satisfazer seus desejos. Observou-se, ainda, a riqueza comunicativa que os bebês ampliam a cada experiência e que, conforme as condições que encontram, buscam alternativas para dialogar entre si.

Nesses pequenos fragmentos está presente toda uma dimensão social, experienciada pelos bebês nas interações que, ao longo de meses, eles vêm desenvolvendo nesse contexto. Na perspectiva de Bakhtin, segundo Marchezan (2006) afirma que:

Diálogo e enunciado são assim interdependentes. O enunciado de um sujeito apresenta-se de maneira acabada permitindo/provocando, como resposta, o enunciado do outro; a réplica, no entanto, é apenas relativamente acabada parte que é de uma temporalidade mais extensa, de um diálogo social mais amplo e dinâmico.” (MARCHEZAN, 2006, p.117)

A iniciativa de Ricardo e Gabriela promoveu um grande encontro com os outros bebês, em um espaço pouco utilizado por eles, em cima do escorregador. Esse diálogo sem palavras, mas repleto de enunciados que se constitui na interação entre esses interlocutores (os bebês) passa a ser um fio condutor na comunicação entre eles. A enunciação é de caráter constitutivamente social e histórico, vinculando-se a enunciações anteriores e posteriores, movimentando os discursos em uma corrente viva de comunicação.

Angela Coutinho (2010), em seus estudos recentes sobre a ação social dos bebês em contexto coletivo de educação infantil, realizado em Portugal, interpreta o olhar como fundamental nas relações e ações que os bebês realizam. Nas suas palavras:

O olhar permite a captação dos acontecimentos e ao mesmo tempo permite a comunicação dos sentimentos, dos combinados, das ações recíprocas. Nessa perspectiva, o olhar é em si uma ação, que permite a partilha e a significação do que é comunicado. A tarefa da ‘tradução’ das ações das crianças bem pequenas coloca, para quem se propõe desenvolvê-la, a condição de aprendiz dessa polifonia própria da comunicação

entre as crianças, que, se para alguns pode remeter a incompletude e falta, para outros revela-se, na verdade, como complexa trama relacional. (COUTINHO, 2010, p. 184)

O olhar é tão atuante na comunicação do ser humano tanto quanto outras ações, como do corpo, dos movimentos e da própria fala, porém essas ações não são únicas e não desaparecem na medida em que o sujeito elabora e amplia o desenvolvimento (Vygotsky, 1996). Essas ações são integrantes ao processo de constituição da linguagem e, diferentemente dos adultos, as crianças antes da apropriação da fala utilizam com muita intensidade os outros recursos que possuem, principalmente as possibilidades de expressar pelo corpo, sendo que os contextos coletivos de educação infantil são propícios a essas observação.

Por esse ponto de vista, os espaços de educação infantil podem ser considerados como um contexto social diversificado e ampliado para os estudos da infância. E, observar e conviver com as crianças nesse contexto é uma grande possibilidade de conhecê-las melhor e perceber como se relacionam, como interagem entre elas e com os outros sujeitos, e como constituem a linguagem.

Isso demonstra a importância de adentrarmos aos espaços coletivos de educação infantil e conhecer melhor como as crianças estabelecem relações entre elas. No campo das relações sociais é que a linguagem se constitui e por isso é fundamental apreender nas entrelinhas do que as ações desses bebês representam.

Esse momento de reflexão, de mais dúvidas do que certezas, me remete a pensar nas reflexões da Sociologia da Infância, uma área ainda recente de estudo que vem chamando à atenção aos Direitos da Criança na sua plenitude.

A socialização das crianças entre si (pares) é uma invenção moderna, e isso nos remete à essa área de conhecimento, por esta procurar ver a criança como agente, que participa diretamente do meio social. As crianças desenvolvem rituais próprios, regras de jogo, proibições. Universos de justiça que já se constituem na Infância, criam regras entre elas. Culturas da infância que não eram percebidas pelos adultos, passam a ser foco de observação nesta área.

Entre as crianças, entre os pares, há uma transgressão de regras, de modos estabelecidos que constantemente são reinterpretadas por elas. O imaginário infantil que recria e é incontestável ao universo infantil, promove também a produção de culturas.

Dialogar com diferentes áreas do conhecimento na pesquisa com crianças pequenas, passa a ser uma necessidade e ao mesmo tempo uma possibilidade profícua de aprofundarmos o conhecimento acerca da constituição da linguagem entre os bebês. Assumindo a perspectiva filosófica da linguagem de Mikhail Bakhtin, os estudos da Sociologia da Infância numa perspectiva crítica, sem desconsiderar a Psicologia Histórico-cultural de Vygotsky, como vimos citando, nos aproximamos dos modos de vida desses sujeitos. Pensando nas transgressões de regras que as próprias crianças manifestam e instituem entre elas, observamos no decorrer deste estudo, o quanto o espaço e os objetos que o circunscrevem são utilizados e transformados simbolicamente pelos bebês.

Ricardo brincava sozinho ao redor da prateleira, balbuciava, passava as mãos na espessura lisa, tocava os brinquedos, andava ao redor da prateleira e se abaixava como se verificando as possibilidades de melhor explorá-la. Em seguida resolveu subir e deitar-se nela. Denise que se aproximava, observando-o atentamente, fixou o olhar no dele, os dois sorriram e ela, muito à vontade, subiu também, mas, ao não conseguir se acomodar pronunciou alguns sons e Ricardo correspondeu fazendo o mesmo. Os dois saem da prateleira e correm às gargalhadas pela sala. (**Diário de campo**, 25/10/2010)

Episódio XII: Descobrimo outras possibilidades





Imagens XII: Denise e Ricardo explorando a prateleira
Fonte: Acervo da pesquisadora – Out/2010

O olhar entre os bebês parece marcar relevantemente suas ações, seus convites, acordos e suas contrariedades. Pode-se perceber que Denise já observava as ações dos demais e, talvez, tentar subir e se acomodar na prateleira fosse inevitável. Algo diferente, inusitado, mais para nós, do que para os próprios bebês. Mas, ao aproximar-se de Ricardo, Maria busca em seu olhar o aval, a autorização para subir também. Sem sucesso, pronuncia alguns sons, estampando um sorriso no rosto, Ricardo parece compreender o que ela propõe e saem os dois correndo e rindo pela sala.

Os bebês conhecem mais de si do que podemos supor. A interação entre eles pelo contato físico, o sorriso e o olhar revelam relações recíprocas de partilha das experimentações, assim como Denise desejou experimentar as sensações de Ricardo, ele também se dispôs a experimentar a ação de Denise ao saírem correndo pela sala. Para Kohan (2007, p.86): “A infância não é apenas uma questão cronológica: ela é uma condição da experiência”, assim, mesmo entre as crianças de pouca idade, o repertório vivencial ao qual elas têm acesso e do qual participam ativamente, será também um marco em suas infâncias.

Nesse sentido, Ricardo e Denise descobriam possibilidades de interação e uma comunicação partilhada pelos sentidos da ação. Novamente esse diálogo ocorre sem a pronúncia de palavras, mas entretido por atitudes que convidam e respondem a novas ações. Em alguns momentos percebe-se, também, que os bebês apreendem nesses encontros com quem mais se identificam, quem os compreende melhor, quando suas atitudes são aceitas, do mesmo modo que encontram meios de dizer o que não desejam e o que os incomoda.

Com base nessa observação, noto que as crianças pequeninas recorrem aos elementos constitutivos da linguagem o tempo inteiro. No caso desse episódio, que os dois bebês já possuíam mais autonomia e se

movimentavam livremente pela sala, sem a intervenção de outras crianças e ou adultos, estabelecem na interação entre eles, formas de se compreenderem e se acordarem.

A linguagem se constitui na interação verbal e social entre dois sujeitos, no mínimo, mas, entre os bebês, percebe-se que a linguagem se manifesta por diferentes expressões. Os pequeninos, nesse processo de humanização, constituem também a linguagem, expõem a imaginação e a sensibilidade, dando novas formas ao conhecimento que está em processo. São situações emergentes da relação social, que ganham forma e sentido no contexto social. Assim como afirmou Kohan (2007), é pelas condições de existência que a vivência se torna experiência. Quanto mais cedo as crianças começam a ter contato com a materialização da natureza transformada pelo homem, mais cedo elas se apropriam dos significados simbólicos e sociais dos objetos. Ricardo e Denise tinham conhecimento que na prateleira se guardavam os brinquedos; em outros momentos, até ajudaram a professora a guardá-los lá, mas a possibilidade de experimentar e descobrir outro sentido para aquele objeto prevaleceu à função social do mesmo.

Portanto, mesmo que nessas ações dos bebês, não se possa identificar nitidamente a linguagem, percebe-se, ao menos, que as interações entre eles propulsionam a constituição dos sentidos. Em cada ação, em cada gesto que os bebês manifestam, o que perdura é a intensidade do que estão vivenciando e, é essa intensidade que garante a apropriação dos sentidos e possibilita alterar as ações do cotidiano. Mesmo quando fica-se com a ideia de que os bebês estão distraídos com algum objeto ou desatentos a alguma situação, às vezes, somos surpreendidos pela capacidade perceptiva dele. Veja-se isso no excerto a seguir:

A rotina no contexto da creche era bastante volumosa para as profissionais que atuavam com os bebês. Nesse momento, após o sono, no início da tarde, havia criança dormindo e outras acordadas, algumas sendo alimentadas, outras sendo trocadas e as outras brincando pela sala. Denise emitia sons com a boca e passava o carrinho no banco, Lucas tentou pegar o carrinho, mas sem sucesso e sem atritos, se voltou para o centro da sala e observou ao seu redor, parecendo analisar a situação, Luiz, encostado no berço, ouviu alguém chamá-lo pela porta e dirigiu o olhar até ela. Era a cozinheira, que estava

cumprimentando os bebês. Gabriela que estava no outro canto da sala, ao ouvir a voz da senhora se deslocou com um travesseiro na mão próximo ao ouvido esquerdo, sorrindo e cantarolando, “aeaaae”, enquanto Flávia se distraía com os brinquedos que estavam no chão, levando um objeto até o ouvido e fazendo alguns balbucios, parecia telefonar (**Diário de campo**, 25-10-2010).

Episódio XIII: Quando o coletivo é também individual



Imagens XIII: Os bebês brincando no tapete

Fonte: Acervo da pesquisadora

As ações entre os bebês além de múltiplas são constantes. Nessa única cena que envolve cinco bebês, cada um realiza uma ação diferente, mas, ao mesmo tempo, socializando entre eles o espaço, os objetos e se contatando com as pessoas, por meio de suas idiossincrasias. Mesmo quando se observa o episódio e parece que Flávia, Lucas e Denise não percebem a presença do adulto que está na porta, eles estão envolvidos com outras ações, mas atentos ao que os cerca, tanto que a merendeira comenta a respeito da desenvoltura de Flávia, ela imediatamente levanta a cabeça e dirige o olhar para a senhora que está na porta.

Percebe-se também, nesse processo de análise, que as crianças acompanham as ações dos adultos e dos seus pares não só pelo olhar, mas também pelo ouvido, pelo tato, o ato de tocar, de convidar para algo tocando umas nas outras e, mesmo estando de costas, se o que ouvem os atrai, se voltam e se dirigem ao que está acontecendo. São os sentidos, todos aguçados e prontos para apreender as significações do mundo

concreto, ressignificar e elaborar ações e representações para o universo real e simbólico que partilham. Parece que as crianças pequeninas têm os sentidos apurados para ver o invisível e sensibilidade para manifestar as múltiplas linguagens. Nessa perspectiva de observação e análise, seguir-se-á a produção de textos dos bebês.

4.5 OS BEBÊS COMO PRODUTORES DE TEXTOS

Esta seção pretende abordar as ações de comunicação dos bebês como produção de textos. Nesse sentido, o texto é compreendido como linguagem e, como já mencionado anteriormente, como “ponto de partida” para estudar as relações humanas. Com a pretensão de conhecer os bebês com mais profundidade e compreender como a linguagem se constitui entre eles no espaço coletivo da creche, tornou-se necessário investigar que textos eles produzem nas relações sociais que estabelecem.

Para estudar o humano é necessário estudá-lo dentro do texto, considerando o contexto social e histórico do/s sujeito/s da pesquisa, como aponta Bakhtin (2003): “A atitude humana é um ato em potencial e pode ser compreendida (como atitude humana e não ação física) unicamente no contexto dialógico da própria época (como réplica, como posição semântica, como sistema de motivos)” (BAKHTIN, 2003, p.312).

Os bebês como sujeitos de discurso estabelecem uma alternância entre locutor (o bebê) e interlocutor (outros bebês - crianças maiores - adultos), formando textos a partir dos diálogos que estabelecem. É importante ressaltar que as análises que compõem as seções das categorias não são fechadas e poderiam ser assumidas outras análises de um mesmo episódio. Anteriormente desenvolveu-se a ideia de diálogos entre os bebês e, agora, ao tratar dos textos produzidos por eles, depara-se, necessariamente, com a existência de diálogos no interior de cada texto.

Barros (2005) ao explicar o conceito de texto como objeto das ciências humanas, na perspectiva bakhtiniana, propõe uma breve síntese dos principais aspectos que devem ser tomados como base na definição do *texto*, quais sejam:

- a) objeto significativo ou de significação, isto é, o texto significa;
- b) produto da criação ideológica ou de uma enunciação, com tudo o que está aí subentendido: contexto histórico, social, cultural etc. (em outras palavras, o texto não existe fora da sociedade, só existe nela e para ela e não pode ser reduzido à sua materialidade linguística [empirismo objetivo] ou desenvolvido nos estados psíquicos daqueles que o produzem ou o interpretam [empirismo subjetivo]);
- c) dialógico: já como consequência das duas características anteriores o texto é, para o autor, constitutivamente dialógico; define-se pelo diálogo entre os interlocutores e pelo diálogo com os outros textos;
- d) único, não-reproduzível: os traços mencionados fazem do texto um objeto único, não-reiterável ou repetível. (BARROS, 2005, p. 26-27)

Todo texto se constitui por diálogos, seja entre interlocutores ou entre discursos e somente pode se instituir em um espaço socialmente organizado, em que os sujeitos da relação fazem apropriações dos modos de comunicação e podem assumir significados e funções sociais e simbólicas da linguagem. E, tratando-se de crianças pequeninas/bebês, iniciando suas experiências sociais no mundo, torna-se importante compreender as diferentes formas e diferentes estratégias a que elas recorrem e as situações que ressignificam para experienciar e manifestar sua apropriação em determinado contexto.

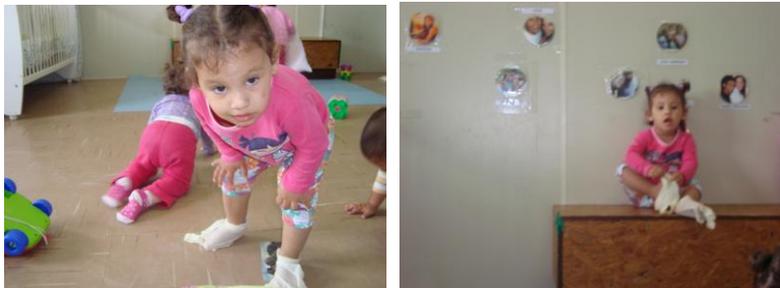
No episódio a seguir, poderá se observar a criatividade das crianças ao interagirem com determinados objetos, reinventando o uso destes e trazendo sentidos simbólicos que se dimensionam nos textos que produzem a partir das ações.

As crianças haviam acabado de jantar, estavam livres pela sala, enquanto a professora realizava as trocas de fralda em algumas crianças. Gabriela se aproximou do trocador e a professora conversou com ela dizendo que estava trocando a amiga, ela

gesticulou com as mãos e fez alguns balbucios. A professora perguntou a ela “Queres uma luva para trocar o bebê? Vai lá, troca a boneca, vai...” retirando um par de luvas descartáveis da caixa, entregando-lhe. Gabriela, prontamente, tomou o par de luvas na mão e saiu pela sala. Sentou no chão e, para a surpresa de todos, vestiu as luvas nos pés e saiu engatinhando por todos os lados. Levantou, sorriu, fez até pose para a foto, e por mais de vinte minutos ela ficou envolvida com o objeto, tirando e colocando nos pés, caminhando, tocando, engatinhando e olhando para trás, observando seus próprios pés. (DIÁRIO DE CAMPO, 13-10-2010)

Episódio XIV: A resignificação dos objetos pela ação dos bebês





Imagens XIV: Gabriela com as luvas
Fonte: Acervo da pesquisadora – Out/2010

Essa sequência de imagens revela a intensidade das ações das crianças, como a que se viu da pequena Gabriela tomando o par de luvas e oferecendo outro sentido a ele. Em conversa com a professora sobre essa cena, ela relatou que em outros momentos a pequena já havia solicitado luvas e brincava com uma boneca como se estivesse realizando a troca de fraldas.

No entanto, Gabriela, sem aparentemente se preocupar com a função social do objeto, criou outra possibilidade de explorá-lo e sugestionou o uso das luvas a um par de meias ou a um par de calçados, além de apresentar autonomia e satisfação em vestir e desvestir seus pés com as luvas. E assim, os bebês, por meio de suas ações, vão rompendo as institucionalizações adultocêntricas de linguagem, promovendo possibilidades de interações e manifestando um potencial criativo de comunicabilidade.

Com base nessas reflexões, me remeto à JOBIM e Souza (1994) quando assumem o conceito de subjetividade como processo de singularidade na constituição humana; e, impulsionada pelo desejo à vida, a partir da análise de Guattari (1986), afirma que:

[...] Trata-se de fazer emergir modos de relação com o outro, modos de produção e modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular que coincida com um desejo, com um gosto pela vida. O desejo não é uma energia indiferenciada nem uma função de desordem, mas o modo de construir algo, ou melhor, o que impulsiona a produção de algo. A criança vive sua relação com o mundo e sua relação com os outros de um modo extremamente criativo, porque é

impulsionada, predominantemente, pela força do desejo (JOBIM e SOUZA, 1994, p. 23).

Entretanto, é importante ressaltar que a criatividade da menina que reinventa o modo de usar o par de luvas não representa uma situação isolada do contexto. Essa ação está carregada de sentidos social e ocorre em um espaço, onde as crianças são auxiliadas e orientadas a vestirem-se e calçarem seus calçados, assim como existe a preocupação, por parte das profissionais, em manterem as crianças ao menos com as meias, para evitar que se resfriem.

Outro aspecto importante refere-se à autonomia propiciada aos bebês. Em nenhum momento percebi as profissionais inibindo as ações deles ao ressignificar uma ação e ou a função social de um objeto, ao contrário, percebia as profissionais questionando e instigando as crianças a perceberem suas ações, que, em alguma medida, também ampliavam o repertório de brincadeiras e descobertas das crianças.

As questões aqui levantadas podem levar a indagações como o que essas reflexões têm a ver com a produção de textos dos bebês? Em que sentido é possível dizer que essas ações ora apresentadas podem ser compreendidas como texto?

Nesse sentido, as ações da pequena Gabriela são constituídas por vozes/ações de outros sujeitos que fazem parte daquele contexto. “O texto como enunciado incluído na comunicação discursiva (na cadeia textológica) de dado campo” (BAKHTIN, 2003, p.309). No caso da pesquisa com os bebês, essa cadeia se organiza nas relações sociais que se estabelecem no espaço coletivo da educação infantil. Nesse sentido, “o texto reflete todos os textos (no limite) de um dado campo do sentido (BAKHTIN, 2003, p.309)”, possibilitando uma produção singular, mas carregada de reflexos polifônicos que concatenam sentidos entre ações observadas e apropriações elaboradas pelo sujeito na sua individualidade, tornando essas ações peculiares em atos irrepetíveis, únicos e dialógicos, por isso compreendidos como textos.

Conforme os estudos de Bakhtin (2003), não pode haver *texto* puro, sendo assim, mesmo entre os bebês, no contexto coletivo da creche, também seus enunciados não são puros, soltos no espaço, pois estão em constante interação social e também não é mera reprodução.

Portanto, por trás de cada texto está o sistema da linguagem. A esse sistema corresponde no texto tudo o que é repetido e reproduzido e tudo o que pode ser repetido e reproduzido, tudo o que pode

ser dado fora de tal texto (o dado). Concomitantemente, porém, cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido (sua intenção em prol da qual ele foi criado). (BAKHTIN, 2003, p.309-10)

Os bebês revelam autoria nas ações de comunicação e demonstram que todo dado é criado. Os sujeitos desta pesquisa têm voz, criam textos ao lançar mão das estratégias de comunicação. Todavia, nesse contexto de estudo acerca da linguagem entre os bebês, o dado são as ações de comunicação deles e os sentidos que são conferidos a cada estratégia realizada. É importante entender que mesmo quando o sujeito/o bebê reproduz uma ação “é um novo acontecimento, novo e singular na vida do texto, o novo elo na cadeia histórica da comunicação discursiva.” (BAKHTIN, 2003, p.311)

Desse modo, torna-se fundamental compreender a atitude humana como acontecimento, sendo possível recuperar os sentidos e não os atos. Portanto, escolheu-se analisar o episódio das luvas como uma produção de texto de uma menina com um ano e meio de idade que se utiliza de diferentes recursos para enunciar as apropriações e elaborações que vem conquistando, para, assim, demonstrar que, de modo interativo e subjetivo, os bebês se constituem como sujeito de linguagem. Para Jobim e Souza (1994, p. 24):

É por meio da linguagem que a criança constrói a representação da realidade na qual está inserida. Agindo, ela é capaz de transformar a realidade, mas, ao mesmo tempo, é também transformada por esse seu modo de agir no mundo. Sua participação na dialética da subordinação e do controle deve ser entendida a partir do papel que ela assume na recriação da realidade histórica por meio do uso que faz da linguagem nas interações sociais.

Portanto, compreender as ações dos bebês como produção de texto pode ser uma forma de legitimar a existência da linguagem mesmo antes da fala, e perceber também que somente haverá *texto* no contexto das condições de produção humana e por meio das atividades humanas.

Nesse sentido, o contexto aqui mencionado é um espaço coletivo de educação infantil que atende quinze bebês em creche pública municipal por duas profissionais por período. Nesse dado contexto, relações são estabelecidas, diferentemente das relações que cada bebê vivencia em outros espaços e instituições (como a família, o parque do bairro etc.), e são as relações constituídas neste espaço específico que emolduram as ações de linguagem de cada sujeito de modo dialético e contínuo.

Nas premissas do estudo de Bakhtin (2003) acerca da linguagem, pode-se pensar que o contexto do grupo de bebês na creche emoldura a produção de textos de cada bebê, em uma relação mútua e contínua, é o encontro entre um texto pronto, estabelecido pelas relações sociais desse espaço, e do texto a ser produzido pelos sujeitos que fazem parte dessa relação.

Outro episódio que ocorreu quase concomitante à cena das luvas foi a brincadeira de faz-de-conta de Lia. O excerto a seguir demonstra o quanto as crianças pequeninas brincam e permanecem concentradas em uma mesma ação por longos minutos, além de se perceber outra ação de linguagem se manifestando por meio do texto, em um diálogo entre a ação da menina e a representação de algo observado e vivenciado em outros momentos do cotidiano.

Lia engatinhou até próximo de uma pequena mesa quadrada. Essa mesa possuía uma espécie de cortina, que fora improvisada pelas profissionais e embaixo dela havia uma caixa com brinquedos. Lia se aproximou e retirou alguns desses brinquedos para o chão, tomando em mãos um pequeno carro e uma xícara de brinquedo. Inicialmente ela bateu um brinquedo no outro, produzindo sons com esse movimento. Lia se divertia e emitia sons e balbucios, “aaaaaa”. Outras crianças se aproximaram e ela as observava com o olhar, sem deixar de fazer os movimentos. Em seguida, Lia começou a representar com os objetos. Inseriu o carro na xícara e fez movimentos circulares. Fez balbucios e sinais com a mão, parecendo estar dizendo algo a alguém, mas não se dirigiu às crianças que a rodeavam, fez isso voltando o olhar para a sua frente, onde as crianças e adultos não estavam circulando, apenas eu de longe a observava. Lia levou a xícara à boca e a retirou por várias vezes, até que uma colega tentou participar da

brincadeira, mas Lia pareceu não gostar. E, com o carro e a xícara na mão engatinhou até o outro lado da sala, onde estava vazio e continuou por mais um período a brincadeira. Observei que Lia permaneceu realizando essa brincadeira com esses objetos por mais de trinta minutos e, embora ela se locomovesse pela sala, a brincadeira continuava. (DIÁRIO DE CAMPO, 13-10-2010)

Episódio XV: O faz-de-conta nas ações dos bebês: um caminho à imaginação



Imagens XV: Lia com a caneca e o carrinho
Fonte: Acervo da pesquisadora – Out/2010

Nesse episódio percebe-se que, nos bebês, o faz-de-conta também está presente e se manifesta em suas ações por meio de brincadeiras com objetos, consigo mesmo e com outros bebês e coetâneos a partir das relações sociais que cada criança vivencia. Lia já se apropriou que aquele objeto era uma xícara e tinha uma função social, a de conduzir um alimento à boca, tal qual o fez.

Também percebeu que é possível ressignificar o uso do objeto, ainda que de modo incipiente, ao mobilizar a xícara com o carro, confrontando-os e gerando som a cada batida. Em seguida o carro serviu de colher ao movimentá-lo de modo circular sobre a xícara. No entanto, essas ações não são meras reproduções, mas a constituição e reafirmação dos sentidos que esses objetos têm socialmente. A apropriação dos sentidos ocorre na observação e participação nas relações sociais, e um bebê no contexto coletivo da creche possui outros “horizontes” que o constituem, além do espaço educativo. A diversidade de relações ao qual o bebê circula se interpenetram no seu eu, manifestando produções ressignificadas.

Entretanto, esses modos de apropriação das funções sociais de um objeto não são lineares e fixos de uma única forma. Nesse caso, Lia demonstrou compreender a função social da xícara e de uma colher sendo representada por um pequeno carro de brinquedo. Mas, houve uma exploração prévia dos objetos, a princípio desejando sentir, tocar, provocar sons, ou seja, experimentar as possibilidades de interagir com esses brinquedos. Começo a constatar que os bebês necessitam sentir e efetivar a experiência pela ação para se apropriar da cultura humana.

Desse modo, é possível, ainda, se percebe que a criança pequena faz tanto apropriações simbólicas como sociais de determinados objetos a partir de uma relação dialética em que transforma os sentidos ao manipular um objeto, conferindo outras finalidades a ele, assim como se transforma conforme age sobre ele. “Contudo, uma vez materializada, a expressão exerce um efeito reversivo sobre a atividade mental; ela põe-se, então, a estruturar a vida interior, a dar-lhe uma expressão ainda mais definida e estável” (JOBIM e SOUZA, 1994, p. 113).

Novamente o contexto social e a organização do espaço do qual as crianças participam podem ser assumidos como inerentes no processo de desenvolvimento delas. De acordo com Vygotsky (1996, p. 263): “Para definir, em geral, a dinâmica da idade, é preciso compreender – condição essencial e primeira – que as relações entre a personalidade do

menino e seu meio social é dinâmica em cada etapa da mesma.”⁴⁴ Ou seja, a criança pertence a um grupo social determinado, vivencia experiências desse grupo, seja o familiar ou o de educação formal, interage com outros sujeitos, observa as ações do outro e faz apropriações graduais dos modos de relação, constituindo-se nesse processo e dando formas à constituição dos outros sujeitos a partir de suas ações.

No entanto, esse processo é bastante amplo na medida em que a criança redimensiona suas ações nas relações postas socialmente em determinado espaço. Significa dizer que “essas relações se reestruturaram” e as ações dela sobre os objetos e no meio também vão se modificar, sem perder os traços mais rudimentares do início, mas complexificando seus modos de atuar. Ainda nas premissas de Vygotsky (1996), acerca do espaço como constituído por e constituinte do sujeito, é importante compreender que:

O estudo teórico e prático do desenvolvimento infantil tropeça com uma das maiores dificuldades quando se dá uma solução errônea ao problema do meio e seu papel na dinâmica da idade, quando seu entorno se considera como algo externo em relação à criança, como uma circunstância do desenvolvimento, como um conjunto de condições objetivas, independentes, sem relação com ele, que por seu simples fato de existência influenciam sobre o menino.⁴⁵ (VYGOTSKY, 1996. p. 264)
[Tradução minha]

Os espaços circunscritos permeiam a estruturação psíquica da criança por meio da interação social, e somente por esse processo a criança se socializa e se apropria das ações culturalmente elaboradas pelo homem, inclusive a linguagem. Nesse sentido, como afirma

⁴⁴ Para definir, en general, la dinámica de la edad, es preciso comprender – condición esencial y primera - que las relaciones entre la personalidad del niño y su medio social es dinámica en cada etapa de la misma.

⁴⁵ El estudio teórico y práctico del desarrollo infantil tropieza con una de sus mayores dificultades cuando se da una solución errónea al problema del medio y su papel en la dinámica de la edad, cuando el entorno se considera como algo externo en relación con el niño, como una circunstancia del desarrollo, como un conjunto de condiciones objetivas, independientes, sin relación con él, que por el simple hecho de su existencia influyen sobre el niño.

Bakhtin (1986; 2003), a linguagem é social e para o outro e só existe texto se houver relação social, “[...] O texto é a realidade imediata (realidade de pensamento e das vivências) [...]”, por isso compreendemos que a brincadeira de faz-de-conta da pequena Lia é uma produção de texto, apreendida em um espaço socialmente organizado em que vivências semelhantes à ação da menina se realizam, além do diálogo da sua ação interposto em outras ações realizadas por outros sujeitos. (BAKHTIN, 2003, p.307)

Nessa mesma perspectiva, Jobim e Souza (1994) afirmam que a constituição da linguagem vai além das interações verbais e que o papel dos objetos, historicamente construídos pela humanidade, também impõe uma representação semântica para o homem e, sem dúvida, fortemente para a criança pequena que interage de corpo inteiro com os objetos.

[...] Mas o sentido da realidade não se esgota nas interações entre olhares e palavras que ocorrem entre as pessoas, também está presente nos objetos inventados pelo homem e que existem ao nosso redor. O campo semântico da realidade, embora criado a partir da linguagem, não se esgota nas interações estritamente verbais entre os homens, mas se expande e se renova nas interações dos homens, com o mundo dos objetos criados por eles. (JOBIM e SOUZA, 1994, p. 66)

No espaço coletivo da creche, os bebês vivenciam e estabelecem relações sociais diferentes daquelas que cada um deles experiencia em outros espaços (como no contexto familiar), mas são essas relações e os outros processos de socialização, partilhados e permeados na vida da criança, que promovem nela a produção de textos, enquanto expressão de linguagem. A produção de texto, nesse sentido, sugere “um acontecimento”, pois “sua verdadeira essência, sempre se desenvolve na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos.” (BAKHTIN, 2003, p.311) Necessariamente, precisa-se do outro para que as ações sejam legitimadas e ganhem corpo social, ao serem conferidas determinadas significações aos atos da criança.

Em face da reflexão da constituição da linguagem na ação interativa entre dois sujeitos no mínimo, percebe-se que os bebês se articulam entre si no que pretendem realizar. Os interesses surgem obviamente a partir de contextos que favorecem e estimulam as ações.

Porém, mesmo que a orientação da ação não venha dirigida pela fala e nem pela intervenção dos adultos, os bebês demonstram identificar os sentidos dos movimentos e das expressões dos colegas. No excerto a seguir, é possível observar como os bebês organizaram uma ciranda ao ouvirem música infantil.

Havia música na sala, Denise dançava e batia o pé no chão com muita empolgação, as emoções pareciam ser expressas pelo corpo. Os sorrisos, os olhares e o rosto vibrante parecem ser insuficientes para manifestarem toda a alegria que estava sentindo. Puxei a máquina fotográfica e a filmadora para iniciar os registros, reparei que Antônio e Gabriela que estavam caminhando e dançando pela sala, se aproximavam de Denise ao observarem sua contagiante alegria. Houve uma troca intensa de olhares entre eles, um tanto convidativa. Os três formaram uma roda, de mãos dadas dançavam de modo circular emitiam alguns sons e se jogavam no chão, soltando gargalhadas. **(Diário de campo, 27/11/2010)**

Episódio XVI: Brincadeira de roda ou texto coletivo?



Imagens XVI: Bebês dançando
Fonte: Acervo da pesquisadora – Nov/2010

Não houve sequer uma palavra verbal pronunciada por Denise, assim como por Antônio e Gabriela, que se aproximaram. Apenas olhavam a ação da colega, sorrindo e se embalando no ritmo da música. O convite à dança se deu pela compreensão da ação e pela apropriação de uma possibilidade de ação coletiva entre eles, a dança de roda. As ações realizadas pelas crianças nesse momento específico demonstram que o olhar, os gestos, as diferentes expressões do corpo comunicaram a intencionalidade proposta entre os bebês.

Novamente, parece que o olhar é um grande recurso comunicativo entre as crianças de pouca idade, parece haver confirmação de que o que estão a fazer lhes agrada, pois não olham apenas uns para os outros, mas nesses momentos de interação, olham nos olhos uns dos outros, como se o olhar falasse. Também me olhavam e percebiam obviamente que eu estava a olhá-los, então olhavam também em meus olhos e eu respondia com o olhar entre os recursos de registros.

Sabemos também, que músicas e brincadeiras de roda são propostas e recursos recorrentes das professoras dos bebês, nesse contexto de observação. É importante se compreender que os bebês, diante dessa atitude coletiva, elaboraram uma proposição de ação, na qual os movimentos indicaram a ideia do que poderia ser realizado por eles, nesse caso, a dança. Os movimentos e os risos despendidos pelas crianças nesse episódio, não foram respostas mecânicas à música que ouviam, ou algo sem sentido, vazio. Todas essas expressões compreendem uma totalidade significativa, tornando-se a própria condição da produção de sentido.

Os bebês dialogam com as ações uns dos outros, havendo reciprocidade entre o que fazem. Embora não se comuniquem pela fala ainda, os bebês agem com movimentos, sons e ações do outro e o olhar, o gesto e o sorriso convidam e ao mesmo tempo consentem que participem do que cada um propõe.

Na sequência apresentarei outro episódio de produção coletiva entre os bebês, observando a organização que as crianças estabelecem entre elas nos momentos das brincadeiras. Mesmo na ausência da linguagem verbal, os bebês compreendem as possibilidades de ações nas situações que se engendram no cotidiano da educação infantil.

As crianças haviam acabado de almoçar e eram conduzidas até a sala pela auxiliar de sala,

enquanto a professora acompanhava algumas crianças que ainda se alimentavam no refeitório. E a auxiliar começou a realizar a higiene em algumas crianças. Nessa manhã, Igor trouxe um brinquedo cheio de botões coloridos que emite sons ao apertá-los. Ricardo tomou o brinquedo nas mãos e começou a pressionar os botões. Nesse mesmo momento Luiza, sentada no banco olhou para Ricardo sorrindo e soltou alguns sons como se estivesse gostando do que estava ouvindo. Gabriela se aproximou de Luiza e ficou acarinhando a pequena colega. Flávia estava no chão, parecia incomodada, desejando atenção, imaginei eu, enquanto Gabriela e Luiza continuavam interagindo entre elas e respondendo com olhares e movimentos dançantes à ação de Ricardo, balbuciavam e emitiam sons. Lucas observava a movimentação dos colegas e se aproximou segurando uma garrafa de boliche em uma mão e batendo a garrafa na outra. Em seguida, Antônio se aproximou do pequeno grupo, segurando um carrinho e movimentando as rodas, emitindo alguns sons e embalando o corpo. Igor também se aproximou se embalando e Flávia já não chorava mais, apenas observava com atenção a “orquestra” dos colegas. Luiza e Gabriela continuavam interagindo com trocas de carinho, olhares e o corpo balançando, respondendo à “música” que estava sendo produzida. Essa ação entre os bebês permaneceu por aproximadamente doze minutos e se desfez quando a auxiliar chamou Ricardo para fazer a troca das fraldas. **(Diário de Campo, 14/12/2010)**

Observa-se neste excerto os modos como os bebês acompanham as ações dos adultos e dos seus pares não só pelo olhar, mas também pelo ouvido, pelo tato, o ato de tocar, de convidar para algo tocando umas nas outras, como ocorreu entre Luiza e Gabriela. Elas dependem atenção e, mesmo de costas, se o que ouvem as atrai, se voltam e se dirigem ao que está acontecendo.

Pode se perceber Lucas e Antônio, que estavam em outro espaço da sala e se aproximaram dos colegas que brincavam com o brinquedo que emitia sons. São os sentidos, todos aguçados e prontos para apreender as significações do mundo concreto, ressignificar e

elaborar ações e representações para o universo real e simbólico que partilham.

As crianças pequeninas têm os sentidos apurados para ver o invisível e a sensibilidade para manifestar, nas múltiplas linguagens, o potencial criativo e interativo das ações. Essa ampliação dos sentidos nos bebês e as estratégias de comunicação que assumem, favorece o aprofundamento da interação entre eles e promove novas descobertas de como podem agir e se relacionar com o outro humano e o outro objeto. Nesse sentido, a cada ação, novas bases emocionais, físicas, cognitivas e criativas vão se estruturando subjetivamente nos bebês e tomando formas cada vez mais sociais. No conjunto de episódios a seguir, pode-se melhor perceber como essas elaborações subjetivas se materializam na condição da experiência vivida.

Episódio XVII: A invenção da banda





Imagens XVII: Os bebês com alguns objetos e brinquedos
Fonte: Acervo da pesquisadora – Dez/2010

Essas ações, além de revelarem o potencial criativo dos bebês, nos indicam a compreensão de como a produção deles manifesta a constituição da linguagem e os enunciados revelados são textos em potencial, com sentidos apropriados, individual e coletivamente, mas abstraído pela interação com um contexto social e estabelecido pelas relações humanas. O texto como “especificidade do pensamento”,

carregado de “sentidos e significados dos outros” (BAKHTIN, 2003, p.308), já que “todo texto tem um sujeito, um autor” e, por essa via de análise, é possível constatar a autoria de Ricardo em promover o encontro entre eles e a organização da “Banda de Música”. Uma ação que se transformou em enunciado. O enunciado dirige-se para alguém, sempre se volta a um destinatário, assim possui autor e destinatário. Porém, nota-se que essa autoria convocou os outros bebês que responderam, tornando-se os destinatários, mas também autores pela atitude responsiva ao perceberem as possibilidades de interação e produção de ações partilhadas, por meio de enunciações.

Nessa perspectiva, enunciado e enunciação se encontram de forma viva e contínua em um determinado texto e vão sendo constituídos e carregados por sentidos vinculados aos discursos e acontecimentos que ocorrem entre os sujeitos partícipes de um dado contexto social. O sentido não é acabado e pronto na ação, no texto, se constitui dialogicamente a cada movimento que sugere e ou provoca uma resposta ativa do outro.

Paulo Bezerra (2008) apresenta uma síntese pertinente à construção do sentido como processo inacabado entre autor e destinatário.

O autor é profundamente ativo, mas seu ativismo tem um caráter ‘dialogico especial’, está diretamente vinculado ‘à consciência ativa e isônoma do outro’, a um ativismo que ‘interroga, provoca, responde, concorda, discorda’, enfim, um ativismo que estabelece uma relação dialógica entre a consciência criadora e a consciência recriadora, e esta participa do diálogo com plenos direitos à interlocução com outras vozes, inclusive com a voz do próprio autor, mantendo-se imiscível e preservando suas peculiaridades de falante. (BEZERRA, 2008, p.199)

No caso dos enunciados e das enunciações produzidas pelos bebês, o polifonismo que constatamos em suas ações se traduz nas ações do corpo, dos movimentos, olhares e outras manifestações, como se vem apontando. Mas é importante se perceber que a linguagem que se constitui entre os bebês, mesmo ausente da fala, é uma linguagem que retrata a diversificação da experiência social e a significativa produção cultural que os pequeninos realizam.

Está tentando se assinalar, conforme Bakhtin (2003) desenvolve em seus estudos, que a atitude humana é um texto em potencial. Assim, neste contexto de estudo, observa-se uma interação entre as atitudes dos bebês com a compreensão do contexto dialógico do espaço coletivo, nos quais estão inseridos. E dessa forma, compreende-se que cada ato possibilita a compreensão dos sentidos nas experiências vividas, revelando a consciência que os bebês passam a se apropriar subjetivamente do mundo objetivo.

Os bebês são constantemente ativos e interativos entre eles, seus modos de agir, perceber e sentir a realidade social. As relações que se constituem no espaço da creche são experienciadas por eles pelo movimento e pela ação. É necessário compreender que a concentração das crianças pequeninas não é estática, é ativa e, mesmo quando pensamos que elas não se apropriam das situações, como surpreendidos ao vê-las produzindo significações nas atitudes que realizam.

As crianças materializam as situações que ouvem, vivenciam e participam pelos movimentos e pelas brincadeiras. Dessa forma, a brincadeira se engendra na constituição da linguagem como atividade humana, social e cultural em que nos movimentos e gestos, a criança se comunica, se expressa por uma “fala” possível, já que a fala oral é uma ação complexa, que ainda não está inteiramente elaborada. Essas ações, como no caso da “Banda de Música”, são elaboradas por um conjunto de enunciados que foram compreendidos entre os bebês, que estavam atentos à situação comum do espaço social. Provavelmente, se fosse sugerido aos bebês que utilizassem os brinquedos para provocar sons e criar a ideia de uma banda, seria, no mínimo, abstrato para que compreendessem o solicitado, mas, pela elaboração que eles mesmos estruturam acerca do que observam e na medida em que atuam, torna-se possível complexificar a compreensão da realidade social.

Sensat (2002), fala da música cotidiana, dos sons e como as crianças podem sentir necessidade e desejo de produzi-la. Para a autora:

A música pode surgir de uma necessidade emotiva profunda ou pode ser uma diversão, um pensamento ou um som de fundo. A música é muitas coisas diversas para pessoas diversas. Também há uma espécie de “música submergida”, que com frequência escapa-nos; no entanto

educadores, convém que lhe prestemos atenção.⁴⁶
(SENSAT, 2002, p. 44) [Tradução minha]

Nesse sentido, é importante um olhar atento e bastante sensível ao que os bebês realizam, pois, por outros pontos de vista, a “situação da banda” poderia ser entendida como barulho ou mero movimento das crianças apenas. Entretanto barulho e movimentos estavam presentes naquela ação, mostrando como uma composição de ações individuais de cada bebê acaba por constituir uma ação coletiva.

Essas ações coletivas, permeadas por sentidos e alteradas na medida em que os próprios bebês ressignificam as possibilidades de agir, oferecem indícios para se conhecer nos “textos” que eles produzem, como eles são, como se relacionam e como interagem uns com os outros. Assim, vai se entendendo um pouco melhor como as crianças pequeninas se utilizam de diferentes estratégias de comunicação e se constituem como sujeitos sociais.

Jobim e Souza (1994, p. 21) trazem contribuições contundentes a respeito da relação infância e linguagem, afirmando que:

[...] É na linguagem, e por meio dela, que construímos a leitura da vida e da nossa própria história. Com a linguagem somos capazes de imprimir sentidos que, por serem provisórios, refletem a essencial transitoriedade da própria vida e de nossa existência histórica. Ao mesmo tempo, a linguagem também registra aquilo que permanece no mundo como fato humano, relacionando-se do mesmo modo e com a mesma intensidade, quer seja com o efêmero ou com o permanente, transitando entre os extremos da realidade humana e permitindo um contato mais profundo com a verdade do homem.

Essa análise da autora é de grande valia para as reflexões aqui expostas, pois pode-se observar, no excerto antes apresentado, o quanto as estratégias de comunicação entre os bebês refletem a realidade vivida.

⁴⁶ La música puede surgir de una necesidad emotiva profunda o puede ser una diversión, un pasatiempo o un sonido de fondo. La música es muchas cosas diversas para personas diversas. También hay una especie de “música sumergida”, que con frecuencia se nos escapa; en tanto educadores, conviene que le prestemos atención.

Entretanto é um reflexo do real, reelaborado pela subjetividade dos pequeninos e reinterpretado por ações cognitivas. Essas ações não se eliminam do processo de desenvolvimento da criança apenas, se transforma dialeticamente. A linguagem que, ora se manifesta pela brincadeira, não desaparece, mas penetra no desenvolvimento. Para Vygotsky (1996), a brincadeira não é simbólica, pois a criança elabora uma vivência real, não é fantasia, mas um guia para a evolução e efetivação ao mundo real.

Passo, a seguir, para a análise de dois episódios, em que foi possível observar que, mesmo individualmente, os bebês produzem textos ao dialogar com situações e objetos que sugerem as ações.

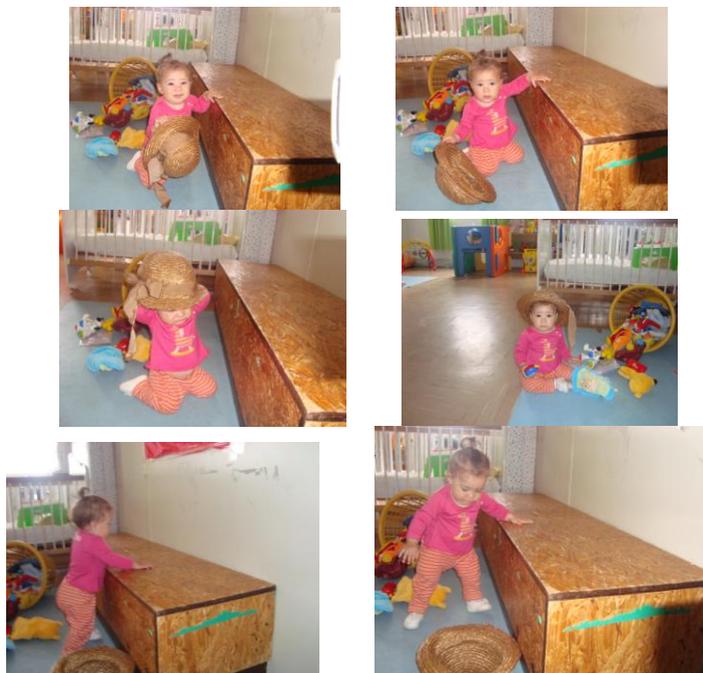
Flávia acabara de chegar, sua mãe a colocou no tapete próximo à mesa, onde embaixo fica um cesto com brinquedos. Ela era o primeiro bebê do grupo a chegar naquela manhã, por volta das 07h20min. Enquanto sua mãe conversava com a auxiliar de sala que a recebera, Flávia observava atentamente ao seu redor, me olhou e sorriu, manteve o olhar no dela e fiz o mesmo. Em seguida, ela percebeu o cesto de brinquedos embaixo da mesa e se voltou para ele para pegar um brinquedo. Nesse mesmo instante sua mãe se movimentou e ela chora. A auxiliar de sala senta no banco com outro cesto na mão e espalha alguns brinquedos pelo chão, chamando por Flávia. O bebê engatinha até ela e sua mãe vai para fora da sala e fica a observá-la. Flávia explora um pequeno telefone, cheia de sorrisos, leva o brinquedo ao ouvido, como se estivesse telefonando. Nesse momento, a menina está tranquila e sorri para a auxiliar que coloca um chapéu na sua cabeça e ela reage largando o telefone e fazendo olhares de descontentamento. Sua mãe comenta: “ela não pára com nada na cabeça” e logo olha para mim e diz: “eu ainda não entendo o que ela fala, só às vezes. Esses dias ela falou coca e eu entendi que ela queria coca-cola”. A mãe de Flávia sabia quem eu era e da proposta da pesquisa, então, primeiro fiquei chocada por um bebê solicitar coca-cola, mas também me chamou muito atenção o comentário da mãe em relação à fala da filha. Ela tentou partilhar comigo a linguagem da menina, mas, ao mesmo tempo,

demonstrou entender que linguagem refere-se à fala. Então, comentei com ela que nos bebês a linguagem se manifesta de outras formas e ainda não pela fala. Depois de mais algumas trocas de palavras com a auxiliar, a mãe se despediu e foi embora.

Paralelo a esse episódio com a mãe de Flávia continuei a registrar o que se passava com a menina. Logo em seguida, que o chapéu foi colocado em sua cabeça, ela o retirou e ficou a explorá-lo. Levando-o à cabeça e fazendo expressão de insatisfação, e ao retirar abria um sorriso. Por alguns instantes, Flávia ficou explorando o objeto e tentando levantar-se apoiada no banco, então, por precisar das duas mãos para se levantar, abandonou o chapéu e, em pé, olhava para o objeto no chão. Depois se voltou para o banco e ficou batendo com as mãos. Ter ficado em pé e bater as mãos no banco, fazendo barulho, pareciam ser mais interessantes do que permanecer no chão com os brinquedos, afinal Flávia ainda não caminha sem auxílio dos adultos e esta conquista de levantar-se sozinha e permanecer em pé, ainda que apoiada, pode ter proporcionado representações mais relevantes para ela (DIÁRIO DE CAMPO, 01/12/2010).

Episódio XVIII: A chegada de Flávia e a brincadeira com o chapéu





Imagens XVIII: Flávia com o chapéu
Fonte: Acervo da pesquisadora – Dez/2010

Nesse excerto é possível observar os textos que são produzidos pelos bebês, mesmo individualmente, ao haver um diálogo estabelecido entre a situação circunstancial que Flávia está experienciando com outras situações a que ela se remete e a faz compreender as possibilidades de uso do chapéu. Flávia demonstra ter conhecimento que o chapéu é usado na cabeça, já observou este mesmo chapéu fazendo parte das brincadeiras que ocorrem no cotidiano do grupo de bebês, além de outras observações que já deve ter feito em outros contextos de que participa. Porém, é importante que se compreenda que a ação da menina está permeada por outras ações, reelaboradas individualmente por ela na interação social e, assim, pode-se afirmar a autoria dela neste episódio.

Segundo as premissas de Bakhtin (2003, p.311), “[...] a reprodução do texto pelo sujeito (a retomada dele, a repetição da leitura, uma nova execução, uma citação) é um acontecimento novo e singular na vida do texto, o novo elo na cadeia histórica da comunicação discursiva”. Portanto, a atitude da Flávia com o chapéu foi mais que

uma reprodução do que ela já havia observado, mas um “texto em potencial”. Texto como linguagem em constituição, repleta de sentidos e significados.

A atitude humana como texto em potencial se constitui na relação dialógica. Nesse caso, os bebês restituem “as condições de enunciação e de circulação que lhe conferem as múltiplas possibilidades de sentido”, ampliando seus modos de atuar e, gradualmente, assumindo importância na evolução das ideias (AMORIM, 2006, p. 98).

Compreender as ações dos bebês, superando a ideia desenvolvimentista e linear de que a partir de parâmetros comparativos e idealizados pela sociedade hegemônica, pode ser um caminho promissor para a apreensão e análise da constituição da linguagem entre os bebês. A linguagem, antes de ser verbalizada, se constitui por outros aspectos como o extraverbal, presentes no contexto social onde as crianças estão inseridas, e se revelam nas manifestações delas.

No decurso dessas ações, Flávia demonstrou o que conhece de algumas possíveis funções dos objetos, além de significar subjetivamente o que sente e experiencia e elabora na intensidade das ações. Essas demonstrações que se vem observando somente ganharão legitimidade se for anunciada a inteligibilidade das crianças pequenas e se entender essas manifestações como social e cultural, e em consequente como constituição da linguagem.

Estabelecendo uma relação análoga com o pensamento bakhtiniano, as manifestações dos bebês incitam a mergulhar na corrente sociológica e filosófica do pensamento, penetrar nas diferentes instituições ideológicas que dão forma a um determinado contexto social e, assim, entender que compreender a constituição da linguagem é, acima de tudo, conhecer o humano (BAKHTIN, 2003).

Outros paradigmas precisam estar entrecruzados como meio de se instituir formas que apreendam as redefinições de identidade humana e do lugar social que ocupam, permitindo, assim, a manifestação da autoria dos agentes ali presentes, mas ao mesmo tempo, contemporanizados numa “rede de relações intersubjetivas e sociopedagógicas” (JOBIM e SOUZA; CASTRO, 2008, p.57).

Fundamentalmente, a organização do espaço e a ampliação de recursos ofertados aos bebês promovem, na interação deles com os objetos, uma interpretação subjetiva. Nesse sentido, o processo interacional da criança com dados recursos e a partir da apropriação social e simbólica que ela faz dos mesmos propicia a produção de culturas.

Entretanto, é importante se perceber que as ações das crianças, mesmo que individualmente, estão permeadas pela socialização grupal (família/espaco coletivo de educação infantil). E, nesses processos socializadores, a criança encontra modos estratégicos de se relacionar, buscando, simultaneamente, uma unidade formadora. Para Prout (2004), esses “Processos de socialização cada vez mais complexos ocorrem a partir do momento em que as crianças de menor idade começam a passar grande parte do seu tempo fora do contexto familiar”, ou seja, são inseridas em contextos coletivos de educação, processo no qual o autor denomina de “dupla socialização” (PROUT, 2004, p. 16).

Delgado e Müller (2005), realizando um estudo sobre pesquisa com crianças na Sociologia da Infância, afirmam que a socialização promove a “compreensão das crianças como atores capazes de criar e modificar culturas, embora inseridas no mundo adulto.” (DELGADO e MÜLLER, 2005, p. 353). E mesmo a criança fazendo parte de um grupo etário, social, de classe e cultural comum, será singularmente um ator social com elaborações e produções próprias. Assim, a ação de Flávia com o chapéu vai além de uma simples interação, sua atitude de explorar o material de diferentes maneiras e demonstrar incômodo ao utilizá-lo na cabeça, enredou outras possibilidades, como a descoberta de levantar-se e permanecer em pé, apoiada no banco.

A seguir exponho o último episódio selecionado para compor a análise desta pesquisa.

Neste episódio, as crianças estavam bebendo água; a profissional oferecia água a cada criança à medida em que ia servindo os respectivos copos. Igor, que no início da pesquisa se mostrava pouco à vontade e chorava muito, tendo necessidade de estar sempre próximo a um adulto, agora se mostrava mais autônomo e parecia estar descobrindo suas próprias potencialidades, fazia sons com a boca “AAAAA”, ao mesmo tempo em que segurava um brinquedo e caminhava em direção à mesa, onde (BAKHTIN, 2003, p.309) a água estava sendo servida. Logo, a profissional que os servia, falou: “Já vai, Igor, você também vai ganhar água”, e logo lhe entrega o copo. Essa pronuncia de Igor pode ser de reivindicação, afinal ele também quer beber água, mas em outros momentos o observei emitindo esse mesmo som, assim, parecia mais provável que, além de

reivindicar por algo, ele se satisfazia ao ouvir sua própria voz e explorar outros recursos de comunicação e expressão que até então eram manifestados muitas vezes pelo choro. (**Diário de Campo**, 22/11/2010)

Episódio XIX: Os diferentes sentidos de uma mesma manifestação



Imagem XIX: Igor verbalizando

Fonte: Acervo da pesquisadora – Nov/2010

Nesses momentos, é possível refletir sobre a importância de não tolher as expressões nos bebês, como afirmou Bakhtin (2003), a *palavra* quer ser ouvida e se ainda não há palavras entre os bebês de pouca idade, há manifestações que se revelam de diferentes formas. Essas manifestações são dirigidas para o outro e carregadas de sentidos ideológicos, em uma única ação de linguagem. A pronúncia do “AAAA” revelou descoberta, para si mesmo (Igor), de novas possibilidades de interação e satisfação, além do protesto para satisfazer uma necessidade fisiológica, a necessidade de beber água.

Outro aspecto que deve ser ressaltado diz respeito ao valor social que o outro oferece, conferindo aos bebês sentidos dos quais eles podem ainda não ter se apropriado. Retome-se o excerto, quando a profissional observa Igor verbalizando “AAA” e ela fala: “Já vai, Igor, você também vai ganhar água”, e logo lhe entregou o copo. Mesmo que o bebê estivesse verbalizando um som aleatório, a atitude responsiva da profissional oportunizou uma nova possibilidade de interação e

compreensão verbal. Para Bakhtin (2003), o aspecto valorativo do falante com o objeto é a entonação. A entonação expressiva é um traço constitutivo do enunciado. “[...] Se uma palavra isolada é pronunciada com entonação expressiva, já não é uma palavra, mas um enunciado acabado, expresso por uma palavra [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 290) A entonação passa a ser uma espécie de elo vivo que caracteriza a verbalização de uma forma ou de outra, conforme é expressa.

Pode-se, assim, compreender, que toda ação em interação com outros sujeitos ou com produtos históricos e culturais é produto de uma relação social, engendrada por aspectos sociológicos que a constitui.

Nessa reflexão acerca dos diferentes sentidos na expressão de Igor, pode se observar a presença dos elementos extraverbais, o presumido que está presente na interação verbal, mesmo que de modo simbólico. É uma espécie de personagem vivo, mas oculto, situado entre locutor e interlocutor. No caso da profissional, que compreendeu que Igor solicitava água, embora ele tenha iniciado essa ação anterior ao momento de ela oferecer água ao grupo. No entanto, a profissional presumiu que ele desejava água por sua manifestação verbal, e a resposta que Igor recebeu ao lhe ser servido água, passa a conferir esse sentido na atitude dele.

Nesse sentido, Bakhtin e Volochinov (1926) situam o presumido como sendo o *herói*. O *herói* é um participante vivo, mas ao mesmo tempo metafórico e, embora não seja dito com todas as palavras, as expressões que o sujeito manifesta estampa em si juízo de valores inerente à situação captada no contexto em que a interação social ocorre, permitindo presumir entre autor e interlocutor o que não está pronunciado verbalmente.

Para os autores, é necessário situar o teor do ato de comunicação, em que contexto e por quais sujeitos o processo de interação verbal ocorre e, assim, compreender que o conteúdo “[...] não é apenas um fenômeno psicológico, mas também e, sobretudo, um fenômeno ideológico, um produto do intercâmbio social (BAKHTIN e VOLOCHINOV, 1926, p. 17). Por essas considerações, observa-se, na atitude de Igor, mais do que uma ação isolada e fisiológica, mas algo como um processo constituído e constitutivo da interação verbal. As formas de interação, a contextualização e a comunicação social dos bebês ampliam e possibilitam a profundidade de como se relacionam e se apropriam da linguagem.

Por fim, pode-se entender que as reflexões acerca dos diferentes sentidos nas ações dos bebês permitiram uma maior compreensão das interações sociais e do modo como a linguagem se constitui entre eles,

no espaço coletivo da educação infantil. Desse modo, mesmo não havendo exatidão nessa incessante busca, há a descoberta de novos saberes junto às crianças pequeninas, acoplados a diferentes aspectos constitutivos da linguagem, e, como dissera Bakhtin (2003), o texto passa a ser um início para se conhecer o homem. O estudo da linguagem, a partir de uma dimensão sociológica, possibilita a análise do processo histórico e social do sujeito envolvendo determinado enunciado. Assim, minha busca, embora esteja no final, é ainda inicial e necessita ter continuidade para revelar outros aspectos constituidores da linguagem.

5 REFLETINDO O VIVIDO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Início essas reflexões acerca da principal questão que permeou a constituição deste trabalho, *a constituição da linguagem e as estratégias de comunicação dos bebês*, com a certeza de que este estudo pode ser continuado de forma a aprofundar ainda mais essa temática, principalmente por compreender a complexidade dos estudos sobre a linguagem, uma área distinta de minha área de origem; a educação. Os limites que este estudo pode apresentar se relacionam com as limitações que nós adultos temos em traduzir as ações dos bebês, talvez não permitindo compreender de forma suficientemente abrangente a linguagem das crianças pequenas.

Colocou-se, pois, como questão: - como conhecer melhor esses sujeitos de pouca idade? Como abranger seus modos de vida? Como identificar seus pontos de vista? E, acima de tudo, como compreender suas formas de comunicar e de constituir a linguagem verbal entre eles no espaço coletivo da educação infantil? Destas indagações iniciais emanaram ainda outras: como conviver com os bebês, em um espaço de educação e atender seus desejos e indicações, sobre o que preferem, como se relacionam, de que modo se apropriam da linguagem verbal e extraverbal, respeitando suas necessidades? De que forma garantir o direito da liberdade de ir e vir aos bebês, sujeitos que ainda não falam, não escrevem e, historicamente, vêm sendo representadas pela ciência, pela sociedade e no imaginário popular como sujeitos do *dever*?

A busca de respostas a essas questões passa por duas dimensões distintas: uma orientada por uma visão cientificista das regularidades biológicas e da consciência individualista; e outra, ligada a uma compreensão interacional e ideológica das relações humanas. Nesse sentido, conduzir o olhar sobre o modo como os bebês se apropriam da linguagem, exigiu-me considerar esses aspectos como inerentes à constituição da linguagem e, ao mesmo tempo, distintos.

Foi mediante a teoria de Mikhail Bakhtin que se tornou possível refletir sobre diferentes dimensões da linguagem. Para o autor:

[...] A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto

significante, etc. constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem (BAKHTIN, 2009, p.36).

Percebe-se que o espaço social e as relações estabelecidas são determinantes no processo de socialização dos bebês. E assim, a linguagem, como fenômeno essencialmente humano, é decorrente das relações sociais. Portanto, conhecer o processo, no qual os bebês constituem a linguagem, passou a ser um caminho para conhecê-los na sua inteireza.

Na pesquisa com os bebês, foi possível perceber que a sensibilidade e a responsividade são aspectos fundamentais nas ações docentes, pois o a todo instante, mostrou-se necessário perceber a peculiaridade no modo como os pequeninos se apropriam e constituem a linguagem e assim, propor ações que enriqueça o repertório criativo deles.

Seus modos de se manifestar diante do mundo são movidos por expressões criativas, na qual cada ação está carregada de sentidos profícuos à sua existência. O gesto, o olhar, o choro e o riso no momento que estão em interação no cotidiano da creche, ganham dimensões diferenciadas, não correspondendo a um único significado, pois eles se apropriam das ações uns dos outros e as utilizam como estratégia de comunicação. Cada momento vivido com os bebês me levou a perceber que as estratégias de comunicação a que recorrem nas interações são providas de significados. O choro não representa apenas incômodo, mas também protesto, ou renúncia. O riso nem sempre correspondia à satisfação, mas a uma forma de conduzir dada situação. Os gestos, em hipótese alguma fortuitos, estavam sempre relacionados ao que pretendiam comunicar em dado momento.

Quando se considera a diversidade que as crianças pequeninas têm para simbolizar o vivido, torna-se imprescindível legitimar seus modos de ser, percebendo-as como sujeitos completos e capazes, porém em condições diferenciadas dos adultos.

E para se alcançar tanto esse entendimento, quanto essa legitimação é preciso rejeitar as imposições convencionais e hegemônicas que a sociedade impõe através de uma socialização vertical. Torna-se necessário dar mais espaço e visibilidade à autenticidade aos atos dos bebês, como forma de reconhecer o quanto as crianças pequeninas têm a nos ensinar.

A institucionalização da infância, historicamente, vem carregada de sentidos acerca da ausência da fala, ou seja, refere-se à criança que passa a ser considerada como sujeito, que pensa e age, somente a partir do surgimento da fala (FERREIRA, 2000) e, posteriormente, da escrita. Sabe-se, porém, que a constituição do pensamento e da linguagem se dá de modo processual e, como eu trouxe nesta investigação, ocorre pelas relações sociais na interação entre os sujeitos.

Meu intuito é chamar a atenção para a peculiaridade das estratégias de comunicação de que os bebês lançam mão para expressarem seus desejos e o modo como percebem o mundo ao seu redor, por atos carregados de emoção e sensibilidade. Perceber a singularidade da criança é qualificá-la como sujeito que age, interage, se apropria das ações do outro e reelabora suas próprias, a partir dos sentidos que o outro lhe confere, dando também novos sentidos às ações dos sujeitos que partilham dessa relação.

Pensando no trabalho com os bebês no contexto da educação infantil, fica a constatação do quão fundamental é se entender os pequeninos como sujeitos completos, presentes no aqui e no agora, bem como perceber que a intensidade da experiência vivida no hoje os potencializa e os constitui. Assim será em cada momento de suas vidas; é a experiência vivida, (com) partilhada que “define” e “redefine” o sujeito, mas sempre na perspectiva do presente, sem estabelecer uma relação com o futuro que, por vezes, determina as crianças pequeninas como sujeitos incompletos.

Nesse sentido, ousou propor que a educação formal das crianças pequeninas comece (e continue em alguns casos já existentes) a ser pensada e realizada na perspectiva de (des) educar os olhares, cristalizados em uma educação do *vir a ser*. Que se tenha a sensibilidade dos bebês para que se rompa a lógica da produção escolar, pautando-se na magnitude da experiência. Que as “atividades no papel” sejam consequência do que se deseja promover de experiências, sensações, emoções e provocações para a criação dos bebês, mas não como forma de mostrar o que eles já sabem fazer e sim como experiência da ação.

Nos momentos que partilhei do cotidiano dos bebês, no espaço formal de educação infantil, em várias ocasiões percebi esse olhar sensível da professora sobre o grupo, e ou em algumas outras profissionais da instituição. Um exemplo pode ser fornecido quando as professoras permitiram que os bebês brincassem no escorregador do parque, mantendo o olhar atento para que não se machucassem, mas em momento algum inibindo-os nesta iniciativa de ação. Esses olhares atentos das professoras continuavam nos momentos que acompanhei os

bebês indo até o refeitório e os percebi experimentando se alimentar com independência. Quando os mesmos subiam em prateleiras, quando usavam brinquedos para alcançar o copo de água que estava na mesa e não alcançavam sem um suporte para subir e as mesmas professoras permitiam sem se descuidar.

Essas ações dos bebês não estavam pautadas no planejamento da professora de modo específico, mas era perceptível a sensibilidade presente na ação dela diante das manifestações dos bebês. A organização do espaço, por exemplo, revelava de certo modo, a intencionalidade de propiciar desafios aos bebês e ao mesmo tempo promover encontros entre eles. Também percebi que havia preocupação por parte da professora e auxiliares de sala em “vigiar” as ações dos bebês, zelando por sua segurança.

Contudo, o planejamento pedagógico, intencionalmente pensado e sistematizado, é imprescindível para orientar o trabalho docente, possibilitando buscar-se na reflexão entre “o proposto e o vivido” (BATISTA, 1998), novas formas e medidas de o quê e como propor ações para os pequeninos. E, sobretudo, compreender que o tempo inteiro, os bebês revelam o que sabem, o que conseguem e o que pretendem conquistar. Considerar todo o período de permanência da criança no espaço da educação infantil, como momentos de ação pedagógica e de pleno desenvolvimento e constituição delas, é assumir a docência na sua plenitude. Por essas observações, percebe-se um possível caminho para compreender o que realmente faz sentido planejar e propor aos bebês, explícita ou implicitamente, do momento que chegam à creche ao momento que saem, com a intenção clara e, ao mesmo tempo, flexível do que se pretende promover entre eles.

Reverendo os eventos produzidos pelos bebês nas categorias de análise, pode-se afirmar que os bebês se apropriam e constituem a linguagem de forma rica e potente. Os “diálogos” que travam entre si e com os outros, e os “textos” que produzem nos indicam seu potencial criativo e sua capacidade de ressignificar, criando suas próprias culturas. Os sentidos e os significados nas ações dos bebês parecem ser o meio que eles encontram de desvendar o novo, de descobrir outras possibilidades. Ou seja, na própria ação e interação, os bebês se constituem e se tornam sujeitos de linguagem.

Esta experiência de pesquisa possibilitou-me afirmar que os bebês são parte de um universo cultural amplo de onde levam diferentes experiências para o espaço coletivo da educação infantil. Assim por meio das ações interativas entre os bebês, esse universo específico de educação formal se amplia e se diversifica complexificando a

constituição individual de cada bebê. A polifonia que habita o eu de cada sujeito possibilita a constituição da linguagem, que se enuncia pelos bebês por meio da fantasia, da brincadeira, dos movimentos, ou seja, por meio da experiência do vivido, carregada de diferentes sentidos.

Conhecer os bebês pela ação deles e pela linguagem mostrou para mim um possível caminho por onde trilhar, para que se rompam alguns mitos e se conheçam outras possibilidades de intervenção docente, junto desses sujeitos de pouca idade. Percebi que, quando algo lhes interessa e provoca o desejo de experimentar e conhecer todas as possibilidades de ação, os bebês se concentram e permanecem agindo por um longo período, como foi possível observar no episódio do faz-de-conta, de Lia com a caneca e o carrinho, e na ressignificação dos objetos, realizada por Gabriela na cena das luvas.

Foi possível perceber o quanto os bebês mostram o que desejam e pretendem realizar sem pronunciar uma palavra, apenas por manifestações que revelam suas pretensões. Tornou-se possível compreender que muitos dos atos sociais que os bebês se apropriam se concretizam na medida em que agem. Por meio da atuação sobre o que está previamente estabelecido, novas possibilidades surgem e, assim, novas formas e outros sentidos são dados no desfecho de uma dada situação, como no caso do menino que assume o lugar do outro e recebe o jantar primeiro, trocando os bebês-conforto de lugar.

Percebo diante dessas reflexões, a importância da auscultação no fazer docente das professoras de bebês, pois vários destes episódios foram interrompidos pelos adultos, no momento de chamá-los para trocar a fralda, alimentá-los etc. Sabe-se e até concorda-se com a necessidade de se atender a estas necessidades das crianças, mas chamo a atenção à demanda do cotidiano no espaço coletivo da educação infantil, que por exigir muito das profissionais de educação, às vezes impedem que as professoras possam parar e perceber o que cada bebê está realizando.

Porém, enquanto não se tem uma estrutura diferente nas instituições de educação infantil, com um número mais justo de bebês por professora, evidencia-se a importância de chamar a atenção para a observação atenta dessas profissionais em relação às ações dos bebês. Assumir na docência a ética como princípio básico nas relações humanas pode ampliar as condições de “olhar” e “ver” o que os pequeninos estão fazendo e mostrando. Atitudes simples, mas fundamentais como adotar o cuidado de pedir licença antes de interromper a ação do bebê, perguntar o que está fazendo, explicar o que

se pretende realizar junto a ele, são atos responsivos que conferem qualidade e respeito na relação entre docentes e bebês.

Outro aspecto importante a ser mencionado, refere-se à formação continuada. Torna-se imprescindível a ampliação de estudos que remeta à reflexão sobre as ações realizadas nos grupos de bebês, bem como é imprescindível a busca incessante de se conhecer melhor as crianças de pouca idade. Aprofundar o conhecimento sobre as expressões dos bebês acerca do que vivenciam, pode ser um dos caminhos para se ampliar e qualificar a educação com os bebês.

Considero, assim como Bakhtin, que conhecer o homem a partir do texto que produz é o meio de conhecê-lo na sua profundidade. Posso ainda afirmar que ter participado do cotidiano dos bebês, mesmo que por um curto período de tempo, possibilitou conhecê-los melhor. Partir para a observação disposta a identificar nas manifestações dos bebês o modo como constituem a linguagem entre eles, evidenciou o quão pouco os conhecia. E posso dizer que ainda pouco os conheço e que muitos outros aspectos trazidos por este estudo, precisam ser reforçados, que outras análises precisam ser realizadas, ampliando o conhecimento dos modos de ser dos bebês.

Finalizo esta parte da escrita do modo como iniciei, com a certeza de muitas dúvidas e com a inquietação de continuar buscando. Tenho também consciência que outras investigações que se debruçam em conhecer os bebês, seus jeitos de ser, revelarão outros aspectos que não consegui abordar, pois na finalização desta escrita outras questões já começam a suscitar: Como os bebês revelam o potencial criativo que possuem? Por que esse potencial é considerado e de que forma é ampliado? Qual a frequência discursiva das professoras para com os bebês? Quais discursos das professoras de bebês podem contribuir com a ampliação do conhecimento das crianças? E, ao contrário, quais discursos podem tornar-se estigmas e determinações na constituição dos bebês e nas relações interacionais entre eles e entre os outros sujeitos do espaço da educação infantil? E nas relações étnico racial, de que forma a linguagem (os apelidos, os olhares e etc.) entre os profissionais, famílias e crianças que se constitui no espaço da educação infantil pode ser promotora do preconceito ou organizadora de uma consciência ética e democrática? De que forma os bebês constituem o campo da imaginação e como eles revelam esse processo? As brincadeiras entre e dos bebês é apenas manipulatória ou existe intencionalidade?

Bom, posso dizer que alguns desses aspectos surgem neste estudo em conclusão, porém de modo tímido. Assim, fica o convite para que outras pesquisas aprofundem estes e outros aspectos que venham a

surgir em relação às crianças pequeninas no espaço coletivo da educação infantil formal.

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa editora. 2004.

_____. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (org.) **Bakhtin: conceitos chaves**. São Paulo: Contexto, 2006. pp. 95-131.

ARIÈS, P. **A História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. Infanzia. In: *Enciclopedia Einaudi*, vol.VII, Torino, Einaudi, 1979.

BAKHTIN/VOLOCHINOV (1926). **Discourse in life and discourse in art**. In: Freudism. Nova York: Academic Pun, 1976. [Tradução feita por Cristóvão Tezza e Carlos Alberto Faraco. Versão para uso acadêmico restrito].

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

BARBOSA, S. “O que você está escrevendo?” – Na pesquisa com crianças, o exercício de compreender e ser compreendido. In: KRAMER, S. (org.). **Retratos de um desafio: crianças e adultos na educação infantil**. São Paulo: Ática, 2009, p. 24-35.

BARROS, D. L. P. **Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso**. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. 2.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

BATISTA, Rosa. **A rotina no dia-a-dia da creche: entre o proposto e o vivido.** Florianópolis, SC. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

BECCHI, E. Retórica da Infância. **Revista Perspectiva**, NUP/CED, Editora da UFSC, n.22, p.63-95, ago-dez 1994.

BENJAMIN, W. **Sobre arte, técnica, linguagem e política.** Tradução de Maria Luz Moita. Lisboa: Antropós, 1992.

BEZERRA, P. Polifonia. In: BRAIT, Beth (org.) **Bakhtin: conceitos chaves.** 4 ed. São Paulo: Contexto, 2008. pp. 191-200.

BONDIOLI, A. e MANTOVANI, S.. **Manual de Educação Infantil.** De 0 a 3 anos. 9.ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

BRAIT, B e MELLO, R. **Enunciado/enunciado concreto/enunciação.** Bakhtin: conceitos chaves. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin: conceitos chaves.** 4.ed. São Paulo: Contexto, 2008. pp. 61- 78.

CAMPOS, M. M.; FÜLLGRAF, J. e WIGGERS, V. A Qualidade da educação infantil brasileira: Alguns Resultados de Pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, v.36, n. 127, jan./abr. 2006, p. 87-128.

CERISARA, A. B. **Em busca do ponto de vista das crianças nas pesquisas educacionais:** primeiras aproximações. In: SARMENTO, M. J. e CERISARA, A. C. **Crianças e miúdos: Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação.** Edições ASA- Porto-Portugal 2004.

CHAMBOREDON, J. C. e PRÉVOT, J. O “ofício da criança”: definição social da primeira infância e funções diferenciadas da escola maternal. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n.59, p.32-56. nov.1986.

CORSARO W. A. **Ação colectiva e agência nas culturas de pares de crianças pequenas** Department of Sociology, Indiana University, Bloomington USA [2004?] (mimeo)

_____. A reprodução Interpretativa no Brincar no Faz-de-conta das Crianças. In: **Caderno de Pesquisa**, nº11, FCC, São Paulo, 2002.

_____. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 26, n. 91, 2005, p. 201.

COUTINHO, A. S. **As crianças no interior da creche**: a educação e o cuidado nos momentos de sono, higiene e alimentação. Florianópolis, SC. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

_____. **A ação social dos bebês**: um estudo etnográfico no contexto da creche. Tese de Doutorado em Estudos da Criança. Especificidade em Estudos da Infância. Universidade do Minho. Instituto de Educação, 2010.

DELGADO, A. C. C. e MÜLLER, F. **Sociologia da Infância**: Pesquisa com crianças. Educação e Sociedade. Campinas v. 26 n. 91 p. 337-712 Maio/Ago. 2005

DEL PRIORI, M. (org); Carla Bassanezi. **História das mulheres no Brasil**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ELMÔR, L. N. R. **Recursos comunicativos utilizados por bebês em interação com diferentes interlocutores, durante o processo de adaptação à creche**: um estudo de caso. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2009.

FALK, J. **Educar os três primeiros anos**: a experiência de Lóczy. (Tradução de Suely Amaral Mello). Araraquara (SP): JM Editora, 2004.

FARIA, A. L. G. In: **Educação pré-escolar e cultura**. Campinas: Cortez/Editora da UNICAMP, 1999.

FERREIRA, M. M. **Salvar os corpos forjar a razão**. Contributo para uma análise crítica da criança e da infância como construção social em Portugal. IIIIE, Lisboa, 2000.

GRAUE, Elizabeth; WALSH, Daniel. **Investigação etnográfica com crianças**: teorias, método e ética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

GUIMARÃES, D. O. **Relações entre adultos e crianças no berçário de uma creche pública na Cidade do Rio de Janeiro: técnicas corporais, responsividade, cuidado.** Tese de doutorado. PUC – Rio de Janeiro, 2008.

_____. Na creche, o cuidado como ética: caminhos para o diálogo com bebês. In: KRAMER, S. (org.). **Retratos de um desafio: crianças e adultos na educação infantil.** São Paulo: Ática, 2009. p. 24-35.

HEVESI, K. **Relação através da linguagem entre a educadora e as crianças de grupo.** In: FALK J. (Org.). **Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy.** São Paulo: JM editora, 2004.

JOBIM E SOUZA, S. **Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin.** 12 ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.

JOBIM E SOUZA, S. e CASTRO, L. R. **Pesquisando com crianças: subjetividade infantil, dialogismo e gênero discursivo.** In: CRUZ, S. H. V. **A criança fala: a escuta das crianças em pesquisa.** CRUZ, S. H. V.. (org.). São Paulo: Cortez, 2008.

KOAHN, W. O. **Infância estrangeiridade e ignorância: ensaios de filosofia e educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KONDER, L. **O que é dialética.** São Paulo: Brasiliense, 2008.

KRAMER, S. **Retratos de um desafio: crianças e adultos na educação infantil.** São Paulo: Ática, 2009.

KUHLMANN JR., M. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica.** Porto Alegre: Mediação, 1998.

LARROSSA, J. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas.** 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MALAGUZZI, L. **Invece Il cento c'e.** In: EDWARD, C. GANDIN, L. FORMAN, G. **Cento linguaggi dei bambini.** Itália: Edizione Junior, 1995.

MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin: outros conceitos-chaves.** Paulo: Contexto, 2006. pp. 115-131.

MOLLO-BOUVIER, S. Transformação dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica. In: **Educação e Sociedade**. Campinas v. 26 n. 91 p. 337-712 Maio/Ago. 2005

MUSATTI, T. Modalidade e problemas do processo de socialização entre crianças na creche. In: BONDIOLI, A e MANTOVANI, S. **Manual de Educação infantil**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. pp. 189-201

ÒDENA, P. **Infancia y escuela de o a 3 años**. Rosa Sensat. Madri. 1995.

OLIVEIRA, Z. M. (org.). **Creches: crianças, faz de conta & Cia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

OLIVEIRA, A. M. R. **Entender o outro (...) Exige mais, quando o outro é uma criança**: Reflexões em torno da alteridade da infância no contexto da educação infantil. In: SARMENTO, M. J. e CERISARA, A. C. **Crianças e miúdos**: Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação. Porto- Portugal: Edições ASA, 2004.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

PASOLINI, P.P. **Os jovens infelizes**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PEREIRA, R. F. **As crianças bem pequenas na produção de suas culturas**. Porto Alegre, 2011. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, UFRGS.

PINO, A. **As marcas do humano**: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2005.

PINTO, M. e SARMENTO, M. J. **As crianças**: Contextos e identidades. Portugal, Centro de Estudos da Criança: Editora Bezerra, 1997.

PROUT, A. **Reconsiderar a nova Sociologia da Infância**: para um estudo multidisciplinar das crianças. Ciclo de Conferências em Sociologia da Infância. 2003/2004. IEC. Tradução: Helena Antunes. Braga/Portugal: 2004 (digitalizado)

ROCHA, E. A. C. **A Pesquisa em Educação Infantil no Brasil:** trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma Pedagogia da Educação Infantil. Florianópolis, Centro de Ciências da educação, Núcleo de Publicações, 1999.

_____. **Por que ouvir as crianças?** Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, S. H. V. **A criança fala:** a escuta das crianças em pesquisa. CRUZ, S. H. V.. (org.). São Paulo: Cortez, 2008.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C. A pesquisa na universidade e a educação da criança pequena. In: **Cadernos de pesquisa**. Nov. 1988, vol. 67, p. 59-63.

SACRISTÁN, J. G. **O aluno como invenção.** (Tradução Daizy Vaz de Moraes) Porto Alegre: Artmed, 2005

SARMENTO, M. J. e CERISARA, A. C. **Crianças e miúdos:** Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação. Porto- Portugal: Edições ASA, 2004.

SARMENTO, M. J. **Gerações e alteridade:** interrogações a partir da sociologia da infância. In: **Educação & Sociedade**, 2005, vol. 26, nº. 91.

SCHMITT, R. **Mas eu não falo a língua deles! As relações sociais de bebês em creches.** Florianópolis, 2008. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação), Centro de Educação, UFSC.

SENSAT, R. **La estética en el pensamiento y obra pedagógica de Loris Malaguzzi.** Madri: Ediciones Octaedro, 2006.

_____. **Qué haremos cuando seamos pequeños?** Barcelona: Ediciones Octaedro, 2002.

SIEBERT, R. O adulto frente à criança: ao mesmo tempo igual e diferente. In: BONDIOLI, A. e MANTOVANI, S. **Manual de Educação infantil**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TARDOS, A. e SZANTO, A. **O que é autonomia na primeira infância?** In FALK J. (Org.). Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy. São Paulo: JM editora, 2004.

TRISTÃO, F. C. D. A sutil complexidade das práticas pedagógicas com bebês. In: MARTINS FILHO, A. J. et al. **Infância plural:** crianças do nosso tempo. Porto Alegre: Mediação, 2006.

VINCZE, M. **Atividades em comum em um grupo de crianças de até dois anos e meio.** In: Falk, J. (Org.) Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy. São Paulo: JM editora, 2004

VYGOTSKY, L. S. **Obras Escolhidas** vol. IV. Madrid: Visor, 1996.

_____. **Pensamento e linguagem.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. Manuscritos de 1929. **Educação & Sociedade.** (Tradução brasileira do Russo - PINO, Angel. A. A. Puzirei) Cedes, 2000, 71; p. 21-44.

WALLON, H. **Psicologia e Educação da Infância.** Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

WARDE, M. J. Repensando os estudos sociais de história da infância no Brasil. **Revista Perspectiva.** Florianópolis: jan/jun.2007. v. 25, n. 1, p. 21-39.

WUNDER, A. Fotografias como exercício do olhar. In: 29ª Reunião Anual da associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Grupo de Trabalho 16 - Educação e Comunicação. 2006. Caxambu, MG. **Anais da....** Caxambu, MG, 2006. CD-ROM.

ANEXOS

ANEXO I: Carta aceite da diretora da creche



PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
CRECHE ALTINO DEALTINO CABRAL

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender as exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal da Instituição, tomei conhecimento do projeto de pesquisa: **As estratégias comunicativas e a constituição das linguagens entre os bebês no contexto coletivo creche**, e cumprirei os termos da Resolução CNS 196/96 e suas complementares, e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

Florianópolis, /...../.....

ANEXO II: Termo de compromisso das pesquisadoras

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO E INFÂNCIA
PROFESSORA DRA ELOISA ACIRES CANDAL ROCHA

DECLARAÇÃO

Declaro que, no desenvolvimento do projeto de pesquisa **As estratégias comunicativas e a constituição das linguagens entre os bebês no contexto coletivo creche**, cumprirei os termos da Resolução CNS 196/96 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Declaro, ainda, que não há conflitos de interesses entre a (s) pesquisadora (s) e participantes da pesquisa. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto em questão.

Florianópolis, _____ de agosto de
2010.

ASSINATURA

Prof. Dra. Eloisa Acires Candal Rocha
Pesquisadora Responsável/Orientadora

ASSINATURA

Joselma Salazar de Castro
Pesquisadora Principal/Orientanda

ANEXO III: Termo Consentimento das famílias

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: As estratégias comunicativas e a constituição das linguagens entre os bebês no contexto coletivo creche

Nome do (a) Pesquisador (a): Joselma Salazar de Castro

Nome do (a) Orientador (a): Prof^ª. Dra. Eloisa Acires Candal Rocha

O seu/sua filho/a está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa, que tem como finalidade compreender como se constitui a linguagem nos bebês, no sentido de identificar que estratégias de comunicação os bebês utilizam antes da fala, no contexto coletivo da creche. Os participantes da pesquisa serão bebês do Grupo I que frequentam a Creche⁴⁷ da Rede Municipal de Educação Infantil Pública do Município de Florianópolis/SC, situada no bairro Santo Antônio de Lisboa.

Para que seu/sua filho/a participe deste estudo, o/a Sr. (Sra.) necessita permitir que o(a) pesquisador(a) colete, analise e publique os dados observados por meio de registros escritos, fotográficos e de filmagens, para a comunidade científica, bem como para a sociedade civil. O/a Sr. (Sra.) tem liberdade de recusar que seu/sua filho/o participe e ainda se recusar que o bebê continue participando, em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para ao Sr. (Sra.) e para o bebê, tendo em vista que será necessário justificar a participação e a desistência no desenvolvimento da pesquisa, na redação do trabalho final. Sempre que quiser, o Sr. (Sra.) poderá pedir mais informações sobre a pesquisa, através do telefone do(a) pesquisador(a) do projeto e, se necessário, através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais, como, por exemplo, mencionar o nome dos participantes na pesquisa, na unidade escolar e/ou em outras instituições. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à dignidade dos bebês.

Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o(a) pesquisador(a) e o(a) orientador(a) terão conhecimento dos dados.

⁴⁷ Suprimido o nome da creche.

Ao participar desta pesquisa, o/a Sr. (Sra.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações e contribuições importantes sobre as estratégias de comunicação e a constituição da linguagem nos bebês, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta investigação possa proporcionar uma ampliação da compreensão de como os bebês se manifestam, como solicitam e como se relacionam e interagem com outros bebês e com os adultos antes da linguagem oral (a fala) ser desenvolvida. Dessa forma, o (a) pesquisador (a) se compromete a divulgar os resultados obtidos.

O/a Sr. (Sra.), da mesma forma que os bebês, não terão nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago pela participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto consentimento para que meu/minha filho/a participe da pesquisa

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

Contato:

Pesquisador: josalazar@ig.com.br / Fone: (048) 8803-7787

Orientador: eloisa@ced.ufsc.br

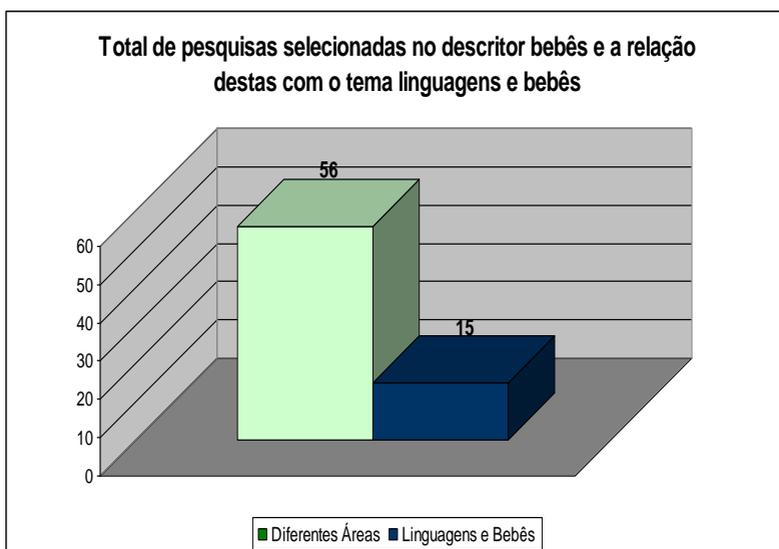
ANEXO IV: Gráficos**GRÁFICOS RELACIONADOS À PESQUISA EMPÍRICA SOBRE A PRODUÇÃO NACIONAL COM OS BEBÊS E A RELAÇÃO COM A CONSTITUIÇÃO DA LINGUAGEM****PESQUISAS COM BEBÊS NO CONTEXTO COLETIVO CRECHE**

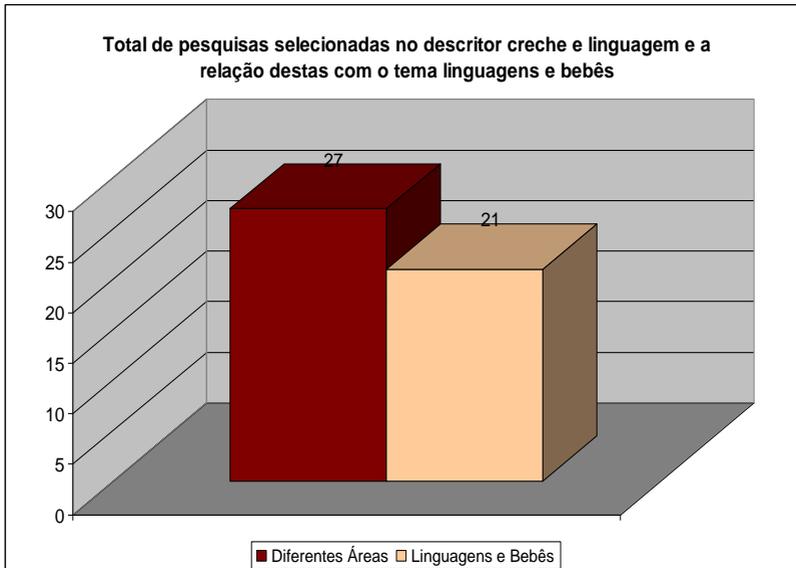
Gráfico I: Pesquisas com bebês no contexto coletivo creche

Fonte: Portal de Dados da CAPES – Elaboração minha

PESQUISAS RELACIONADAS À CONSTITUIÇÃO DA LINGUAGEM DOS BEBÊS

Gráfico II: Pesquisas relacionadas à constituição da linguagem dos bebês

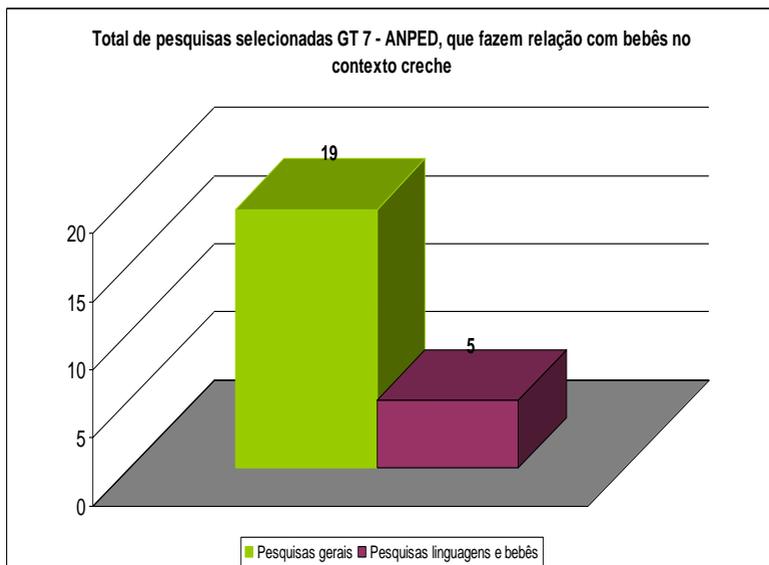
Fonte: CAPES – Elaboração minha



ARTIGOS RELACIONADOS AO ESTUDO COM BEBÊS NO CONTEXTO COLETIVO DA CRECHE

Gráfico III: Artigos relacionados ao estudo com bebês no contexto coletivo da creche

Fonte: GT7-ANPED – Elaboração minha



ARTIGOS RELACIONADOS AO ESTUDO COM BEBÊS NO CONTEXTO COLETIVO DA CRECHE E A RELAÇÃO COM A LINGUAGEM

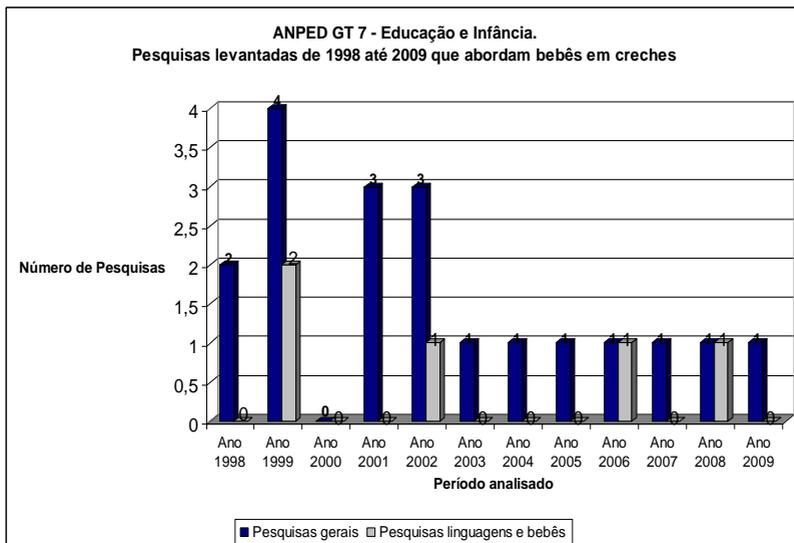


Gráfico IV: Artigos relacionados ao estudo com bebês no contexto coletivo da creche e a relação com a linguagem

Fonte: GT7-ANPED – Elaboração minha

ANEXO V: Tabelas de pesquisas do levantamento bibliográfico
Elaboração minha

**BANCO DE DADOS DA CAPES A PARTIR DO DESCRITOR:
*BEBÊS***

TESE/DISSERTAÇÃO ANO TÍTULO AUTOR	Mestrado - 2005 Interação, jogo e linguagem: perspectivas para se discutir a educação infantil. BORTOLUZZI, Sara Dagios
INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
ÁREA	EDUCAÇÃO
TESE/DISSERTAÇÃO ANO TÍTULO AUTOR	Mestrado - 2006 Do olhar que convoca ao sorriso que responde: possibilidades interativas entre bebês. CAMERA, HILDAIR GARCIA.
INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ÁREA	EDUCAÇÃO
TESE/DISSERTAÇÃO ANO TÍTULO AUTOR	MESTRADO - 2008 Mas eu não falo a língua deles! As relações sociais de bebês num contexto de educação infantil SCHMITT, ROSINETE VALDECL.
INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
ÁREA	EDUCAÇÃO
TESE/DISSERTAÇÃO ANO TÍTULO AUTOR	DOCTORADO - 2002 A canção do desejo: da voz materna ao brincar com os sons, a função da música na estruturação psíquica do bebê e sua constituição como sujeito.

	STAHLSCHMIDT, ANA PAULA MELCHIOR.
INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ÁREA	EDUCAÇÃO
TESE/DISSERTAÇÃO ANO TÍTULO AUTOR	Mestrado - 2006 Processos interativos de bebês, no decorrer do primeiro ano de vida, analisados a partir de uma perspectiva dialógica. ANJOS, Adriana Mara dos
INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO/ RIBEIRÃO PRETO
ÁREA	PSICOLOGIA
TESE/DISSERTAÇÃO ANO TÍTULO AUTOR	Mestrado - 2006 A comunicação na interação bebê-educadora nos primeiros dois anos de vida. BRESSANI, Maria Cristina.
INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ÁREA	PSICOLOGIA
TESE/DISSERTAÇÃO ANO TÍTULO AUTOR	Mestrado - 2004 O brincar na creche: linguagem, desenvolvimento e prática social construída na interação MARTINS, Elizabeth Maria
INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ÁREA	PSICOLOGIA
TESE/DISSERTAÇÃO ANO TÍTULO AUTOR	Doutorado - 1998 Da ação à linguagem na interação criança-criança: um processo de construção. CORDEIRO, Gláís Sales

INSTITUIÇÃO	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
ÁREA	LINGUÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA LINGUAGEM
TESE/DISSERTAÇÃO ANO TÍTULO AUTOR	Mestrado - 1998 A fala das mães com os bebês: um estudo sobre a evolução do léxico materno RODRIGUES, Adriane de Felipe
INSTITUIÇÃO	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ÁREA	LINGUÍSTICA E LETRAS
TESE/DISSERTAÇÃO ANO TÍTULO AUTOR	Mestrado – 2002 Aspectos semânticos e pragmáticos nas alterações de desenvolvimento de linguagem RODRIGUES, Amália
INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ÁREA	LINGUÍSTICA
TESE/DISSERTAÇÃO ANO TÍTULO AUTOR	Mestrado - 2006 Desenvolvimento da Comunicação no 1º ano de vida de uma díade mãe-bebê prematuro SILVA, ANGELA MARIA REVOREDO DA
INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
ÁREA	CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
TESE/DISSERTAÇÃO	Profissionalizante - 2007

ANO TÍTULO AUTOR	Atraso no desenvolvimento e fatores associados em crianças de 12 a 36 meses ALBUQUERQUE, Lia Cavalcanti de
INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
ÁREA	SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE
TESE/DISSERTAÇÃO ANO TÍTULO AUTOR	Mestrado - 2006 Acompanhamento do desenvolvimento infantil em creches BETELI, Vivian Cesar
INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ÁREA	ENFERMAGEM
TESE/DISSERTAÇÃO ANO TÍTULO AUTOR	Mestrado - 2004 Intervenção motora: efeitos no comportamento do bebê no terceiro trimestre de vida em creche de Porto Alegre CARDOSO, Regina Mara
INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ÁREA	CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO
TESE/DISSERTAÇÃO ANO TÍTULO AUTOR	Mestrado - 2001 Estudo dos efeitos linguístico - discursivos na interação criança: criança suas implicações na fonoaudiologia MORAIS, CLAUDIA ANGELICA LEME DE ALMEIDA
TESE/DISSERTAÇÃO ANO TÍTULO AUTOR	Mestrado - 2007 Deficiência de ferro e as repercussões sobre o desenvolvimento de linguagem e audição de crianças de uma creche pública de Belo Horizonte SANTOS, GABRIELANA NUNES

INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ÁREA	CIÊNCIAS DA SAÚDE
INSTITUIÇÃO	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
ÁREA	FONOAUDIOLOGIA
TESE/DISSERTAÇÃO ANO TÍTULO AUTOR	Mestrado - 2001 O conversar com crianças de creches segundo suas educadoras/cuidadoras SHIBAYAMA, ROSEMEIRE DOS SANTOS LIA
INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ÁREA	CIÊNCIAS DA SAÚDE

BANCO DE DADOS DA CAPES A PARTIR DO DESCRITOR: *CRECHE LINGUAGEM*

TESE/DISSERTAÇÃO ANO TÍTULO AUTOR	Mestrado - 2006 O som como linguagem e manifestação da pequena infância: música? percussão? barulho? ruído? PIRES, Maria Cristina de Campos
INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
ÁREA	EDUCAÇÃO
TESE/DISSERTAÇÃO ANO TÍTULO AUTOR	Mestrado - 2007 A linguagem psicocorporal como expressão de estado lúdico BACELAR, VERA LÚCIA DA ENCARNAÇÃO
INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ÁREA	EDUCAÇÃO

TESE/DISSERTAÇÃO ANO TÍTULO AUTOR	Mestrado – 2003 A sensibilidade para a leitura desde o período sensorio-motor: um estudo em busca de caminhos para formar leitores CARBELO, SANDRA REGINA CASSOL
INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
ÁREA	EDUCAÇÃO
TESE/DISSERTAÇÃO ANO TÍTULO AUTOR	Mestrado - 1994 As primeiras notações gráficas na criança: estudo com crianças entre 2 e 4 anos de idade GARCIA, JEANE DE JESUS ZANETTI
INSTITUIÇÃO	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
ÁREA	EDUCAÇÃO
TESE/DISSERTAÇÃO TÍTULO AUTOR	Mestrado - 1995 As palavras e gestos no jogo interativo: um estudo dos processos de significação no cotidiano de um berçário de creche. CRUZ, MARIA NAZARE DA
INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
ÁREA	EDUCACAO
TESE/DISSERTAÇÃO TÍTULO AUTOR	Doutorado - 2002 A interação de bebês com a linguagem FACCHINI, LUCIANA.
INSTITUIÇÃO	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ÁREA	EDUCAÇÃO
TESE/DISSERTAÇÃO TÍTULO AUTOR	Mestrado - 2007 A música na educação infantil: o movimento dos bebês em ambiente musical. SOARES, CINTIA LIA DA SILVA.

INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ÁREA	EDUCAÇÃO
TESE/DISSERTAÇÃO TÍTULO AUTOR	Mestrado - 2006 Um berçário público no Município do Rio de Janeiro: vozes em elos de singularidade e coletividade ALMEIDA, Sandra Cristina Ferreira de Sousa Pastorino de
INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
ÁREA	EDUCAÇÃO
TESE/DISSERTAÇÃO TÍTULO AUTOR	DOUTORADO - 2008 Relações entre adultos e crianças no berçário de uma creche pública na Cidade do Rio de Janeiro: técnicas corporais, responsividade, cuidado. Guimarães, Daniela de Oliveira.
INSTITUIÇÃO	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
ÁREA	EDUCAÇÃO

GT 7 - ANPED

TÍTULO AUTOR	A PEDAGOGIA DOS PEQUENOS: UMA CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES ITALIANOS GUIMARÃES, Daniela & LEITE, Maria Isabel
INSTITUIÇÃO	PUC-Rio
ANO	1999
TÍTULO AUTOR	ABORDAGEM SOCIAL ENTRE CRIANÇAS NO CONTEXTO DE CRECHE MORAIS, Regiane Sedenho de RUBIANO, Márcia Regina Bonagamba
INSTITUIÇÃO	

ANO	1999
TÍTULO AUTOR	EDUCAÇÃO INFANTIL: ESPAÇO DE EDUCAÇÃO E CUIDADO COUINHO, Ângela Maria Scalabrin
INSTITUIÇÃO	UFSC
ANO	2002
TÍTULO AUTOR	ENTRE A INSTRUÇÃO E O DIÁLOGO: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EDUCACIONAL DAS CRECHES GUIMARÃES, Daniela.
INSTITUIÇÃO	PUC-Rio
ANO	2006
TÍTULO AUTOR	NO CONTEXTO DA CRECHE, O CUIDADO COMO ÉTICA E A POTÊNCIA DOS BEBÊS GUIMARÃES, Daniela de Oliveira
INSTITUIÇÃO	PUC-Rio
ANO	2008

OUTRAS PESQUISAS...

TÍTULO AUTOR ÁREA	Desenvolvimento cognitivo e de linguagem expressiva em bebês pré-termo muito baixo peso em seus estágios iniciais. Tese de Doutorado BÜHLER, K. E. C. B. Área de concentração: Comunicação Humana
INSTITUIÇÃO	Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.
ANO	2008

TÍTULO AUTOR ÁREA	Recursos comunicativos utilizados por bebês em interação com diferentes interlocutores, durante o processo de adaptação à creche: um estudo de caso. Dissertação de Mestrado. ELMÔR, L. N. R. Área de concentração: Psicologia
INSTITUIÇÃO	Programa de Pós-graduação em Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo
ANO	2009
TÍTULO AUTOR ÁREA	Expressividade e emoções na primeira infância: um estudo sobre a interação criança-criança na perspectiva walloniana. Dissertação de Mestrado RODRIGUES, S. A.
INSTITUIÇÃO	Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP/ Campus de Presidente Prudente.
ANO	2008
TÍTULO AUTOR ÁREA	Interação social e comunicação na primeira infância. 2008. Tese de Doutorado – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo 2008. SESTINI, A. E. Área de concentração: Educação

ANEXO VI: Tabela para organização das categoria das análises

Elaborada pela autora Joselma Salazar de Castro e inspirada na organização da Dissertação de Mestrado da autora Rosinete Schmitt (2008).

O QUE OBSERVEI:	RESUMO DO DIÁRIO DE CAMPO	RESUMO DO DIÁRIO DE CAMPO
BEBÊ SOZINHO		
BEBÊ EM INTERAÇÃO COM OUTROS BEBÊS DO GRUPO		
BEBÊ EM INTERAÇÃO COM OS ADULTOS DO GRUPO		
BEBÊ EM INTERAÇÃO COM A PESQUISADORA		
BEBÊ EM INTERAÇÃO COM OUTRAS CRIANÇAS DA CRECHE		
BEBÊ EM INTERAÇÃO COM OUTROS ADULTOS DA CRECHE		
BEBÊ EM INTERAÇÃO COM OBJETO E OU BRINQUEDOS		
BEBÊ SOZINHO OBSERVANDO OUTROS BEBÊS		
SITUAÇÕES DIVERSAS		
BEBÊ EM INTERAÇÃO COM CRIANÇAS E ADULTOS		